

SOMOS O QUE FAZEMOS DE NÓS

WALDENIR APARECIDO CUIN



SOMOS O QUE FAZEMOS DE NÓS

Waldenir Aparecido Cuin

2013

Agradecemos

Aos jornais "Diário de Votuporanga" e "A Cidade", pela publicação dos artigos que compõem este livro, em colunas espíritas publicadas aos domingos, sempre de forma gratuita.

À "Folha Espírita", de São Paulo-SP, e à revista espírita "O Consolador", de Londrina-PR, por também publicarem boa parte dos textos aqui inseridos.

Dedicatória

Dedicamos esta obra:

Ao senhor José Bruno Mattiazzo, hoje na espiritualidade, a quem devemos um enorme tributo de gratidão por nos ter guiado na direção do Espiritismo.

E ao estimado casal Ilda e Romeu Grisi, valorosos pilares de sustentação do Espiritismo em Votuporanga, nossa referência e modelo.

Índice

Notas sobre o Autor

Introdução

1. Abortar o feto anencéfalo é matar quem muito precisa da nossa ajuda
2. Alcoolismo juvenil: Uma omissão familiar
3. Jesus: "Eu venci o mundo"
4. Refletindo sobre a criança
5. A determinação em recomeçar
6. O ideal sem a ação é proposta ineficaz
7. O reflexo das emoções no corpo físico
8. Ninguém está desamparado
9. Se queremos um mundo melhor...
10. Juventude não é sinônimo de libertinagem
11. Henrique e o Dia dos Pais
12. Ninguém é culpado pela nossa dor
13. Mesmo no suicídio não morremos
14. As diversas formas da caridade
15. Melhorar a sociedade é tarefa nossa
16. A força contagiosa de uma iniciativa no bem
17. Ser feliz e viver em paz
18. Causas anteriores e atuais das nossas aflições
19. Educar é uma missão
20. Renato e o "Catatau"
21. O que estamos fazendo com as lições de Jesus
22. Discípulos de Jesus
23. Use as suas mãos
24. Falso testemunho
25. Perdendo tempo
26. A distinção entre o bem e o mal
27. É preciso compreender e praticar Jesus
28. Observemos o sofrimento ao nosso redor e sirvamos
29. A opção de Mariana
30. Cristianismo é sinônimo de trabalho
31. Rogativa a Jesus
32. Quando vivemos o Evangelho
33. Ajudar aos que não querem ajuda
34. O bem está ao alcance de todos
35. A constante proteção divina

36. Os valorosos benefícios da doação
37. Que mensagem estamos transmitindo?
38. A fonte divina
39. Alfredo e a força de vontade
40. Lembrança de nossos mortos
41. O significado da reencarnação
42. Carregar a nossa cruz
43. O despertar da consciência
44. Aprender com Jesus Cristo
45. Maria Antônia e o valor da prece
46. Dores ocultas
47. Nem tudo nos convém
48. Seria interessante ter o futuro revelado?
49. Jesus Cristo: o modelo a ser seguido
50. Amor e sabedoria
51. Não é saudável julgar o próximo
52. Evitemos guardar mágoas e ressentimentos
53. A guerra que cultivamos todos os dias
54. A presença constante da proteção divina
55. Morre o corpo, prossegue a vida
56. Como seremos recebidos no mundo espiritual?
57. Atributos de Deus
58. Ter fé é diferente de crer
59. O limite do necessário
60. Somos o que fazemos de nós

Notas sobre o Autor

Waldenir Aparecido Cuin, natural de Cosmorama (SP), é casado com Emilly Aparecida, com quem teve dois filhos, Marcelo e Tatiana (desencarnada).

Formado em Administração de Empresas, é funcionário público municipal aposentado.

Participa do Centro Espírita Humberto de Campos e do seu departamento assistencial, a Associação Beneficente "Irmão Mariano Dias", em Votuporanga (SP), onde reside.

É autor dos livros *Caminhos de Esperança, Otimismo e Alegria, Perguntando e Aprendendo, Perfil da Felicidade, Em Busca da Paz, Mensagens de esperança e paz, Usando nossos talentos, Multiplicando nossos talentos e Respostas dos Espíritos*.

Escreve regularmente sobre Espiritismo no jornal *A Cidade* e no *Diário de Votuporanga*, na *Folha Espírita*, de São Paulo (SP), na revista *Luz e Verdade*, de Lisboa, e na revista espírita "O Consolador", de Londrina (PR), e apresenta o programa radiofônico "Momento de Reflexão" na Rádio Clube de Votuporanga.

Introdução

Quando Jesus Cristo, o guia e modelo mais perfeito que Deus ofereceu aos homens, informou a necessidade de conhecermos a verdade, pois que ela nos permitirá a liberdade, apresentou-nos a chave capaz de abrir as algemas da nossa ignorância, conseqüentemente ampliando o leque da nossa visão e facultando nossa conscientização sobre os reais valores da vida.

O Mestre apontou, naquele momento histórico, a quem quisesse ouvi-Lo, os caminhos dos estudos, das reflexões, da responsabilidade e da maturidade espiritual, posturas nobres, com solidez suficiente para nos manter no mundo físico, de curta duração, com os olhares voltados para a vida espiritual, eterna, infinita, imortal...

Posteriormente, o Divino Amigo enviou-nos Allan Kardec, assessorado pela expressiva e fecunda equipe do Espírito da Verdade, e ambos, num esforço hercúleo e profícuo, legaram à humanidade a codificação kardequiana, que é que existe, no mundo, de mais completo e atual com respeito à espiritualidade.

Tem, portanto, o presente livro a proposta de oferecer aos leitores estudos, reflexões, análises e comentários sobre as valiosas e imprescindíveis lições do Cristo, sob a égide da lucidez e do bom senso de Allan Kardec.

Trata-se de singela contribuição que se soma a tantas outras, ficando à disposição dos interessados.

Em momento de intensos desafios, no roteiro da jornada terrena, imprescindível se torna que realmente saibamos de onde viemos, o que aqui fazemos e para onde vamos. Mesmo mergulhados em grandes sacrifícios e em infundáveis renúncias, sigamos determinados em busca dos recursos que a Providência Divina espalhou ao nosso redor, manipulando-os devidamente para extrairmos o néctar da evolução espiritual.

Em nenhum momento da humanidade tivemos tantas informações como nos dias atuais, mas ainda identificamos no seio das coletividades incontáveis gemidos de dor, de angústias, de insatisfações e de conflitos, sinais evidentes de que ainda não logramos conhecer e usufruir a verdade que liberta.

Estudemos Jesus e Kardec e, por certo, as portas da compreensão se abrirão para a entrada de um futuro indiscutivelmente promissor.

Abortar o feto anencéfalo é matar quem muito precisa da nossa ajuda

“O aborto provocado é um crime, qualquer que seja a época da concepção? -- Há sempre crime, quando se transgride a lei de Deus. A mãe, ou qualquer pessoa, cometerá sempre um crime ao tirar a vida à criança antes do seu nascimento, porque isso é impedir a alma de passar pelas provas de que o corpo devia ser o instrumento.” (Questão 358, de “O Livro dos Espíritos” – Allan Kardec.)

Dentro da lógica e da evidência da realidade, não temos dúvidas em concluir que somos Espíritos eternos, criados por Deus na simplicidade e na ignorância, tendo como objetivo atingir a perfeição, onde lograremos usufruir da paz e da felicidade que tanto almejamos. Mas, no contexto dessa longa jornada, que nos conduzirá do estado inferior à angelitude, fazemos uso do livre-arbítrio e do esforço próprio.

A Providência Divina, no âmbito da sua sabedoria, fraternidade e justiça, nos aquinhoa com os recursos e mecanismos de que temos necessidade, visando à concretização da nossa proposta de evolução, mas a tarefa de crescer espiritualmente é totalmente nossa.

Somos absolutamente livres para decidir e escolher caminhos, devendo apenas, dentro da lei de ação e reação ou de causa e efeito, colher os reflexos de cada ação praticada. “Do que plantares, colherás.” (Paulo, Gálatas, 6,8)

Com relação ao aborto, esse lamentável e covarde gesto de aniquilar o corpo em formação, de quem não tem como se defender, podemos imaginar a seguinte comparação:

Um familiar querido, numa ação equivocada, desobedecendo às leis de trânsito, sofre um grave acidente, ficando com visíveis sequelas em seu corpo. Necessita dos serviços hábeis de médicos competentes, remédios adequados, hospital bem equipado e corpo de enfermagem bem estruturado, para que recupere a normalidade do seu físico ferido.

Qualquer um de nós que amamos a criatura do exemplo citado faremos o máximo esforço e nos dedicaremos ao extremo para vê-la refeita e saudável. Movimentaremos toda a nossa potencialidade em favor

da sua recuperação. Deixá-la à própria sorte seria comportamento desumano e infeliz.

Diante do familiar recuperado nos exultaremos de alegria e contentamento e ele se desdobrará em agradecimentos por todos que o socorreram.

Vislumbremos, agora, na tela da imaginação, o sofrimento de um Espírito, também querido familiar nosso, depois de ter falido na sua existência física, deixando o mundo material pelas nefastas vias do suicídio, mediante o disparo de uma arma de fogo contra a sua cabeça.

O ferimento provocado no corpo físico, por deliberação própria, em momento de aflição e desespero, deixando fortes sequelas em seu corpo espiritual, ao ponto de remetê-lo ao mundo dos desencarnados em grave estado de perturbação e desequilíbrio, somente poderá ser sanado com a volta do Espírito, numa nova reencarnação, para reparar na matéria os danos perpetrados.

Precisa ele de um novo corpo, a se formar no ventre de uma mãe que possa entender as suas dores e angústias. Acontece então a gravidez, e esse Espírito ferido – desarrumado, perturbado e sofrido, cheio de esperança na harmonização emocional, psíquica e física – comanda a formação do novo corpo, que tem como modelo o seu perispírito.

No entanto, o seu perispírito, devido ao suicídio de ontem, encontra-se estrambelhado, o que determinará a formação de um corpo também estrambelhado, dando origem a um feto anencéfalo. Mas, nessas condições, quanto mais tempo o Espírito ficar ligado à matéria, mais condições tem de reparar os danos perispirituais.

Assim, mesmo que o feto do anencéfalo viva tão somente até o seu nascimento, ou quem sabe um pouco mais, terá o Espírito reencarnante feito um valioso trabalho de reequilíbrio mental e emocional.

Abortá-lo será negar-lhe a possibilidade de recuperação. Isso acontecendo, o Espírito ferido vê suas esperanças se esvaírem.

Onde, então, os nossos princípios cristãos? Onde o nosso amor e fraternidade por um familiar necessitado? Como determinar a morte de um ser amado, cujas mãos suplicantes nos imploram socorro?

Abortar o feto anencéfalo... Em nome do amor, não façamos isso...

Alcoolismo juvenil: uma omissão familiar

“Não se educa sendo deseducado. Não se disciplina sem estar disciplinado.” (Amélia Rodrigues, no Livro “Sementeira da Fraternidade”, psicografia de Divaldo P. Franco.)

Cresce no meio jovem o consumo de bebidas alcoólicas.

Bares, restaurantes, lanchonetes, clubes sociais e avenidas estão repletos de jovens que, displicentemente, fazem uso, em larga escala e abertamente, das bebidas deletérias e nocivas que não só desfiguram e arrasam o corpo, como também agridem e violentam o caráter.

Contra outros tipos de tóxicos levanta a sociedade, mesmo que palidamente, no combate, nem sempre eficaz, mas o álcool, esse “veneno livre”, campeia à solta, e quase sempre apoiado por grandes e bem produzidas campanhas de mídia e aceito com naturalidade por nós.

Tomar um “gole” ainda hoje, em pleno século XXI, quando o homem já foi à lua, passeou com um robô de controle remoto em Marte e avança esplendidamente em todos os setores da ciência, inclusive em conhecimentos de medicina, é um ato de afirmação do jovem, como sinônimo de que ele já começa a adentrar o sonhado mundo dos adultos. Puro engano!

Pena que a sua visão de vida e os seus objetivos na existência, muito acanhados, não lhe permitam identificar, também por falta de conscientização que o adulto não lhe deu, o abismo em que está mergulhando.

Uma organização infantojuvenil, em formação, sem dúvida, com ingestão de álcool não poderá possuir a saúde que teria se evitasse o consumo de tão corrosiva substância. Isso, evidentemente, sem citar os estragos morais da personalidade.

Mas o problema é muito sério e de uma gravidade sem conta.

Temos, sim, necessidade de maior participação de nossas autoridades constituídas, que muitas vezes laboram com grandes deficiências de material humano e de equipamentos, ante a situação caótica em que vive a sociedade.

Precisamos também que o comércio de bebidas alcoólicas não venda essa “tragédia engarrafada ou enlatada” aos menores.

No entanto, a solução só virá com a devida conscientização da família. Não haverá outro meio e nem outros mecanismos que evitem a derrocada da grande maioria dos nossos jovens.

Já foi dito que a criança ou o jovem imitam o adulto, isso significa dizer que se o jovem está utilizando o álcool é porque viu o adulto fazê-lo.

E o que é mais grave: esses jovens, em grande escala, consomem bebidas junto com seus pais ou responsáveis, em clima de festa, de euforia mesmo. Lamentável!

Indiscutivelmente, pais que consomem álcool não têm moral para impedir que os filhos o façam. Não terão autoridade para dizer que faz mal à saúde física e ao caráter, pois que são escravos do vício.

É triste, muito triste mesmo, identificar que muitos alcoólatras que afirmam não sê-lo se escondem atrás das bebidas sociais, sim, aquelas que se consomem nas rodas da sociedade. O alcoólatra não é somente aquele que se estende numa sarjeta, mas é todo consumidor de álcool.

Dolorosa realidade a do alcoolismo juvenil; mais doloroso ainda é constatar, sem qualquer equívoco, a omissão da família. Esses pais, indiferentes e descuidados, estimulam ou se omitem hoje, para, provavelmente, chorarem amanhã, quando dificilmente haverá tempo para reparos.

Os nossos jovens precisam muito mais do que roupas da moda, carros do ano, motos envenenadas, escolas de alto nível, médicos especializados. Eles precisam de educação, que só virá por intermédio dos exemplos dos adultos, especialmente dos adultos com quem convivem.

O jovem que se dá ao consumo de bebidas alcoólicas é, muito frequentemente, vítima da omissão familiar.

Portanto, pouco vai adiantar a instituição de leis, normas, fiscalizações, se entre as paredes do lar a indiferença continuar.

Alcoolismo juvenil: a família precisa acordar.

Jesus: "Eu venci o mundo"

"Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo." (Jesus – João, 16:33.)

Vencer o mundo é bem diferente de vencer no mundo.

Sendo filhos de Deus, fomos criados na simplicidade e na ignorância, tendo como objetivo e meta chegar à perfeição, isso, obviamente, fazendo uso do livre-arbítrio e do esforço próprio, contando sempre com os mecanismos de apoio e segurança oferecidos pelo Pai Celestial.

No âmbito do código divino não existem privilégios a ninguém, assim, cada criatura humana colherá o fruto decorrente da semente plantada, recebendo o reflexo de cada ação que praticar.

Diante disso não podemos ignorar a importância que precisamos dar às prioridades que elegemos para a nossa vida, pois que, tendo a perfeição como meta a ser alcançada, todo o roteiro da existência terrena deverá manter em mira esse objetivo, uma vez que a paz que sonhamos e a felicidade que buscamos nascerão do equilíbrio das nossas atitudes.

Portanto, nossas conquistas e vitórias neste mundo serão relevantes à medida que nos assegurem prosperidade espiritual.

Quando Jesus afirmou que venceu o mundo, estava informando à humanidade que a verdadeira batalha a ser ganha é aquela que travamos, diariamente, contra as paixões inferiores e os arrastamentos de baixo nível que ainda insistem em nos fazer infelizes.

Muitos vencem no mundo, obtendo poder, glória, fortuna, destaque, fama, prestígio e tanto mais e perdem moralmente, pois que fazem uso dos mais sórdidos métodos para alcançarem os postos que carregam em mira. Não raras vezes triunfam sobre a dor e o sofrimento do próximo, abrindo as portas para o retorno, contra si mesmos, das consequências que decorrem dos atos nefastos que difundiram. No âmbito da irresponsabilidade, alimentam o mal que, indubitavelmente, no futuro, atingirá seus corações.

Ganham no mundo físico, mas fracassam espetacularmente nas esferas espirituais. Ostentam troféus e estandartes terrenos para depois aflitivamente gemerem nas paragens do Espírito.

Atualmente, ante tantas informações e esclarecimentos, não se pode mais negar que somos Espíritos eternos, e que a presente existência

terrena é apenas uma pequena etapa da nossa longa jornada evolutiva. No entanto, infelizmente, ainda vemos criaturas fazendo uso de seus dias como se fossem os últimos da sua vida total, se esforçando para extrair deles todo tipo de prazer e toda satisfação possível, mesmo que para isso tenham que ferir os mais mezinhos princípios da dignidade, nobreza e honradez.

Obviamente, é um ledo e terrível engano acreditar que alguns fugidios momentos de suposta felicidade aqui na Terra, conseguidos a qualquer custo, poderão contribuir para que cheguemos à perfeição espiritual a que estamos destinados pelas sábias e justas leis de Deus.

Não tenhamos qualquer dúvida: a nossa verdadeira e definitiva felicidade nascerá da felicidade que plantarmos nos corações alheios. Foi por isso que Jesus ensinou: "amai-vos uns aos outros" (João, 13:34)

Sem ilusões, não acreditemos que todas as vitórias obtidas no mundo físico nos assegurem uma boa posição no mundo espiritual, mas sim somente aquelas que tiveram como proposta a nossa melhoria interior. Aquelas que nos ajudaram no combate ao orgulho e ao egoísmo, que tantos males e prejuízos nos têm causado.

Os tempos são chegados, sim, são chegados para que tenhamos a mais absoluta convicção de que os valores a serem conquistados são aqueles que sustentam a nossa evolução como Espíritos eternos que somos, mesmo que para isso, aparentemente, tenhamos que perder aqui no mundo.

Assim, nos preocupemos, a exemplo de Jesus, em vencer o mundo, e, não, a qualquer custo vencer no mundo.

Reflitamos.

Refletindo sobre a criança

“Qual é, para o Espírito, a utilidade de passar pela infância?

– Encarnando-se com o fim de se aperfeiçoar, o Espírito é mais acessível, durante esse tempo, às impressões que recebe e que podem ajudar o seu adiantamento, para o qual devem contribuir os que estão encarregados da sua educação.” (Questão 383, de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.)

Trazendo na bagagem um mundo de sonhos e de esperanças, em grande quantidade partem os Espíritos do mundo espiritual para novos programas reencarnatórios, tendo em mente a concretização de propostas de redenção de um passado de equívocos e de ilusões e o exercício de novas e oportunas experiências, visando ao progresso e à prosperidade, rumo à perfeição a que todos estão destinados, conforme deliberações da Providência Divina.

Aportando ao mundo físico, esses filhos de Deus se aconchegam aos braços paternos, na condição de crianças tenras e indefesas, ficando à mercê dos cuidados que lhes dispensarão os adultos.

Com frequência afirmamos que a criança é o futuro. Quanto a essa constatação não paira nenhuma dúvida, apenas precisamos refletir madura e responsabilmente como estamos agindo com ela no presente, pois que necessita de referências dignas para que se torne homem de bem.

Ouvimos dizer que nesses pequenos seres estão depositadas as esperanças de um mundo de serenidade e paz. Precisamos, então, com determinação e coragem, exemplificar a eles comportamentos de harmonia e fraternidade na convivência social.

Acreditamos que as crianças que nascem diariamente carregam no íntimo a promessa do bem e da solidariedade. Assim, não podemos permitir que sejam contaminadas pelo mal, e, dentro das nossas possibilidades, devemos empreender todos os esforços, visando combater o orgulho e o egoísmo que, porventura, se apresentem em seus tenros corações.

A ingenuidade e a meiguice das crianças expressam a luminosidade da candura e da alegria e, para que possam clarear os caminhos da

humanidade, necessitam que não as abandonemos às trevas da ignorância, da indiferença e do descaso.

Obviamente, no presente, necessitam de alimentação condizente, roupas, brinquedos, remédios e outros, mas, para que se realizem devidamente no futuro, não prescindem de educação eficaz, com base fundamentada na formação do caráter.

Evidentemente, esses pequenos viajores se postam diante dos adultos de mãos estendidas suplicando por cuidados, respeito, amor, carinho, atenção e, principalmente, demonstrações de atitudes e comportamentos revestidos de moralidade, ética e decência. De posse de tais exemplificações, contarão com os recursos e mecanismos capazes de lhes assegurarem perspectivas de equilíbrio e honradez.

Mas se identificarem nos pais ou responsáveis as diretrizes da desonestidade, da cupidez, da irresponsabilidade, das viciações e do desrespeito, não tenhamos dúvidas de que conhecerão, com muita rapidez, os caminhos que os conduzirão à falência moral.

Não nos iludamos. Se pretendemos a construção de um mundo melhor, de uma sociedade mais digna, justa e humana, não privemos nossas crianças dos reais e imprescindíveis valores da vida.

Não basta dizer e esperar que os nossos filhos sejam o futuro, permanecendo de braços cruzados. Imprescindível se torna que os habilitemos, devidamente, para que possam viver em paz nos dias do porvir. Vamos educá-los hoje para que não choremos amanhã.

Pensem nisso...

A determinação de recomeçar

“Levantar-me-ei e irei ter com meu pai...” (Lucas, 15:18)

Quando o filho pródigo, descrito na parábola por Jesus, deliberou retornar aos braços paternos, após ter recebido sua herança e a desperdiçado em futilidades e ilusões, criou para nossa reflexão um dos mais significativos símbolos de arrependimento, coragem, determinação e maturidade.

Reconhecendo seus equívocos, não vacilou em recomeçar, aceitando a condição de empregado da propriedade do pai, pois tinha consciência de que não merecia ser tratado mais como um filho, embora não esperasse a reação fraterna do genitor que, ao avistá-lo, o acolheu num abraço carinhoso e meigo.

De nossa parte, inúmeras vezes também deliberamos seguir caminhos contrários àqueles que nos asseguram avanço moral, prosperidade intelectual e crescimento espiritual, criando a urgente necessidade de decidir por novos rumos e outras direções sustentadas pela esteira dos valores da dignidade, da honra e da honestidade.

Se preciso, ergamo-nos da inércia, da apatia e do desânimo e, fortalecidos pela fé, deixemos a rede macia do comodismo em esperar que a vida nos dê tudo de forma gratuita e busquemos conquistar virtudes, empreendendo esforços para a extinção dos defeitos que ainda nos mantêm na condição de inferioridade e sofrimento.

Se a tristeza insistir em povoar os nossos pensamentos e derramar insatisfações em nossa vida, levantemos a confiança em Deus e tenhamos a certeza incontestada de que o Pai Celestial, amoroso e bom, justo e perfeito, em circunstância alguma deixará de atender às nossas necessidades.

Se a moléstia insidiosa continuar a nos manter no leito de dor, embora todos os esforços de médicos, hospitais e remédios, levantemos a esperança nos dias do porvir, nos recursos que a tecnologia vem desenvolvendo, pois o amanhã poderá surgir com novas cores e propostas.

Se familiares queridos deixaram o nosso convívio pelos mecanismos da desencarnação, renascendo para a vida espiritual, abrindo enorme lacuna em nossos corações, que se repletem de saudades, levantemos a certeza

na imortalidade e prossigamos convictos de que um dia, no futuro, em outras dimensões vibratórias, novamente estaremos com eles.

Se o abandono e a solidão estiverem nos acompanhando com frequência, escurecendo os nossos momentos e amargurando a nossa vida, levantemos a vontade de refletir e meditar, pois às vezes, diante do nosso comportamento e atitudes, quem sabe estaremos impedindo a aproximação das pessoas ao nosso redor.

Se os recursos financeiros e materiais se escassearem, criando dificuldades e embaraços para que possamos honrar nossos compromissos, levantemos a força e a perseverança e saiamos a trabalhar ainda mais, na confiança de que o labor nos conduzirá a novas perspectivas.

Se os filhos que chegaram ao nosso lar – para os quais nos empenhamos ao máximo visando educá-los e mostrando-lhes os caminhos da decência e da dignidade – resolveram não atender aos nossos insistentes apelos de moralidade, levantemos a paciência e esperemos pelas sábias lições da vida, que farão, certamente, aquilo que não conseguimos fazer agora.

O filho pródigo, depois de perceber o equívoco cometido, diante do sofrimento decorrente da escassez de recursos financeiros por ter gasto a herança recebida de forma inútil, inconsequente e irresponsável, caindo no arrependimento, teve forças para levantar, sacudir a poeira e voltar ao lar paterno, nem que fosse na condição de um empregado do pai, para recomeçar a vida.

Em oportunidades inúmeras, também nós, ao percebermos os erros e os enganos deliberados, temos absoluta necessidade de levantar a nossa vida e buscar o apoio de Deus para recomeçar, e, por certo, Ele também abrirá seus braços para nos acolher num abraço...

Reflitamos...

O ideal sem a ação é proposta ineficaz

“... o ideal mais nobre, sem trabalho que o materialize, a benefício de todos, será sempre uma soberba paisagem improdutiva”. (Emmanuel, no livro “Fonte Viva”, item 39, psicografia de Francisco C. Xavier.)

Nunca lograremos sucesso em qualquer empreitada se não soubermos combinar nosso ideal com o indispensável esforço na concretização da proposta, em realidade palpável.

Não basta apenas idealizar, indispensável a ação determinada e perseverante na materialização dos nossos sonhos.

A semente é o projeto da árvore, mas, se não for colocada numa cova, regada e adubada convenientemente, não produzirá os frutos sadios que desejamos.

A criança que a providência divina coloca em nossos braços, se não receber os recursos indispensáveis do carinho e da educação, provavelmente terá imensas dificuldades em se transformar num homem de bem.

O edifício confortável e seguro, imaginado detalhadamente pelo engenheiro, nunca sairá do chão rumo ao céu sem a participação efetiva de pedreiros, serventes, encanadores, eletricitas e pintores.

Assim, também, a nossa vida. Se realmente desejamos ascensão e prosperidade espiritual, precisamos fazer a movimentação dos recursos que Deus, nosso Pai de eterna bondade e sabedoria extrema, nos disponibiliza, e que pululam em quantidade incomensurável ao nosso redor.

Animados e conscientes, dentro desse contexto, a fé e a convicção formarão a base sólida para as nossas ações, buscando a transformação dos ideais que carregamos em realizações concretas e acabadas, produzindo os resultados desejados.

Esperemos, sim, da providência divina, o amparo e o socorro de que temos necessidade, sem olvidar a parte que nos compete realizar. Mentos e braços precisam atuar juntos na pavimentação dos nossos sonhos e ideais, sustentados pelas sábias e indispensáveis leis do Criador.

Permanecendo omissos e descuidados, pelos longos caminhos da vida, com certeza poderemos aguardar, para os dias do futuro, a colheita de

sofrimentos e infortúnios, obviamente sem direito a lamentar os revezes nefastos que povoarão os nossos dias com aflições e amarguras.

Não se tem notícias de que alguém tenha colhido uma safra, com honestidade e honradez, decorrente de uma lavoura que não foi plantada.

Dentro do universo, toda criatura está sob os cuidados de outras criaturas, a não ser que não queira e, então, por si mesma, deliberará seguir seu rumo na contramão da lógica e da razão, carregando consigo a responsabilidade pelos atos e atitudes que produzirão os respectivos reflexos em momento oportuno.

Sonhar é preciso, alimentar ideais é indispensável, fazer projetos é prática louvável. Materializá-los, no tempo, com determinação, perseverança e coragem, será decisão sábia e oportuna, se é que realmente já vislumbramos e tomamos consciência dos caminhos que nos conduzirão à paz e à felicidade.

Reflitamos...

O reflexo das emoções no corpo físico

“Vives sitiado pela dor, pela aflição, pela sombra ou pela enfermidade? Renova o teu modo de sentir, pelos padrões do Evangelho, e enxergarás o Propósito Divino da Vida, atuando em todos os lugares, com justiça e misericórdia, sabedoria e entendimento.” (Emmanuel, no livro “Fonte Viva”, item 67, psicografia de Francisco C. Xavier.)

Na condição de criaturas humanas, sendo racionais, pensamos, agimos, reagimos e temos sentimentos que geram emoções, e estas refletem diretamente em nosso corpo físico.

Emoções saudáveis decorrentes de alegria, otimismo, resignação e compreensão das reais finalidades da vida nos promovem bem-estar. Já aquelas que nascem de tristeza, pessimismo, lamentação e inconformismo têm o potencial de nos causar danos e desequilíbrios, gerando desconforto e sofrimento.

Muitas doenças que assolam a nossa constituição orgânica têm como base forte os desajustes emocionais que cultivamos ao longo do tempo. E tais patologias nem sempre conseguem ser contornadas somente com o uso de medicação, embora os fármacos possam contribuir sobremaneira para o alívio desses padecimentos.

A maneira de encarar os desafios da vida precisa ser meticulosamente analisada, buscando a compreensão e o entendimento dos reais objetivos da nossa existência aqui na Terra, partindo do entendimento claro de que possuímos duas naturezas; a física e a espiritual.

Em realidade somos Espíritos criados por Deus para viver eternamente, em sucessivos processos reencarnatórios, buscando a perfeição que nos proporcionará a paz e a felicidade que tanto ansiamos e que ainda não logramos encontrar. Possuímos, no momento, um corpo físico, mas existíamos antes dele e seguiremos vivendo após o seu término, portanto, não podemos pautar nossas ações, atitudes e comportamentos como se a nossa vida apenas cumprisse um pequeno roteiro do berço ao túmulo.

Indispensável, portanto, se torna a valorização dos nossos sentimentos e emoções, se realmente desejamos usufruir o conforto de dias mais serenos e tranquilos. Erradicar, definitivamente, o orgulho e o egoísmo que residem em nosso coração é tarefa inadiável e urgente, pois que essas terríveis chagas ostentam o nascedouro de tantas outras mazelas.

Ódio, mágoa, ressentimento, melindre, ciúme, avareza e tantos outros defeitos que ainda alimentamos com os nossos desequilíbrios emocionais carregam, de forma invisível, um enorme potencial destruidor, com a capacidade extraordinária de arruinar a nossa saúde, nos conduzindo a experimentar o fel do sofrimento.

No entanto, o remédio para esses incômodos que tanto nos atormentam está facilmente ao alcance das nossas mãos, disponível a qualquer criatura há mais de dois mil anos: as sábias e imorredouras lições de Jesus Cristo, contidas em seu Evangelho, tão populares, mas pouco entendidas e praticadas.

Em momento algum podemos descartar o valor da medicina que veio em nosso auxílio, mas ignorar os ensinamentos do Cristo, diante da clareza e atualidade que carregam, será sem dúvida menosprezar, descuidadamente, um manancial infinito de bênçãos que está à disposição de quem dele quiser fazer uso.

A diminuta compreensão e o uso das advertências cristãs permitiram a construção, atualmente, de uma sociedade angustiada, deprimida, pessimista e detentora de poucas esperanças e perspectivas de melhoria. No entanto, se nos aprofundarmos no exercício prático do roteiro cristão, em breve transformaremos o mundo que nos acolhe.

O remédio pode curar uma doença já instalada, mas a vivência evangélica será capaz de prevenir uma patologia, ao ensinar, de forma coerente e equilibrada, como uma criatura deverá administrar as suas emoções.

A humanidade já perdeu tempo demais, sofreu muito, vem andando na contramão da lógica. Até quando? Será que ainda não temos "olhos de ver e ouvidos de ouvir"?

Reflitamos...

Ninguém está desamparado

“O que é Deus? – Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.” (Questão nº. 1 de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.)

Deus, sendo a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas, é a força máxima – revestida de perfeição e sabedoria – que instituiu as leis universais contidas no código divino, garantindo a todas as criaturas as mesmas condições e oportunidades de progresso e prosperidade espiritual, sem permitir qualquer privilégio ou favorecimento a quem quer que seja.

No contexto dessas sábias leis reina a mais absoluta justiça, cabendo a cada ser humano, observando o seu livre-arbítrio, escolher caminhos e decidir por qual direção deseja seguir, obviamente, sem olvidar que cada ação refletirá uma reação e que não há causa que não acarrete algum efeito.

Paulo de Tarso, o grande propagador da Boa Nova, afirmou peremptório: “cada um colherá aquilo que tiver semeado” (Gálatas 6,7). Assim, não será difícil compreender que, ao longo do tempo, usufruindo da liberdade de agir, fizemos a nossa semeadura mediante as ações, atitudes e procedimentos que deliberamos realizar, fator este que desencadeou os reflexos que vivemos no momento.

Dores e sofrimentos ou alegria e serenidade são efeitos de causas que dormem em procedimentos anteriores. Em realidade, dentro da justiça divina somos o que somos e temos o que temos devido às escolhas que livremente fizemos. Isso, obviamente, não deixa qualquer dúvida de que ninguém é culpado pelos nossos deslizos, como também temos a autoria e o mérito das boas colheitas.

Em qualquer situação a Providência Divina sempre nos envolve, advertindo quando rumamos para os equívocos, fantasias e ilusões, e incentivando quando nos direcionamos para a aquisição de valores nobres e edificantes, mas a decisão de aceitar ou não o socorro e a proteção de Deus é totalmente nossa.

Compreendendo esse justo e coerente mecanismo divino, teremos plenas condições de pautar a nossa vida, hoje, na execução de uma semeadura consciente, responsável, com base na dignidade, ética, honradez e honestidade. Na verdade, se não podemos modificar o

passado que nos rendeu os momentos amargos e decepcionantes de agora, temos a mais absoluta liberdade de modificar o presente, realizando uma conduta condizente com os princípios da decência e da moralidade, projetando um futuro promissor, conforme desejamos e sonhamos realizar.

Diante dessa lógica assertiva, evitemos procurar culpados para as nossas mazelas, pois que assim agindo perdemos tempo em desculpas e fugas, depositando em ombros alheios o peso que precisamos carregar, em decorrência das nossas próprias deliberações. Tivemos oportunidade de escolher, de decidir. Se o fizemos de forma equivocada e contrária às valiosas lições do Cristo, que há mais de dois mil anos estão disponíveis, nada mais justo e coerente que respondamos pelos desatinos perpetrados.

Na condição de Espíritos eternos, criados por Deus na simplicidade e na ignorância, com destino à perfeição, estamos chegando do ontem, vivendo o hoje e projetando o amanhã, com a mesma liberdade de sempre. Tudo continua em nossas mãos.

Só não somos melhores porque não quisemos ser. Possibilidades, mecanismos e recursos nunca nos faltaram. O que realmente faltou foi a nossa boa vontade e a disposição em trilhar por veredas de maturidade e equilíbrio. Mas, hoje, mais conscientes dos verdadeiros e definitivos valores da vida, querendo, poderemos modificar essa realidade.

Façamos isso, destemidamente...

Se quisermos um mundo melhor...

“Se alguém quer ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos.” (Jesus – Marcos, 9:35)

Dentro do contexto das nossas expectativas, desejamos sempre um mundo melhor, onde nossos sonhos saiam do plano das ideias para a realização plena. Seria a vida de plenitudes, alegrias, felicidade e paz.

Mas a conquista dessa aspiração tão almejada só se concretizará mediante o empenho, a participação e o esforço coletivo.

Portanto, se realmente queremos um mundo melhor, amemos a nossa família, com toda a nossa força e intensidade, renúncia e dedicação, estruturando-a nos moldes da decência, dignidade, ética e responsabilidade.

Se realmente quisermos um mundo melhor, trabalhemos arduamente, no meio social em que nos situamos, defendendo os valores morais e difundindo exemplos de honradez e fiel cumprimento dos nossos deveres.

Se quisermos um mundo melhor, desenvolvamos ações em favor da velhice solitária e abandonada, oferecendo aos irmãos idosos um pouco de carinho e atenção para que finalizem seus dias na Terra com mais respeito e alívio.

Se quisermos um mundo melhor, no âmbito das nossas relações sociais, façamos uso da compreensão e da tolerância, não olvidando que a educação precisa ser a base das nossas ações.

Se quisermos um mundo melhor, não desperdicemos as várias oportunidades de trabalho que surgem no nosso cotidiano e saiamos a cooperar, de algum modo, em benefício da serenidade geral, dardejando gestos de bondade e altruísmo.

Se quisermos um mundo melhor, observemos a quantidade de jovens, adolescentes e crianças que seguem pelas vielas da vida em experiências de aflição e sofrimento, conhecendo todo tipo de carência: a material, a moral, a afetiva, e descruzemos os nossos braços em atividades de socorro e esperança.

Se quisermos um mundo melhor, estudemos mais, para que melhor preparados contribuamos para o avanço da tecnologia, buscando conhecer novas formas e meios de facilitar a vida humana.

Se quisermos um mundo melhor, não meçamos esforços para adquirir medicamentos, mesmo em campanhas, para aliviar as dores e os padecimentos que torturam tantas criaturas sem recursos financeiros, que passam seus dias em leitos de angústias e desconforto.

Se quisermos um mundo melhor, cuidemos com zelo e consciência do nosso corpo físico, para que tenhamos mais horas com possibilidades de trabalho e menos tempo para a inércia decorrente de enfermidades e desajustes.

Se quisermos um mundo melhor, entendamos que os recursos financeiros e econômicos circulantes no mundo não existem para atender aos nossos caprichos pessoais e sim para movimentar o universo das oportunidades para todos. Guardar fortuna em cofres ou em faustosas contas bancárias é prender o progresso e amontoar aflições para nós mesmos.

Se quisermos um mundo melhor, onde estivermos, com quem estivermos e em que condições estivermos, elejamos o bem como prioridade em nossas vidas e cheguemos ao sacrifício se necessário for, para amar, indistintamente, aqueles que caminham conosco pelas estradas da existência.

Se quisermos um mundo melhor, estudemos com afinco e persistência o Evangelho de Jesus, vivenciando na prática cada lição do Cristo, formando o lastro forte da solidariedade entre os homens.

Assim, não esperemos pelas ações e iniciativas dos outros, façamos a nossa parte sem cobrar nada de ninguém. Devemos prestar contas à nossa consciência e pouco nos importarmos com o que os outros pensem, procurando, sim, ser agradáveis a Deus, que sempre tem opiniões diferentes das dos homens.

Reflitamos...

Juventude não é sinônimo de libertinagem

“Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu. Então vem e segue-me.” (Mateus, 19:21)

Jesus dialogava com um jovem rico, dono de inúmeras propriedades, que O buscara dizendo guardar os mandamentos da lei e, por isso, tinha direito ao reino de DEUS. Então, o Cristo lhe respondeu: “se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu. Então vem e segue-me” (Mateus, 19:21). Conforme as palavras do Mestre, só lhe faltava isso para que o jovem atingisse a perfeição.

No entanto, cabisbaixo, o jovem deixou o local, pois para ele seria muito difícil desprender-se de tudo o que tinha, ainda mais tendo a juventude pela frente, para seguir a Jesus. Preferiu, então, continuar sua vida sem alterações significativas.

Obviamente, nenhum jovem sacrificará seus anos primaveris numa renúncia absoluta a tudo que o cerca. Nem Jesus desejaria isto. Precisaré ele viver os tempos da juventude, desfrutar desse momento alegre, pouco compromissado, desabrochar seus sentimentos, cantar, brincar, festejar... Mas, em momento algum, por ser jovem, poderá se dar ao descuido de destruir sua vida em comportamentos levianos e irresponsáveis.

Desenvolve, em nosso meio social, a cultura de uma juventude libertina, indiferente, e com poucas preocupações para com os reais e necessários valores morais da vida.

Diante disso estamos assistindo a uma avalanche de tragédias de todos os tipos e matizes, onde jovens despreparados, muitas vezes não educados devido aos descasos familiares, estão se atirando em abismos profundos, sem volta, ou com chances mínimas de redenção.

Espíritos endividados do passado solicitaram novas oportunidades reencarnatórias e, chegando à Terra, palco das lutas e das experiências, onde deveriam colher os louros da vitória, novamente atolam seus ideais e sonhos no lamaçal das inconseqüências, para chorar mais tarde, sem dúvida, amargando novos remorsos e arrependimentos.

Para desfrutar, prazerosamente, esse belo e expressivo momento das suas vidas é preciso cautela e discernimento, “pois que tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”, já ensinava Paulo de Tarso, há muito tempo.

O jovem pode fazer uso de bebidas alcoólicas? Aprofundar-se em tóxicos ainda mais pesados e deletérios? Colocar asas em suas motocicletas? Impulsionar o veículo como um bólido? Usar e abusar do sexo? Cultivar a violência e a agressividade? Desrespeitar os mais velhos? Perturbar o sossego público? Isso convém?

Na vida, existem situações que podem ser contornadas sem maiores agravantes. Um pequeno ferimento pode ser curado; uma leve batida com o carro, o funileiro resolve; um corte de cabelo equivocado pode ser reparado; quando se perde um ano escolar, logo vem o outro. Mas acontecimentos existem que não têm como resolver. A gravidez não tem volta. Se recorrer ao aborto, comete crime de graves proporções, que exigirá reparações dolorosas. As viciações tóxicas arrebatam o físico e o caráter da criatura. O excesso de velocidade mata muitos jovens. E assim por diante.

A exemplo do jovem que procurou Jesus para usufruir de uma vida mais digna e promissora, e não aceitou os conselhos e as orientações do Mestre, muitos moços e moças de hoje fazem o mesmo percurso, ante as lições e os avisos sérios e esclarecedores. Preferem seguir pela vida trilhando por vielas sombrias e desastrosas.

Vivem raros momentos de prazer e suposta felicidade na idade primaveril, para depois amargar o resto da existência no âmbito da dor, do sofrimento e das decepções.

Juventude não é sinônimo de libertinagem, mas sim de muita responsabilidade.

Pensemos nisso, enquanto há tempo...

Henrique e o Dia dos Pais

“Pode-se considerar a paternidade uma missão? – É, sem contradita, uma missão; é ao mesmo tempo um dever muito grande e que obriga, mais do que o homem pensa, sua responsabilidade pelo futuro...” (O Livro dos Espíritos – perg. 582 – Allan Kardec.)

A jovem voluntária, aos sábados à tarde, ministrava aulas de evangelização a crianças menores de dez anos, em bairro da periferia da cidade.

Falando de Jesus e do Evangelho aos meninos, a “professorinha”, com boa vontade e idealismo, procurava incutir na mente deles um pouco de religiosidade, para que no futuro pudessem reunir elementos nobres e sublimes que viessem fazer frente aos chamamentos inferiores do mundo. Pretendia ela destacar e perpetuar, naquelas vidas iniciantes, os sentimentos bons, objetivando criar condições para a felicidade e a paz.

Havia perseverança no ideal, pois as aulas semanalmente eram oferecidas àqueles rebentos que recebiam, com sofreguidão, o alimento espiritual, tão necessário à alma como a nutrição material é indispensável ao corpo.

Naquele sábado, as lições focalizariam a família. Cartazes eram expostos, dizeres em letras gigantes falavam do assunto e a jovem dedicada, com entusiasmo, discorria sobre a paternidade.

No dia seguinte (no domingo), seria comemorado o “Dia dos Pais” e a menina instrutora solicitou aos garotos, depois de distribuir papel e lápis de várias cores, que desenhassem qualquer coisa relativa ao papai, pois que estavam na véspera do dia dedicado aos genitores.

E as crianças se debruçaram sobre o material oferecido, ávidas para mostrar à “Tia” o que podiam desenhar, pois cada uma delas acreditava ter condições de fazer traços mais bonitos sobre o seu pai.

Os “pequenos” foram rabiscando o papel, as cores foram aparecendo. Os mais diferentes desenhos tomaram forma e todos eles, segundo os “artistas”, tinham tudo a ver com o papai.

Henrique, um garotinho irrequieto, num canto da classe continuava desenhando, cabisbaixo e silencioso. Parecia estar compondo uma obra de

arte. Mais alguns minutos e eis que ele se apresenta mostrando o seu trabalho. No papel, um quadrado, dentro dele os traços de um homem, cercado por uma enorme grade.

“- Henrique, que desenho é esse?

- Tia, você não pediu para desenhar meu pai, porque amanhã é o dia dele?

- Sim, mas não estou entendendo o que você fez!

- Esse quadrado é a cela, e a grade é a janela da cadeia onde meu pai está preso. Sabe, Tia, ele roubou. Na outra cela, que desenhei, está o meu irmão, que roubou também...”

*

Os olhos da “professorinha” se encheram de lágrimas e ela não pôde fazer outra coisa senão abraçar Henrique, apertando-o contra o peito, sem dizer uma única palavra.

Henrique não pôde abraçar o seu pai no “Dia dos Pais”, pois ele estava ausente, devido ao crime cometido. E nós... nós estamos presentes para receber os abraços dos nossos filhos? Ou será que também nos ausentamos na desonestidade, na velhacaria, na indignidade, nos tóxicos, na infidelidade conjugal, na preguiça... Comprometer a paz social também é crime.

O adulto é o espelho da criança. Os pais são o modelo dos filhos.

Que tipo de modelo estamos sendo para os nossos “pequenos”?

Ninguém é culpado pela nossa dor

“Segundo o modo de ver terreno, a máxima ‘Buscai e achareis’ é semelhante a esta outra ‘Ajuda-te e o céu de ajudará’.” (O Evangelho segundo o Espiritismo, Capítulo XXV, item 02 – Allan Kardec.)

Na Terra, via de regra, o homem lamenta os ferimentos que o atormentam, e se equivoca ao atribuir suas dores por conta da culpa alheia.

Dentro da justiça divina, ninguém paga o que não deve. Se temos motivos para sofrer, se temos razões íntimas que nos fazem verter lágrimas, isso, obviamente, não tem origem na conduta daqueles que seguem conosco pelas estradas da vida.

Sendo herdeiros de nós mesmos, logramos experimentar hoje o reflexo do que fizemos e fomos ao longo do tempo, por intermédio das sucessivas reencarnações. Dizer o contrário seria imputar ao próximo uma culpa indevida, enquanto estaríamos afirmando que Deus é injusto, pois que suas leis possibilitariam um padecimento que não nos é devido.

Não, as leis naturais são sumamente justas e de amor. Nós é que ainda não aprendemos a conhecer os mecanismos do Código Divino, cheio de lógica e razão.

Portanto, ao invés de prosseguirmos na lamentação, procuremos usar a mesma força para observar o acerto da vida em nos proporcionar as mais variadas oportunidades de aprimoramento interior, na superação dos nossos limites.

Acomodar no pensamento a ideia de que sofremos muito e que a nossa felicidade depende da ação daqueles que vivem conosco é, incontestavelmente, um grande erro. Sofremos apenas o que merecemos e seremos felizes na proporção do entendimento das Leis de Deus, que afirmam a cada instante ser imprescindível fazer aos outros aquilo que desejamos para nós mesmos.

Na expressão “ajuda-te e o céu te ajudará”, está o manual norteador dos nossos passos, pois que informa a necessidade de movimentarmos as próprias forças na solução dos problemas que nos afligem.

Na verdade, não precisamos dos outros para ganhar a felicidade, mesmo que de forma relativa, mas, sim, da paz de consciência que nos assegure estarmos vivendo dentro dos preceitos apontados pelo

Evangelho de Jesus, especialmente no “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. (Jesus – João, 15:12)

Ante nossas dificuldades e nossas angústias evitemos procurar culpados, no tentame de transferir ao próximo os desequilíbrios que moram em nosso âmago.

Em realidade, nos apresentamos hoje, nesta encarnação, trazendo conosco o aprendizado e a evolução espiritual adquirida ao longo dos séculos. Se não somos melhores e não conseguimos viver bem é porque ainda não foi possível ter uma conduta mais afinizada com as sábias lições do Cristo.

Saiamos com firmeza e determinação, buscando a paz e a felicidade, e as acharemos. Ajudemo-nos com coragem e o “céu”, representado pelos Espíritos Benfeitores, nos ajudará, nessa empreitada.

Confiemos.

Mesmo no suicídio não morremos

“O homem tem o direito de dispor da própria vida?

- Não, só Deus tem esse direito. O suicídio voluntário é uma transgressão dessa lei.

O suicídio não é sempre voluntário?

- O louco que se mata não sabe o que faz.” (Perguntas 944 e 944 “a” de “O Livro dos Espíritos” – Allan Kardec.)

Podemos afirmar categoricamente que a morte não existe. Morre o corpo, a matéria, o envoltório físico, jamais o Espírito. Assim, mesmo cometendo suicídio, aniquilando a nossa vida orgânica, continuamos a viver.

Essa realidade é, sem sombra de dúvida, mais uma decepção para a criatura que tenta fugir dos seus problemas. Pelas portas enganosas e equivocadas do suicídio, acredita o ser humano estar dando fim aos seus dramas, mas em verdade está criando outros, de graves e imprevisíveis proporções.

Em qualquer circunstância, ante os maiores obstáculos da nossa vida, matar o corpo é uma hipótese que jamais deve ser ventilada, mesmo por brincadeira ou invigilância, pois existe uma infinidade de Espíritos, também em quadros atormentados, atuando em sintonia conosco para que prossigamos com a absurda ideia de morrer.

Quem acredita que acabando com o corpo por meio do suicídio tem seus sofrimentos findados, não imagina, nem de longe, o verdadeiro sofrimento que está criando para si mesmo.

Se de alguma forma nos sentirmos feridos, desiludidos, decepcionados, infelizes ante os acontecimentos que nos cercam, antes de pensar em morrer, utilizemos a mesma força, mas de maneira inversa, e saiamos a eliminar o egoísmo fixado em nossos corações.

Procuremos matar a vaidade que agride a nossa personalidade a nos conduzir pelos caminhos do melindre, que tantos males tem causado aos homens.

Atuemos com determinação para matar a violência e a revolta que carregamos no íntimo, a nos ofertar oportunidades para os desequilíbrios e insatisfações.

Trabalhemos para matar a preguiça que anestesia as nossas forças e nos faz criaturas acomodadas e inertes, vivendo a teoria dos “braços cruzados e mentes vazias”.

Esforcemo-nos para matar a fofoca e a maledicência que tantos transtornos oferecem ao nosso convívio social.

Criemos coragem e matemos o desânimo que nos fere e maltrata, fazendo-nos homens apáticos e indiferentes para com as belezas da vida.

Então, ao invés de trabalharmos os nossos pensamentos visando criar formas de acabar com o nosso corpo, já que mesmo mortos para o mundo continuamos vivos para a eternidade da vida, cuidemos de matar os nossos defeitos e, em pouco tempo, o desejo de morrer será substituído pela imensa vontade de viver, uma vez que a vida é uma dádiva de Deus, e, sendo Ele o nosso Pai de eterna bondade, jamais iria nos brindar com alguma coisa que não fosse útil e nobre.

Morrer nunca, viver sempre.

As diversas formas da caridade

“Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros o que quereríamos que nos fosse feito.” (Jesus)

Comumente entendemos a caridade como sendo o gesto fraterno de doar algum bem material ao necessitado. Tal procedimento de solidariedade é, sim, também caridade, mas o conceito desta louvável virtude é muito mais abrangente, alcançando horizontes inimagináveis.

Em verdade, trata-se de uma base sólida onde germinam os princípios da paz e da felicidade, virtudes hospedeiras da harmonia, capazes de edificar uma sociedade mais justa e um mundo mais sereno e humano.

Doar, nos moldes do equilíbrio, da ética e da generosidade, será sempre uma atitude fomentadora do bem-estar e da alegria entre os homens.

Fazemos caridade quando conseguimos conviver com familiares difíceis e complicados, que nos causam problemas e aflições frequentemente, pois que propiciam o desenvolvimento, em nosso íntimo, da resignação e da tolerância.

Usamos da caridade quando insistimos, mesmo com dificuldades e sacrifícios, na educação indispensável dos nossos filhos ou tutelados, uma vez que damos condições para o aparecimento da perseverança e da determinação.

Agimos com caridade quando trabalhamos arduamente e, mesmo assim, não conseguimos uma vida confortável, experimentando carências e escassez, pois que permitimos o nascimento da aceitação e da certeza de que as leis de Deus não nos desamparam.

Promovemos a caridade quando criamos mecanismos e recursos para auxiliar a infância, a adolescência e a juventude sem norte e com poucas perspectivas sadias, uma vez que formamos os lastros para a mudança de comportamentos e direcionamento ajustado das criaturas.

Utilizamos a caridade quando nossos atos, atitudes e ações colaboram para a preservação do meio ambiente e a defesa do patrimônio original da Terra, pois que, agindo assim, ajudamos a humanidade inteira, permitindo que todos desfrutem da pureza e da abundância dos recursos naturais.

Atuamos com caridade quando exercemos cargos públicos sob o prisma da responsabilidade, decência e honestidade, pois que formamos o

patamar da justiça social, impedindo o surgimento de apadrinhamentos, privilégios e usurpação dos recursos financeiros da comunidade.

Desenvolvemos a caridade quando combatemos, acirradamente e com coragem, os preconceitos de cor, raça, religião, preferência sexual, postura social e outros, facilitando a convivência solidária e fraterna entre os seres humanos, onde cada um viva de acordo com a sua liberdade de escolha.

Cultivamos a caridade quando, com destemor e firmeza, enfrentamos as injustiças sociais, a opressão dos poderosos, a escravidão imposta pelos fortes sobre os indefesos, a influência nociva e perniciosa da imoralidade, buscando sedimentar o terreno para a sementeira da paz.

Vivemos com caridade quando trabalhamos, ininterruptamente, para fortalecer a ideia de que o mais importante da vida é a criatura humana, esteja ela como e onde estiver, multiplicando os nossos talentos, visando aplainar os caminhos condutores de esperanças e de alegrias, para o bem geral.

Façamos, então, a caridade, a qualquer hora e em qualquer lugar, pois que no contexto sábio da lei de causa e efeito, o bem que é feito em favor da prosperidade humana retornará em nossa direção, sempre recheado e mais forte pelas ações benéficas de outras criaturas, fazendo-nos também beneficiários da mesma caridade praticada.

Sejamos, então, caridosos, e a luz vigorosa dessa imprescindível virtude iluminará os dias do nosso futuro.

Reflitamos...

Melhorar a sociedade é tarefa nossa

"Se tiver que amar, ame hoje. Se tiver que sorrir, sorria hoje. Se tiver que chorar, chore hoje. Pois o importante é viver hoje. O ontem já foi e o amanhã talvez não venha." (André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier.)

Vivemos num mundo de expiações e de provas, onde o mal ainda predomina. Expições, pois que estamos colhendo, na atualidade, os reflexos das ações infelizes impetradas ao longo dos quarenta mil anos que fazemos uso da razão. Provas, porque vivemos, no presente, novas e valiosas experiências, objetivando prosperidade espiritual.

Assim, não será difícil compreender a complexidade da vida na Terra. Imperioso se torna a necessária e urgente conscientização dos nossos reais objetivos por aqui, para que não continuemos nos perdendo pelos labirintos enganosos das ilusões e das fantasias, como temos feito até agora, onde, obviamente, reside o nascedouro das angústias e aflições que torturam a nossa vida.

Nunca, em todos os tempos da humanidade, tivemos tantas informações e esclarecimentos como nos dias presentes. Alegar ignorância para justificar os nossos fracassos, por certo, não será uma alternativa plausível, pois que as Leis de Deus estão inscritas em nossas consciências, conforme nos esclarece a questão 621, de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec.

Melhor será assumirmos a quota de responsabilidade que nos pertence e nos lançarmos, com esforço, amadurecimento e determinação, na concretização das metas e propostas que elaboramos, um dia, no mundo espiritual, quando solicitamos o aval de amigos benfeitores, para renascermos na Terra, exatamente junto daqueles a que estamos atrelados pelas redes das afinidades e compromissos.

Voltando ao palco onde deverão acontecer as nossas realizações, temos na família consanguínea, que nos acolheu, os primeiros e valiosos compromissos de trabalho e vivência prática da compreensão e da tolerância, bases para o desenvolvimento da fraternidade e do equilíbrio emocional.

Posteriormente, no âmbito social a que nos vinculamos, precisamos oferecer o nosso quinhão de ações, atitudes e comportamentos, visando à

construção de um mundo melhor, onde a prioridade sobre tudo esteja fixada no bem-estar das criaturas humanas.

Nada adiantará a riqueza material do mundo se os homens continuarem pobres de amor, solidariedade e sensibilidade para as dores e aflições daqueles que seguem por vielas sombrias e tristes.

O sofrimento do vizinho, seja ele quem for, de alguma forma influenciará a paz da nossa casa. Ninguém conseguirá ser feliz no egoísmo. Exemplos disso se destacam, aos montes, diante dos nossos olhos. Quem ama serve, socorre e ajuda, carrega consigo a atmosfera da serenidade. Aquele que pensa só em si transporta, no íntimo, o vulcão do medo, da insegurança e da incerteza, criando no coração uma represa pestilenta.

Na Terra, o mal ainda é maior que o bem. Isso é totalmente identificável, mas, se quisermos, mudando a direção das nossas forças, usando-as na mesma intensidade no roteiro do que é belo e nobre, em breve, as flores e os frutos das nossas ações estarão embelezando a superfície desse mundo de provas e expiações, impelindo-o para outras escalas, rumo à perfeição a que todos estamos destinados.

Esse tempo de paz e de serenidade, que tanto desejamos, chegará logo ou mais adiante, na proporção do nosso interesse em concretizá-lo, mediante a conscientização do valor e da importância de se obedecer às sábias Leis Divinas.

Reflitamos...

A força contagiosa de uma iniciativa no bem

"Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?" – (Paulo, I Coríntios, 5:6.)

Naquele sábado à tarde, as atividades assistenciais da instituição de filantropia e promoção humana, erguida pela iniciativa de um grupo de idealistas no bem, em um bairro carente da cidade, estavam chegando ao seu final quando duas senhoras de semblantes sofridos se aproximaram de um grupo de voluntários pedindo socorro, narrando a aflição que as torturava naquela oportunidade.

Haviam chegado, recentemente, de um estado nordestino, com seus maridos e mais dois irmãos, onde viviam em extrema pobreza e sem quaisquer perspectivas de uma vida digna. Ambas deixaram lá seus filhos, que desejam buscar tão logo consigam condições para isso.

Vieram procurar trabalho e melhores condições de vida. No entanto, com os poucos recursos financeiros que tinham, pagaram a passagem de ônibus, numa viagem que durou três dias e três noites. Na cidade, os seis adultos se acomodaram em um único cômodo de dezesseis metros quadrados, desprovido de qualquer mobiliário, pois que chegaram apenas com a roupa do corpo e mais algumas peças pessoais. Comiam algum alimento por caridade de outras famílias nordestinas que há mais tempo estavam na cidade e já melhor acomodadas.

Dormiam no chão, sobre alguns lençóis usados e tudo de que precisam, para aquele momento, eram colchões, roupas de cama, fogão e uma cesta básica de alimentos.

No entanto, àquela altura, nada mais havia na instituição para ser doado, uma vez que no atendimento de mais de duzentas pessoas, naquele dia, tudo o que tinha já havia sido distribuído aos necessitados. Apenas foi possível a destinação de um pouco de alimento e a promessa de que, na semana vindoura, os voluntários fariam o possível para amenizar as agruras daquele grupo recém-chegado.

Sem dúvida, o drama dos irmãos nordestinos comoveu a todos e, encerradas as atividades, cada trabalhador daquela casa fraterna retornou ao seu lar com a proposta de voltar no sábado seguinte.

Mas um dos voluntários, refletindo sobre o sofrimento daquelas criaturas dormindo no chão duro e frio, comendo o que ganhavam, totalmente desconhecidas na cidade, e lembrando os semblantes das duas mães que vertiam lágrimas abundantes quando se referiam aos filhos que ficaram, não conseguia aquietar o seu pensamento e buscava, insistentemente, um jeito de aliviar, pelo menos um pouco, as agruras e as aflições daqueles necessitados, o mais rápido possível, pois entendia que, para quem está sofrendo, o sábado seguinte demora muito para chegar.

No dia seguinte, domingo, pela manhã, os companheiros solidários se reuniram para uma palestra doutrinária. Ali estava a chave para a solução do problema, pensou. No final da preleção pediria a palavra e, perante a plateia presente, relataria aquele drama, solicitando, posteriormente, a colaboração imediata de quem se dispusesse a ajudar.

Assim fez, e para sua agradável surpresa, em menos de dez minutos já tinha em mão uma relação contendo: um fogão, três colchões de solteiro, dois de casal, uma cama de solteiro, uma cama de casal, uma geladeira e uma infinidade de peças de roupa de cama.

Naquele mesmo instante, saiu eufórico e vibrante a coletar os objetos e, daí a uma hora, mais ou menos, os irmãos nordestinos recebiam a generosa doação, num clima de comoção e alegria.

Quando a entrega acabara de ser feita, entre os abraços fraternos que a ação gerou, o telefone daquele voluntário sensível tocou e, do outro lado, um jovem que tinha ouvido o apelo, e que naquele momento estava reunido com um grupo de jovens que formavam a Mocidade daquela instituição, informou que, comovidos com a situação exposta, eles também se cotizaram e conseguiram um botijão de gás, uma cesta básica de alimento e grande quantidade de roupas de cama. Queria o endereço para fazer a entrega.

*

Por certo, o valor material das doações pouco importa, embora a importância delas para os que precisam. Importa, sim, a sensibilidade, o altruísmo, o verdadeiro amor, aquele de sentir no coração as dores e as aflições que torturam os irmãos do caminho.

Se todos os voluntários daquela Instituição tivessem apenas registrado o problema, obviamente o socorro só aconteceria na semana seguinte. Isso se não caísse no esquecimento, ante as tribulações em que vivemos.

Mas bastou que um deles agisse de forma diferente e o contágio se deu no grupo todo.

Não podemos ignorar a força contagiosa de uma atitude solidária, o poder de uma iniciativa no bem. Não temos condições de mensurar até onde pode ir um gesto de amor.

Reflitamos...

Ser feliz e viver em paz

“Quando plantares a alegria de viver nos corações que te cercam, em breve as flores e os frutos de tua sementeira te enriquecerão o caminho.” (Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier. Livro: Fonte Viva.)

Qualquer criatura, em sã consciência e plena lucidez de raciocínio, desejará ser feliz e viver em paz, no entanto, até o momento, ainda não logramos a realização dos nossos sonhos, pois que a direção e os rumos tomados, no contexto da vida, não conseguiram nos garantir tais realizações.

Assim, não fica difícil compreender que estamos andando na contramão da lógica e da evidência da razão, onde nossas ações, atitudes e comportamentos demonstraram ser insuficientes para nos proporcionarem as conquistas almejadas. Em verdade, o que juntamos até agora são lampejos de paz e de felicidade, enquanto dores, aflições e sofrimentos podemos contar aos montes.

Afirma Paulo de Tarso, o apóstolo dos gentios, peremptório, “cada um colherá aquilo que tiver plantado” (Gálatas, 6:7). Diante dessa insofismável assertiva, concluímos, sem muitos esforços, que será preciso empreender alteração em nossa rota, após profundas reflexões e análises, visando descobrir onde moram os nossos equívocos, e objetivando a reprogramação da nossa existência, antes que seja tarde demais.

Não podemos olvidar que somos dotados de duas naturezas: a física e a espiritual, e que ambas precisam estar em equilíbrio. Não basta sermos saudáveis e fortes espiritualmente se contarmos com corpos debilitados. Da mesma forma, pouco vai importar um corpo robusto animado por um Espírito em desajuste. Um exímio violonista não conseguirá fazer boa música utilizando um violão desafinado.

Cuidemos, sim, da vida física, conforme os padrões sociais em que vivemos, jamais esquecendo os valores da ética, honestidade e honradez. Zelemos também pelo Espírito, de acordo com as inesquecíveis lições de Jesus Cristo. Somente agindo dessa forma, teremos a oportunidade de desfrutar da paz que queremos e da felicidade que almejamos.

A vida sempre nos devolverá aquilo que a ela damos. Cada ação praticada nos trará, como reflexo, uma reação da mesma natureza. As emanações do bem que fazemos, seja ele a quem e aonde for, partirá de

nós ganhando dimensões universais e, por afinidade, encontrará o bem coletivo, se engrandecerá, retornando em nossa direção muito maior, e nos proporcionando imensos benefícios. A mesma lei funciona para o mal, que saindo da nossa intimidade procurará pelo mal maior e, fortalecido, voltará para nos provocar enormes malefícios. A decisão do que fazer sempre será nossa e a colheita das consequências será inevitável. Então, promover o mal é uma atitude pouco inteligente, uma vez que nos impede a vivência da paz e da felicidade.

Em realidade, para que a alegria e a festividade venham morar em nossos corações será imprescindível que plantemos a alegria e a festividade nos corações alheios. Ninguém conseguirá ser feliz sozinho.

Combatamos, com firmeza e determinação, o orgulho e o egoísmo, essas terríveis chagas que assombam o seio das coletividades, e lancemo-nos a cultivar a fraternidade e o altruísmo, esses sentimentos construtores da harmonia entre os homens. Assim abriremos portas e criaremos oportunidades para a chegada do alento e da esperança no mundo.

O sofrimento humano não é uma criação de Deus. Jesus afirmou: "misericórdia quero, e não sacrifícios". (Mateus, 9:13). A dor que o mundo conhece com tanta intensidade decorre, obviamente, do comportamento equivocado das criaturas que insistem em ignorar a clareza e a informação contidas nas leis divinas.

Portanto, conhecer e praticar as oportunas lições de Jesus é o caminho que nos conduzirá à paz e à felicidade que tanto queremos. Ignorá-las será decisão imprópria que nos manterá na desconfortável posição evolutiva em que estamos. A decisão será sempre nossa.

Reflitamos...

Causas anteriores e atuais das nossas aflições

“Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. Bem-aventurados os que padecem perseguição, por amor da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.” (Jesus - Mateus, V:5, 6 e 10.)

Na condição de Espíritos eternos que somos, tendo sido criados por Deus na simplicidade e na ignorância, com destino à perfeição, segundo nos informa o Espírito André Luiz, no livro “Libertação”, no seu capítulo I, estamos fazendo uso da razão há quarenta mil anos. Nesse período, com liberdade, escolhemos os nossos caminhos, decidimos, deliberamos, fizemos escolhas e tomamos decisões.

Sendo as Leis de Deus de amor e de justiça e jamais de castigos e de punições, obviamente coadunam com os preceitos de causa e efeito e de ação e reação, onde cada ação nossa produz uma reação e cada causa gera um efeito. Atitudes enquadradas nos padrões do Evangelho de Jesus geram reflexos ajustados e positivos. Procedimentos adversos das lições do Cristo promovem efeitos desequilibrados e infelizes.

Assim, as causas das nossas aflições do momento podem ter suas origens em vidas passadas ou mesmo na existência presente. Mas em todas as situações sempre prevaleceu a nossa liberdade de escolha. Ninguém decidiu por nós e nem nos obrigou a deliberar nesse ou naquele sentido. A dor e o sofrimento que carregamos e as conquistas e realizações benéficas que ostentamos decorrem da total liberdade que tivemos para tomar nossas decisões.

Quando carregamos algum infortúnio, como, por exemplo, um problema de saúde de nascença, determinadas limitações físicas, condição de vida na pobreza mesmo diante dos nossos esforços no trabalho, sem que nada de errado tenhamos feito na vida presente, certamente isso tem suas origens em vidas anteriores, quando agimos com descaso e invigilância, circulando na contramão das sábias lições de Jesus.

No entanto muitas dores e aflições nascem das atitudes de hoje. As leis de trânsito, por exemplo, nos informam que a velocidade de um veículo em determinados trechos de rodovia não pode ultrapassar a oitenta, cem quilômetros por hora, para a nossa segurança, no entanto, se trafegamos a cento e quarenta, cento e sessenta quilômetros por hora, a

possibilidade de acidentes é muito maior e as consequências deles muito mais trágicas. Portanto, o abuso da velocidade pode nos proporcionar ferimentos que não ocorreriam estando a direção do veículo feita com equilíbrio.

Ainda nos adverte a ciência médica que a utilização de alcoólicos e fumo causa terríveis danos à saúde. Fazendo uso, inadvertidamente, de tais tóxicos, por certo prejudicaremos o nosso corpo físico. Serão aflições desnecessárias e originadas no presente.

Dessa forma, podemos concluir que as aflições decorrentes de erros passados são inevitáveis no momento, como reflexos naturais dos atos equivocados de ontem, mas as do presente nós podemos evitá-las agindo com discernimento e convicção sobre os reais valores da vida.

Portanto, ninguém é culpado pelos dissabores que experimentamos, pois que durante esses quarenta mil anos fomos totalmente livres para seguir os rumos escolhidos.

Se não podemos retroceder para modificar o ontem, temos plenas condições de alterar o hoje, vivendo-o com equilíbrio, dentro dos padrões da dignidade, honra e altivez, para que façamos um novo amanhã.

Vivemos agora sob os reflexos do passado. Tendo consciência disso, organizemos o presente, sob a égide dos sábios preceitos evangélicos, para a construção de um futuro promissor em busca da paz e da felicidade que tanto almejamos.

Reflitamos...

Educar é uma missão

“Pode-se considerar a paternidade como uma missão? – É, sem contradição, uma missão. E ao mesmo tempo um dever muito grande, que implica, mais do que o homem pensa, sua responsabilidade para o futuro...” (Questão 582, de “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec.)

Nenhuma criatura reencarna para sofrer ou fazer o mal. Todos renascemos na Terra com a proposta de melhoria e prosperidade, pois que fomos criados por Deus na simplicidade e na ignorância, com o objetivo de alcançarmos a perfeição.

Os preceitos evangélicos sugerem, constantemente, o auxílio mútuo entre as pessoas, onde a cooperação, o companheirismo e a consideração sejam as bases fortes das relações humanas.

Dessa forma é imprescindível que cada ser humano, dentro da órbita de suas ações, desenvolva atividades e se comporte de forma a oferecer larga contribuição para a paz e a estabilidade social, abrindo perspectivas visando à harmonia e à serenidade no seio das coletividades.

Buscando a concretização de tal meta não podemos menosprezar o valor e a importância da educação como formadora de caráter ajustado, ética, civilidade e perfeita compreensão dos reais valores da vida.

Educar é o processo de colocar a criatura humana no contexto sadio das suas reais e inadiáveis finalidades dentro da vida, ou seja, a conquista da paz que tanto almeja e da felicidade que busca frequentemente.

Daí, obviamente, a responsabilidade que pesa sobre os pais ou responsáveis pela infância, adolescência e juventude. Os filhos ou tutelados que estão sob a nossa guarda foram confiados por Deus, para serem educados sob os moldes da decência, dignidade e honradez.

A convulsão social a que estamos assistindo, estarecidos e indignados, onde vislumbramos um momento complicado de desajustes dos “pequenos”, decorre, evidentemente, da omissão e irresponsabilidade das famílias que menosprezam o dever de educá-los.

A instrução, conhecimento e ciência são tarefas da escola, mas a educação é atribuição exclusiva das famílias. Querer que a escola eduque os nossos filhos é ter uma visão bem deficiente dos verdadeiros deveres paternos. O resultado dessa infeliz resolução está bem evidenciado no

quadro social que nos cerca, onde se identifica com facilidade a quantidade imensa de criaturinhas trilhando por caminhos sombrios e preocupantes, sob os olhares indiferentes de quem tem o dever e a responsabilidade de norteá-los pelas veredas corretas.

Obviamente, pela lei de ação e reação, causa e efeito, os frutos amargos dessa deliberação estão surgindo em grande quantidade, esparramando dores, aflições e angústias no contexto familiar e, conseqüentemente, no social.

Pouco ou quase nada vai adiantar a edição de códigos, normas, leis na tentativa de melhorar o panorama atual vislumbrado pela infância, adolescência e juventude, se as famílias não tomarem para si o dever e a responsabilidade na educação desse público de tenra idade.

Qualquer outra deliberação tomada será, incontestavelmente, caminhar na contramão da lógica e se preparar para a colheita de revezes e sofrimentos.

Se na Terra temos missões, sem sombra de dúvida, a missão da paternidade é imprescindível e uma das mais importantes.

Reflitamos...

Renato e o "Catatau"

"Não desprezes, pois, a criança, entregando-a aos impulsos da natureza animalizada." (Emmanuel, no Livro "Fonte Viva" – item 157, Psicografia de Francisco C. Xavier.)

Todas as manhãs, o portão da creche se abria para receber mais de cem crianças que, em regime de semi-internato, ali permaneciam enquanto seus pais trabalhavam.

Na faixa etária de três e seis anos, os "pequenos" aos poucos ocupavam aquelas dependências, fazendo intenso alarido que soava como melodia sublime aos ouvidos dos adultos que se prestavam a atendê-los, enquanto a refeição matinal era servida.

Renato, um garotinho ligeiro, há algum tempo havia frequentado aquela entidade assistencial. Na oportunidade, com oito anos de idade, cursava a primeira série numa escola pública. Carregava consigo certa limitação mental que lhe impunha muitas dificuldades para acompanhar os demais coleguinhas de classe.

Por se tratar de uma criança muito sofrida, compleição física aquém do normal para a sua idade e raciocínio bastante confuso pelos problemas registrados na área mental, acabou se afinizando muito com os cooperadores que laboravam diariamente na creche e, sempre que lá aportava, era carinhosamente recebido.

Naquela manhã, junto às demais crianças matriculadas, surgiu também o Renato, cabelos ao vento, amassado, roupa evidenciando que deixara a cama rumo à entidade, se dirigindo à coordenadora das atividades:

"- Tia, olha eu aqui!

- Estou vendo, mas o que aconteceu? Você não foi à escola?

- Não, eu quero leite.

- Que aconteceu? Você não lavou o rosto, não escovou os dentes...

Onde está sua mãe?

- Não sei, tia.

- E sua irmã?

- Ela foi dormir na casa do namorado.

- E a sua avó?

- Lá em casa não tem ninguém.

- Mas como? Você estava sozinho? Ficou dormindo sozinho?

- Não, tia, eu estava com o Catatau.
- Catatau? Mas quem é o Catatau?
- É o meu cachorrinho. Ele é que está tomando conta de mim e da minha casa”.

*

Todos conheciam o abandono em que o garoto vivia e a solidão que o acompanhava. Assim não foi surpresa para ninguém o menino estar em companhia do “Catatau”.

Renato foi recolhido, como sempre, sob os olhares piedosos e a ternura daqueles que tinham aprendido a amá-lo, ficando nas dependências da creche até bem tarde, sem que qualquer pessoa de sua família fosse procurar por ele ou, pelo menos, saber onde e como estava.

Assim, quantas crianças, pelos caminhos da vida contam apenas com a companhia de um “Catatau”, sem amor, sem atenção, sem carinho...

Creecem na marginalidade, na delinquência, com total falta de oportunidades. Depois, quando adultos, desajustados, ameaçam a paz social, momento em que a sociedade omissa grita pedindo punições severas, sem lhes ter ofertado qualquer chance para a dignidade.

E em nossos lares? Estamos presentes na vida dos nossos filhos ou também estamos confiando a prole aos “Catataus”, em forma de televisão, videogame, tablets, internet, babás e outros?

Pensem nisso.

O que estamos fazendo com as lições de Jesus?

“Quem quer ser o primeiro, que seja o último de todos e o servidor de todos.” (Jesus – Mateus, 9:35.)

Tem muita importância o destaque que fazemos das profundas lições de Jesus e muito valor os estudos e as reflexões que realizamos sobre elas, mas imprescindível se torna que as coloquemos em prática em nosso cotidiano, se realmente temos interesse na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e humana.

Com frequência, louvamos a cura que o Cristo fez ao cego de Jericó, devolvendo-lhe a visão, atendendo ao doloroso apelo daquele necessitado. Obviamente, não conseguiremos fazer um cego voltar a enxergar, mas não estamos impedidos de conseguir colírio para aliviar, pelos menos um pouco, os problemas visuais dos irmãos que seguem doentes dos olhos.

Com entusiasmo, aplaudimos o feito do Cristo ao devolver os movimentos físicos ao paralítico de Cafarnaum, mas nem sempre estamos dispostos a socorrer os deficientes físicos carentes que necessitam de amparo e recursos técnicos.

Com euforia, elogiamos a multiplicação de pães e peixes, quando o Mestre saciou a fome de enorme multidão, mas nem sempre temos vontade e disposição para oferecer uma cesta básica de alimento a uma mãe desesperada, que sofre ao ver a panela vazia e os filhinhos a implorar-lhe por comida.

Com emoção, nos sensibilizamos diante da beleza do Sermão da Montanha, no entanto, temos imensas dificuldades em visitar um lar que a tragédia abateu, conduzindo algumas palavras de consolo e proporcionando momentos de fraternidade e alívio.

Com admiração, discursamos sobre a postura de Jesus em relação à mulher adúltera, mas em inúmeras oportunidades nos faltam a coragem e a humildade para perdoar aqueles que, porventura, nos ofenderam, ou para pedir perdão a quem ofendemos.

Com reverência, estudamos o encontro do Cristo com Zaqueu, mas apresentamos dificuldades em dispor dos nossos recursos financeiros, ou diminuir um pouco o nosso conforto para aliviar o padecimento e as aflições dos irmãos que seguem pela vida em situação de penúria.

Com profundo respeito, meditamos sobre a recuperação de Lázaro, sob os influxos das mãos de Jesus, no entanto, nem sempre estamos dispostos a socorrer, com médicos e remédios, os doentes pobres e solitários que sofrem sob os nossos olhares.

Com exaltação, discorremos sobre o momento em que o Mestre aplacou a tempestade que ameaçava o barco em que viajava com os discípulos, mas, em oportunidades várias, vacilamos em aplacar a ira ou o ódio abrigado em muitos corações revoltados e em desequilíbrio.

Com indignação, refletimos sobre o diálogo de Jesus com Nicodemos, quando esse doutor da lei, temendo pela sua reputação, preferiu encontrar o Mestre na calada da noite. No entanto, com frequência, por timidez ou má vontade, não nos dispomos a trabalhar por uma boa causa que contrarie o interesse da maioria.

Com sensibilidade, vislumbramos a calma e a serenidade de Jesus diante da sua crucificação, mas, de nossa parte, é comum o nosso desespero e desequilíbrio diante de situações adversas e complicadas que nos exigem um pouco mais de fé e maturidade espiritual.

Com fervor, falamos da entrada triunfal do Cristo em Jerusalém, quando grande multidão o seguiu, mas, em infindáveis situações, deixamos de triunfar diante dos nossos compromissos em favor dos menos favorecidos, devido à chuva, ao frio e aos pequenos incômodos físicos totalmente superáveis com boa vontade e determinação.

Incontestavelmente, precisamos estudar, comentar, admirar e aplaudir as inquestionáveis lições de Jesus Cristo, mas, muito mais que isso, com urgência, devemos colocá-las em prática se temos a intenção de progredir espiritualmente e de contribuir para a edificação de um mundo melhor.

Refletamos...

Discípulos de Jesus

"Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros." (Jesus – João, 13:35)

Toda criatura humana, em sã consciência e plena lucidez de seu raciocínio, desejará viver em paz e não medirá esforços para alcançar a felicidade possível aqui na Terra.

E, no contexto dessa caminhada, somente teremos chances reais de lograr o êxito esperado se trilharmos pelos caminhos seguros que as imprescindíveis lições de Jesus apontam. Qualquer outra direção, por certo, indicará o porto do fracasso, que trará consigo a enxurrada de decepções, dores e sofrimentos. Obviamente, isso não se caracteriza novidade alguma, pois que a humanidade dos dias atuais tem vivenciado essa infeliz realidade.

Ensinou o Cristo, há mais de dois mil anos, que somente o amor entre os homens poderá criar a sociedade dos nossos sonhos e ideais, quando pronunciou: "amai-vos uns aos outros" (Jesus – João, 15:12). No entanto, por descaso ou mesmo por absoluta imaturidade, ainda preferimos deliberar nossas ações, atitudes e comportamentos tomando como base o egoísmo e o orgulho, essas chagas terríveis que propiciam o aparecimento de tantas outras inferioridades.

Disse ainda que, quando fazemos algum bem a qualquer "pequenino", é a Ele mesmo que estamos beneficiando, numa inequívoca ilustração de que devemos amparar aqueles que seguem pela vida ombreando seus dias conosco. O "pequenino", a que se refere o Mestre, pode ser a criança necessitada, o jovem desorientado, a mãe desesperada, o pai desempregado, o idoso deslocado da família, o doente sem recursos ou qualquer irmão que esteja experimentando dificuldades de qualquer ordem.

Na atualidade, diante de tantas informações e esclarecimentos, não temos mais dúvidas de que realmente os discípulos de Jesus só se identificarão pelas marcas do amor que uns oferecem aos outros.

E essa marca vem representada pela solidariedade, compreensão e tolerância no âmbito do relacionamento humano. A felicidade e a paz que almejamos somente as encontraremos quando plantarmos tais posturas

nos corações daqueles que nos cercam. Em realidade, ninguém consegue ser feliz sozinho.

Assim, buscando garantir a serenidade das nossas consciências, na certeza de que estamos no caminho indicado pelo Cristo, observemos ao redor e não percamos uma única oportunidade de exercitar o bem, dentro das nossas possibilidades e no limite das nossas forças.

Se cada ação por nós praticada trará o reflexo do seu teor, tudo que realizarmos em favor do bem dos outros, sem dúvida alguma, de regresso, carregará o bem a nós mesmos. Então, não será difícil concluir que o mal, em hipótese alguma, redundará em qualquer proveito para as nossas vidas. Inteligente e sensato será todo aquele que desenvolver esforços para não fazer mal algum.

Sabendo disso, sejamos reais e conscientes discípulos de Jesus, aplicando quotidianamente o preceito "amai-vos uns aos outros", e, com absoluta convicção, estaremos assegurando a nossa caminhada no contexto de um roteiro de vida sustentado pela lógica, razão e equilíbrio.

Jesus Cristo é, incontestavelmente, o sol das nossas vidas. Viver distante Dele é o mesmo que mergulhar, descuidadamente, nas sombras tormentosas do sofrimento.

E só conseguiremos caminhar com Jesus, como seus verdadeiros discípulos, se elegermos o bem do próximo como razão e objetivo das nossas vidas.

Reflitamos...

Use as suas mãos

“Todos somos suscetíveis de realizar muito, na esfera de trabalho em que nos encontramos.” (Emmanuel, no Livro “Fonte Viva”, psicografia de Francisco C. Xavier, item 4.)

Use as suas mãos e distribua carinho por onde passar, pois em muitas oportunidades ficamos a rogar por um gesto de atenção dos outros.

Use as suas mãos e escreva mensagens de paz, alento e otimismo, uma vez que, no momento, nossas vidas seguem as valiosas orientações e experiências que outros grafaram.

Use as suas mãos para ofertar, com desprendimento, um prato de comida ao irmão faminto, pois de nossa parte nunca sabemos em qual momento teremos a necessidade de receber alimento alheio para a nossa nutrição.

Use as suas mãos para, com amor, confeccionar agasalhos, visando atender àqueles que caminham em dificuldades materiais, uma vez que ninguém está totalmente seguro de que nunca se encontrará em semelhante condição.

Use as suas mãos para indicar, com determinação, a direção do ânimo e da alegria a tantas criaturas desanimadas e abatidas que vivem na indiferença e no desespero, à beira do abismo da derrocada moral.

Use as suas mãos para acolher, no colo, as crianças sem afeto que em grande número se abrigam em internatos, creches e berçários, muitas vezes vitimadas pela orfandade, sorvendo a taça amarga do abandono e da solidão.

Use as suas mãos para abençoar e suportar o familiar querido que, no âmbito do desequilíbrio, lhe causa grandes preocupações e aborrecimentos, objetivando ofertar-lhe o suporte da paz que possibilitará sua reorganização.

Use as suas mãos para socorrer os idosos que desbravaram os nossos caminhos e nos legaram tantas conquistas, pois no porvir também estaremos vestindo a roupagem da velhice e teremos necessidade da compreensão dos jovens.

Use as suas mãos para conter a ira do companheiro agressivo e desequilibrado que, descuidado do que faz, promove a intriga e a discórdia, procurando despertá-lo para o que é nobre, belo e sublime.

Use as suas mãos para difundir os valiosos e indispensáveis ensinamentos de Jesus, uma vez que a humanidade agoniza, no momento, pela ausência de prática dos princípios evangélicos que fazem luz em nossas estradas.

Use as suas mãos para construir, sem demora, a felicidade, a paz e a alegria dos outros, e Deus, em sua infinita bondade, usará as Suas mãos fraternas e generosas para abençoar a sua vida e também fazê-lo feliz.

Falso testemunho

“Não prestareis falso testemunho contra vosso próximo.” (VII mandamento ditado a Moisés, no Monte Sinai.)

Na face do planeta, o homem é o único animal racional, sendo também a única espécie que mantém comunicação articulada, isto é, por intermédio da fala.

No entanto, esse recurso que aproxima criaturas integra comunidades e une nações. Quando utilizado de forma equivocada e inoportuna, gera desentendimentos, distanciamentos e tragédias no seio da humanidade.

Conhecendo pormenorizadamente o valor da comunicação e os seus deletérios perigos, a Providência Divina, por intermédio de Moisés, grafou, como um dos dez mandamentos, a lição: “Não prestareis falso testemunho contra vosso próximo”, como séria advertência às criaturas humanas.

Estagiando ainda em faixas inferiores, o homem, na Terra, pouca atenção tem dado ao precioso ensinamento em pauta, haja vista que é possível se identificar nos diálogos muito mais palavreado vazio e conversas banais do que comunicação de essência nobre e sublime.

E ante a invigilância e desatenção verbal caminha a humanidade pelos trilhos da intriga, da maledicência e da fofoca, evidenciando com muita profundidade que ainda estamos muito apegados ao cultivo dos “falsos testemunhos” condenáveis pela observação divina.

Perde tempo o ser humano com palavras agressivas, difundindo o seu desequilíbrio e ferindo pessoas, quando poderia usar o mesmo recurso para distribuir a paz e a concórdia.

Gasta oportunidades a criatura, comentando assuntos vagos e inúteis, grassando a leviandade e perpetuando a inércia, quando poderia dirigir a mesma força para difundir o trabalho, o amor e a fraternidade.

Despende preciosas chances o homem, divagando sobre o que os outros deveriam fazer, apontando falhas e relacionando defeitos, mas não utiliza a mesma disposição para se lançar ao labor de fazer melhor o que entende estar malfeito, e nem de ser superior àqueles que condena.

Dispõe a pessoa de múltiplas possibilidades de expressar o carinho, a ternura e a compreensão, mas prefere ainda dar guarida ao desejo de

vergastar o próximo com o chicote do verbo maldoso, destilando fel pelas palavras.

A comunicação apresentada nos moldes dos ensinamentos divinos canta o amor, divulga a alegria, expressa a felicidade, difunde a fraternidade, exalta o bem e grassa a união, criando recursos e mecanismos para que a humanidade encontre a paz. Já aquela que se insere no "falso testemunho" cuida de manter o ódio, a animosidade, o rancor, a vingança, o crime, a desunião e o negativismo, segurando os homens no clima da dor e do sofrimento. A linguagem articulada que as sábias Leis de Deus nos doaram por misericórdia do Criador deve ser, portanto, objeto de zelo e acuidade, para que realmente atinja seu objetivo, qual seja o de promover o entendimento no âmago dos povos.

Observemos, então, o mandamento que nos adverte para os perigos do "falso testemunho".

Perdendo tempo

“Todas as vossas coisas sejam feitas com caridade.” (Paulo – Coríntios, 16-14.)

Uma vez que o ser humano, em todos os quadrantes do universo, insistentemente busca pela paz e pela felicidade, haveremos de concluir, sem muitas delongas, que a meta prioritária de todo movimento social deve, incontestavelmente, ser o bem-estar do próprio homem.

Dessa forma, já observamos quantas dores existem no mundo precisando de socorro?

Quantos irmãos caídos à procura de mão amiga?

Quantas crianças sem lar à busca de um olhar de piedade?

Quantas mães sem ter o que oferecer aos filhos famintos?

Quantos irmãos angustiados esperando pela nossa boa vontade em ouvi-los?

Quanto serviço a ser feito em favor de criaturas desequilibradas?

Quantas lágrimas a serem secadas?

Quanta ignorância a ser espantada com a flor da verdade e da cultura?

Quantas trevas precisando ser espantadas pela luz do amor?

Quantos amigos perambulando pelas trilhas da indiferença, carecendo de estradas seguras?

Quantos familiares praticamente abandonados no lar, necessitando do nosso tempo e atenção?

Quantos colegas de serviço vivendo dramas intrincados a pedirem pelo nosso apoio e direção?

Quanta fome a ser mitigada?

Quantos agasalhos a serem distribuídos à camada populacional carente?

Quanta exemplificação cristã a ser apresentada para que os irmãos do caminho possam aprender os rumos do Cristo?

Quantas mensagens de paz precisando de divulgação no meio dos desesperados?

Quantos gritos de dor morrendo abafados em corações silenciosos?

E, mesmo ante esse quadro tão triste que a humanidade apresenta, onde cada um de nós, por caridade, deve utilizar os recursos disponíveis

para pelo menos tentar melhorá-lo, ainda conseguimos perder tempo vivendo na preguiça!

Fazendo comentários maldosos sobre a vida alheia!

Julgando causas e coisas que na verdade não conhecemos!

Cruzando os braços na indiferença!

Dormindo mais de seis horas por noite!

Passando fins de semana totalmente ociosos!

Criticando atitudes e procedimentos dos companheiros e amigos!

Agredindo verbal ou fisicamente nossos familiares!

Esparramando a discórdia, a intriga e a violência!

Cultivando viciações tabagistas, alcoólicas e se dando ao descuido do uso de drogas ainda mais nocivas!

Relacionando acontecimentos e fatos menos dignos em nossa conversa!

Promovendo sucessivas reuniões, onde muito se fala e pouco se faz!

Denegrindo a imagem de governantes sem apresentar soluções para os intrincados problemas sociais!

Constatando essa nossa conduta, devemos parar, refletir e redirecionar nossas vidas, pois que em realidade não estamos ajudando a resolver os problemas que assombram o mundo, mas sim sendo verdadeiros problemas para o mundo, onde se verifica que o Evangelho de Jesus continua nos livros, mas muito... muito distante dos nossos corações e longe... muito longe de nossa vivência prática... É uma pena!

A distinção entre o bem e o mal

“Como se pode distinguir o bem do mal? – O bem é tudo o que está de acordo com a lei de Deus e o mal é tudo o que dela se afasta. Assim, fazer o bem é se conformar à lei de Deus; fazer o mal é infringir essa lei.” (Questão 630, de “O Livro dos Espíritos” – Allan Kardec.)

O mal na Terra ainda é uma realidade de fácil constatação e que gera, nos corações humanos, montanhas de dores e terríveis sofrimentos.

O homem sabe, tendo plena consciência de que o mal é a fonte abundante do seu desconforto, aflição e tortura, no entanto, ainda se sente pouco motivado ou disposto a combatê-lo, preferindo seguir a trilha da sua vida pelas vielas sombrias e indiferentes do descaso.

Sabe que sofre, que suas atitudes impensadas e infelizes lhe causarão ainda mais problemas, mas não encontra forças para romper esse círculo vicioso de errar e sofrer as nefastas consequências.

Ninguém em sã consciência e plena lucidez de raciocínio poderá afirmar que desconhece o caminho de uma vida pautada no bem. As lições imorredouras do Evangelho de Jesus, com abundância, há mais de dois mil anos campeiam à solta por todos os quadrantes do mundo, informando que somente o bem tem o poder de felicitar o homem. Uma simples observação poderá identificá-las com clareza.

Obviamente, faltam à criatura humana o desejo e o interesse em segui-las. Isso, definitivamente, exige esforço, coragem e muita renúncia, o que tem desmotivado muita gente a repensar os caminhos que segue e as atitudes que vem tomando, preferindo tocar a vida como vem fazendo, mesmo diante da colheita inoportuna de tantos reveses.

Identifica-se, então, ante o quadro social que deparamos atualmente, uma sensível imaturidade espiritual das criaturas, que sabem que não estão bem, que a forma de vida do momento não tem proporcionado a paz e a felicidade que todos querem, mas sem a vontade férrea para as necessárias e imprescindíveis mudanças.

Ainda temos imensas dificuldades em perceber que o oásis de serenidade que tanto sonhamos somente será possível quando todos estiverem pacificados e tranquilos. Não basta que algumas pessoas estejam felizes, será preciso que a humanidade inteira esteja feliz, pois

que a insegurança e o desconforto de alguns, por certo, ameaçarão a estabilidade de todos.

Assim, em nossas atitudes, comportamentos e decisões, precisamos pensar também nos outros, no nosso próximo, pois que ele é membro integrante da cadeia social a que pertencemos.

O nosso bem-estar nascerá, obviamente, do bem-estar de todos. Portanto, somente o bem, vivido em toda a sua intensidade, terá a força necessária visando contribuir para a formação de um mundo melhor, mais fraterno, solidário e humano.

Passemos a ver o nosso próximo como alguém que, como nós, também deseja e aspira pela paz e façamos todo o possível para que ele alcance seus objetivos. Por consequência, os nossos objetivos serão alcançados também.

Cultivando o mal esparramaremos sofrimentos, conflitos e angústias ao nosso redor, e, pela mesma lei, a de causa e efeito, tais sentimentos se voltarão contra nós mesmos. Assim, até por uma questão de inteligência e maturidade, vivamos no bem, pois que dessa forma estaremos construindo o mundo que sonhamos.

Distinguir o bem do mal é tarefa simples e fácil. Façamos ao nosso próximo tudo aquilo que gostaríamos que nos fosse feito. Se algo não é bom para nós, por certo também não será para o nosso irmão.

A criatura sensata e lúcida não cogitará fazer o mal.

Reflitamos...

É preciso compreender e praticar Jesus

“Vinde a mim, todos vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas.” (Jesus – Mateus, 11:28.)

Segue Jesus conclamando, isso há mais de dois mil anos, “vinde a mim vós que sofreis e eu vos aliviarei” (Mateus, cap. XI, v. 28, 29 e 30). No entanto, ainda descuidada a humanidade prefere ouvir seus próprios apelos e trilhar seus passos pelas sombrias vielas do egoísmo e do orgulho, entendendo que tem a receita da felicidade, procurando pelos prazeres e realizações no mundo, enquanto o Cristo, em outro momento de rara beleza e oportunidade, nos informou que “Ele venceu o mundo” (Jesus - João, 16:33), portanto, não no mundo.

E as dores, decepções, angústias e incertezas, ao longo do tempo, têm sido as nossas companheiras e ao mesmo tempo nossos algozes, refletindo em nós mesmos as ações que praticamos e que ainda estão bem distantes da necessária prática do Evangelho do Cristo.

Esclarecimentos e avisos edificantes não nos têm faltado, pois que vivemos um momento, na vida social, que identificamos com imensa facilidade a quantidade enorme de valiosas e oportunas informações. Alegar ignorância, nessa altura dos acontecimentos, seria até dar provas de descaso e insensatez.

Queremos ser felizes, desejamos a paz. Mas o que temos feito de real e concreto para a conquista de tais benesses?

Jesus sentenciou “amai-vos uns aos outros” (Jesus – João, 15:12), mas nossas atitudes demonstram o contrário, uma vez que pouco esforço fazemos para renunciar algo em favor do nosso irmão.

Pediu que “perdoássemos até sete vezes sete vezes”, (Jesus – Mateus, 18:21-22). No entanto, com grande facilidade ostentamos o ódio, a maledicência e a raiva em nosso âmago, como a cultivar uma represa estagnada e pestilenta irradiando contaminações e odores fétidos.

Ensinou que “os são não precisam de médico” (Jesus - Mateus, 9:9), mas ainda não nos interessamos por desenvolver a sensibilidade de observar no próximo um vasto campo de trabalho e ações de caridade.

Mostrou aos seus discípulos que “quem quer ser o primeiro deve ser o último e o servidor de todos” (Jesus - Marcos, 9:13). No entanto, é muito comum em nosso meio o desejo imenso de sermos os primeiros, os destacados, usando para tanto qualquer método ou comportamento visando alcançar a posição de brilho no mundo, mesmo que para isso tenhamos que ferir aqueles que, possivelmente, tentem empanar as nossas pretensões.

Falou da necessidade de sermos humildes, quando proferiu que “aquele que se exaltar será rebaixado” (Jesus - Mateus, 23:12), condenando, obviamente, o orgulho e o egoísmo, essas deletérias e terríveis chagas que tantos males e prejuízos oferecem à humanidade. Mas temos imensas dificuldades de viver tal recomendação.

Sugeri a receita da paz ao ensinar “amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem” (Jesus - Mateus, 5:43), mas a humanidade tem ignorado tal preceito, cultivando ainda a animosidade, a violência e a intolerância, bases nocivas que têm esparramado a guerra, a discórdia e o sofrimento no contexto social.

Esclareceu sobre a importância da fé quando disse “Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus” (Jesus - Mateus, 5:8). Mas, desejando conquistas imediatas, o homem se sente tremendamente infeliz e descrente quando seus anseios e desejos não se realizam rapidamente.

Assim, distantes das imprescindíveis lições do Evangelho de Jesus, tanto do conhecimento profundo sobre elas quanto da sua prática, trilhamos nossa vida na desobediência e no descaso, colhendo a safra dolorida das nossas plantações descuidadas.

Refletamos...

Observemos o sofrimento ao nosso redor e sirvamos

“Quando conseguires superar as tuas aflições para criares a alegria dos outros, a felicidade alheia te buscará, onde estiveres, a fim de improvisar a tua ventura.” (Emmanuel, no livro “Fonte Viva”, psicografia de Francisco Cândido Xavier, item 73.)

Vivemos num mundo de expiações e provas, onde o bem ainda é menor que o mal, por isso observamos, com frequência, ao nosso redor, essa gama imensa de sofrimentos e dores a enegrecer e ferir o coração humano.

Obviamente, no contexto sábio das leis de Deus, o progresso moral se dará e as criaturas, aos poucos, mediante seus próprios esforços, amparadas pela Providência Divina, deixarão esse vale de lágrimas visando alcançar as zonas superiores da vida.

No entanto, enquanto tal momento não chega, imprescindível que observemos as angústias e as aflições que pontilham no meio social em que vivemos e, de alguma forma, diante das nossas possibilidades, ofereçamos a nossa quota de auxílio e cooperação, no intento de amenizar os padecimentos que torturam nossos irmãos de jornada terrena.

Paremos por alguns instantes para ouvir o lamento doloroso de crianças implorando por um prato de alimento que possa calar os gritos do estômago vazio, e cooperemos na solução do problema.

Identifiquemos jovens que seguem pelos caminhos tortuosos da vida, sem as referências básicas da dignidade familiar, e contribuamos, como pudermos, buscando apontar-lhes direções seguras e promissoras.

Vislumbremos famílias em conflitos, cujos lares permanecem no clima inseguro das agressões e desrespeito, e ajudemos na implantação da paz e da serenidade, formando a base sólida da prosperidade moral.

Doentes existem, acamados, sem recursos financeiros, portadores de grandes padecimentos físicos, aguardando mãos amigas que possam aliviar-lhes as torturas, mesmo que seja um pouco. Com sensibilidade e compaixão, poderemos oferecer a nossa quota de amor visando minorar-lhes o sofrimento.

Idosos desprovidos de família ou abandonados pela parentela desfilam diante dos nossos olhos, criando um quadro social comovente e triste,

desafiando nossas iniciativas em encontrar um jeito de acalmar seus corações desesperançados. Façamos algo por eles.

Pais desempregados clamam por ocupações dignas que lhes possibilitem ganhar o sustento da família com o suor de seus esforços. Movimentemos nossa boa vontade e os ajudemos a encontrar postos de trabalho.

Como podemos observar, sem muitos esforços, o contexto social que nos cerca ainda é uma intrincada rede de problemas e aflições, gerador de instabilidade emocional e de insegurança de toda ordem, onde, de um jeito ou de outro, todos sofremos.

Assim, é indispensável compreender que não basta estarmos bem fisicamente, equilibrados financeiramente, ajustados emocionalmente, com exclusividade, pois, se nossos irmãos assim também não estiverem, a paz que almejamos e a felicidade que tanto queremos ainda serão apenas sonhos e desejos e não realidade.

Ninguém conseguirá ter serenidade sozinho, pois que somos seres gregários, e, no isolamento absoluto, é impossível de se viver.

As leis de Deus sendo de compensação, obviamente, cada um receberá de acordo com as suas obras, portanto, se já nos interessamos por uma vida mais digna, para obtê-la, temos total necessidade de também dignificar a vida alheia.

Dessa forma, conseguiremos neutralizar os nossos sofrimentos à medida que amenizamos os sofrimentos dos nossos irmãos.

Pensem nisso.

A opção de Mariana

“Não julgueis para não serdes julgados.” (Jesus - Mateus, cap. VII, V.1)

Mariana, na época, contava com apenas onze anos de idade. Olhar faceiro e rosto jovial. Na expressão fisionômica, a transparência de carência afetiva.

Veza por outra abeirava a porta da creche erguida nas imediações de sua casa, para solicitar algum tipo de socorro, ora para si mesma, ora para a mãe, pois viviam em extrema penúria material, sob o despotismo do padrasto desocupado e afeito a comportamentos menos dignos.

Com o passar do tempo foi ganhando a simpatia da direção da instituição socorrista, que viu a possibilidade de ampliar o leque de ação em favor daquela adolescente, apontando-lhe um norte, um caminho seguro ou, pelo menos, abrindo-lhe novas perspectivas.

Foi, então, convidada a ajudar no cuidado com as crianças que, em regime de semi-internato, viviam nas dependências daquela entidade assistencial, enquanto os pais trabalhavam.

Como condição, foi exigido de Mariana que imediatamente fizesse matrícula na escola próxima, pois que havia abandonado os estudos.

E, nas horas que estava livre das obrigações escolares, permaneceria na instituição, ganhando para isso o material escolar, uniforme, uma cesta básica de alimentos e algum recurso financeiro, além da assistência educativa e reforço que pudesse ter necessidade quando no cumprimento de seus deveres de escola.

Dois anos transcorreram sem novidades e a menina, se tornando moça, cada vez mais era envolvida pelo carinho e atenção da direção da creche. Querida por todos, era assistida com sentimento filial.

Num determinado dia a jovem não compareceu ao trabalho e a notícia explodiu como uma bomba: Mariana saiu de casa e foi morar com um homem!

Indagações e indignações.

Mas como isso aconteceu? Por quê? Depois de tudo que fizemos a ela, assim ela retribuiu? Teria sido forçada a tal decisão? Que loucura! Por que não conversou conosco colocando suas dúvidas? Tão criança e já rumando por veredas incertas?

Ninguém queria acreditar no que acontecia.

Mas era a pura realidade. Mariana, agora com treze anos, num gesto inesperado, abandonou tudo e rumou com um jovem, por caminhos indefinidos.

Pior ainda, uma semana depois, totalmente desequilibrada, desentendeu-se com o companheiro e passou a morar com outro e as coisas foram se complicando.

Na creche, onde ela trabalhava, continuava a indignação: Como isso pôde acontecer depois de tantos conselhos, orientações, informações?

E os julgamentos partiam, muitos deles acusando a jovem de leviandade, irresponsabilidade, ingratidão...

Mas o que levaria, realmente, uma jovem tão bem assistida a agir assim?

Dias depois, Mariana, humilhada e cabisbaixa, retornava à porta da instituição. Indagada pela direção sobre a sua inesperada decisão, limitou-se apenas a dizer:

“- Eu tinha pela minha frente dois caminhos: ou eu me entregava ao padraço que vinha me assediando violentamente, tendo por inúmeras vezes tentado me estuprar, sem no entanto conseguir; ou eu saía de casa. Mas para onde ir se ele me ameaçava seguir aonde eu tentasse, impedindo, com violência, que minha mãe fizesse qualquer tentativa de me proteger?

E para abandonar o lar, somente seria possível na companhia de um homem que pudesse enfrentá-lo caso ele me seguisse. Entre ser estuprada por ele e a fuga do lar, preferi fugir de casa, pois talvez tivesse melhor sorte”.

*

Bem que Jesus disse que não julgássemos ninguém, pois atrás dos dramas das pessoas, quantas coisas podem estar acontecendo sem que saibamos?

Cristianismo é sinônimo de trabalho

“Se te afeiçoaste ao Evangelho, não te situes por fora do serviço cristão.”
– (Emmanuel, no livro “Fonte Viva”, psicografia de Francisco C. Xavier.)

Jesus, após ofertar ao mundo as suas maravilhosas lições que ao longo dos séculos vêm norteando o caminho dos homens, se viu cerceado por imensa multidão de seguidores que, ávidos, desejavam absorver os ensinamentos.

Ainda hoje são muitos os que continuam à procura do Cristo sem lograr encontrá-lo, já que se encontram rumando por direções equivocadas.

Há, sim, quem O admire, mas, ficando somente na contemplação, não se dispõe a descruzar os braços, no trabalho, objetivando fazer o progresso da humanidade.

Existem outros que permanecem em constantes orações, suplicando pelo amor de Jesus, mas, também anestesiados pela preguiça e recostados na inércia, seguem os dias sem produção alguma que possa favorecer a recompensa que buscam.

Também encontramos quem confia plenamente nas promessas do “Mestre”, mas ainda não se decidiu em movimentar ações e recursos que possam assegurar-lhe o recebimento dos dotes celestes, uma vez que as Leis de Deus não atuam por privilégios, mas por merecimento.

Outros, ocupando tribunais, púlpitos e altares, defendem com veemência e dedicação as inquestionáveis lições evangélicas, mas tudo isso é pouco para quem aspira à total espiritualização, uma vez que, além do falar, é sumamente interessante e necessário o fazer.

Entre a multidão faminta de paz e crescimento interior, encontramos os que acreditam em Jesus, tendo certeza de que o “Divino Amigo” realmente seja a expressão do amor e da felicidade, no entanto, gastam o tempo numa espera improdutiva, vazia, ostentando mãos desocupadas.

Podemos ainda deparar com pessoas que não se cansam de louvar o “Salvador”, mas também estas, vivendo de contemplação e agradecimentos, caminham indiferentes para a verdadeira aquisição dos valores de nobreza, pois passam pela vida sem labor.

Assim, amigos, cada um de nós, à nossa maneira, vamos seguindo, vivendo e passando pelas oportunidades sem nos atermos às reais

necessidades de ofertar a nossa cota de trabalho e participação para o engrandecimento e progresso dos homens.

É muito lógico que devemos confiar, defender e louvar Jesus, mas em nenhum instante podemos olvidar da premente necessidade de trabalhar para a implantação do reino de Deus na Terra.

Mãos vazias, mentes desocupadas, tempo perdido, oportunidades desperdiçadas formam o rol das chances que vão passando sem que retiremos proveito.

A vida de Cristo foi um hino de trabalho, de obras e de realizações. Façamos o mesmo, ao invés de simplesmente permanecer em adoração e louvor a Ele, que, muito mais do que palavras e sentimentos, deseja a nossa ação em favor do próximo naquilo que o nosso próximo precisar.

O verdadeiro cristão é aquele que imita Jesus no trabalho de implantar a felicidade junto aos homens, mesmo que para isso tenha que se submeter aos mais dolorosos sacrifícios.

Cristianismo é sinônimo de trabalho.

Rogativa a Jesus

“Tem fé no futuro; por isso, coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.” (O Evangelho segundo o Espiritismo – Allan Kardec, capítulo XVII, item 3.)

Senhor Jesus, ante as incertezas que povoam, com frequência, o nosso caminho, ajuda-nos a recordar sempre que o leme do mundo está em tuas mãos, e continuemos a luta.

Diante dos pensamentos sombrios que violentam o nosso reduto mental, que tenhamos coragem de erradicá-los, atentos aos deveres a serem cumpridos e às metas de evolução espiritual a serem atingidas, entendendo o teu recado: “Eu não vim para ser servido, mas para servir”.

Defrontando amargura e angústia, que consigamos nos manter fiéis às tuas sábias e indispensáveis lições, principalmente quando nos conclamas: “Tende bom ânimo”.

Vitimados por doenças de natureza agressiva que insistem em assolar a nossa saúde, roubando a tranquilidade que desejaríamos ter, que confiemos com determinação, pois os recursos vêm de Deus, na tua afirmativa: “Vinde a mim vós que sofreis, e eu vos aliviarei”.

Envoltos em ingratidões e violência, que não percamos a direção do nosso amadurecimento, refletindo na valiosa e oportuníssima lição que teu amor nos trouxe: “Ama o teu próximo como a ti mesmo”.

Colhendo sofrimentos e incompreensões domésticas, no seio da família, que não caiamos no desespero e na lamentação azeda, lembrando-nos da tua assertiva evangélica: “Honrai vosso pai e vossa mãe”.

Reconhecendo no quadro social os padecimentos de tantas criaturas que seguem pela vida amargando terríveis quadros de dor, evitemos o pessimismo e movimentemos os recursos que temos à disposição, com base na tua lição: “Fora da caridade não há salvação”.

Identificando as decepções que vivem ao nosso redor, que não nos percamos pelo labirinto enganoso das fugas inoportunas e aprendamos de vez a tua orientação: “Meu reino não é deste mundo”.

Registrando as perseguições vindas de inimigos gratuitos que patenteiam o desejo de nos ferir seguidamente, que não alimentemos o

propósito de revide e lancemo-nos a refletir sobre o teu valoroso ensinamento: "Amai os vossos inimigos".

Carregando no coração os espinhos das aflições, que procuremos evitar o inconformismo e a revolta, atentos à tua magistral informação: "Bem-aventurados os aflitos".

Assim, Senhor Jesus, ante tanta luz em forma de letras e lições, ajudanos a compreender mais, servir mais, ajudar mais, estudar mais, entender mais e a reclamar menos, para o nosso próprio bem, pensando na paz e na felicidade que haveremos de conquistar no futuro.

Quando vivemos o Evangelho

“Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei.” (Jesus - João, 15)

Quando compreendemos verdadeiramente o Evangelho de Jesus e o colocamos na prática, distribuindo inquestionável exemplificação, nos tornamos mais fraternos, solidários, humanos, compreensivos, tolerantes, resignados, sendo nossos gestos e ações reconhecidas vitrines de virtudes e boas maneiras.

Esse roteiro de luz, bússola de nossas vidas – o Evangelho –, passa a comandar nossos sentimentos. Então, desejamos servir com mais intensidade os irmãos do caminho.

Queremos trabalhar bem mais para que a felicidade encontre morada em todos os corações, entendendo que não haverá paz na Terra enquanto uma única criatura estiver desajustada.

Teremos mais motivos para agradecer nossos dias, e menos razões para reclamar. Estaremos prontos para fazer bem-feito tudo o que nos for confiado.

Não teremos tempo para ficar observando os serviços que os companheiros estão realizando, pois que estaremos empenhados no cumprimento dos deveres que nos competem.

O ciúme desaparecerá definitivamente do nosso comportamento, pois que, quando observamos alguém se projetando mais do que nós mesmos, o teremos como criatura que mais se esforçou.

Estudaremos mais, uma vez que entenderemos que somente a verdade será capaz de afastar as trevas da nossa ignorância.

Veremos em cada ser humano um irmão de verdade, que luta e se esforça para domar as suas más tendências.

Os defeitos alheios conseguiremos ignorar, para ressaltar nos amigos as virtudes que carregam.

Nossas palavras não serão de críticas infundadas, nem de comentários infelizes, mas de aplauso, incentivo e compreensão com todos os que laboram conosco.

A revolta não fará morada em nosso âmago, pois que o entendimento das Leis de Deus nos proporcionará recursos de vislumbrar a Justiça de Deus.

A preguiça e o comodismo cederão seus lugares ao dinamismo e à perseverança, onde cada minuto disponível será uma mensagem de trabalho em favor do nosso adiantamento moral.

O egoísmo e o orgulho, essas chagas que agridem a humanidade, desaparecerão, possibilitando a chegada do amor verdadeiro que unirá todos os homens, destruindo as barreiras religiosas, de raça, de cor e de posição social.

Assim, quando o Evangelho de Jesus deixar de ser teoria, letra, e se transformar em vivência prática, muito mais do que oferendas materiais, estaremos ofertando ao mundo o nosso coração, bem como os nossos sentimentos sublimados e nobres.

Então, com urgência, devemos observar atentamente o nosso íntimo, procurando detectar o conteúdo daquilo que estamos divulgando, para identificar nosso estado evolutivo.

Mas, se ainda, em nosso âmago existir lugar para a inveja, o ciúme, o rancor, a mágoa, a fofoca, a violência, ou qualquer sentimento inferior, é sinal de que apenas seguramos o Evangelho do Cristo nas mãos, mas ainda não conseguimos aprender as suas inequívocas e notáveis lições.

Ajudar aos que não querem ajuda

“Os sãos não têm necessidade de médico, mas os doentes.” (Jesus - Mateus, Cap. IX, V. 10.)

Objetivando socorrer os necessitados, Dr. Alcides, médico atencioso, estava sempre de coração aberto, procurando servir quem o procurava.

Naquela tarde, dele se aproximou um homem de semblante abatido, corpo debilitado, expondo seu drama. Há tempo não encontrava um trabalho. A família numerosa estava sempre a lhe rogar mais recursos: alimentação, vestuário, aluguel, contas variadas... E nada de salário no final de cada mês.

Precisava de um emprego, de uma ocupação que lhe assegurasse o sustento devido.

Dr. Alcides, sem mais delongas, saiu à procura de uma ocupação profissional para o Souza. Tarefa difícil, pois com frequência ia ouvindo: não temos vagas, estamos dispensando gente, a situação não é boa, mal mantemos nossos empregados. E, assim por diante.

Destemido e confiante seguiu um pouco mais, encontrando a sensibilidade de um amigo seu, empresário, que mesmo com o quadro de pessoal já completo, por caridade e em consideração a quem pedia, resolveu acolher em sua empresa o homem desempregado.

Ficou combinado que no dia seguinte o Souza se apresentaria para trabalhar. Eufórico, Dr. Alcides comunicou a novidade ao pretendente do emprego – que afirmou categoricamente estar na empresa conforme o entendido.

No outro dia, na parte da tarde, o empresário telefonou ao Dr. Alcides informando que o Souza não havia aparecido para trabalhar. Surpreso, dirigiu-se à casa daquele homem.

“- Souza, você não foi trabalhar?

- Sabe doutor, estava chovendo muito e a empresa fica longe de casa. Olha, amanhã sem falta eu vou.”

Dr. Alcides retornou às suas atividades na certeza de que no dia seguinte Souza iria ao trabalho.

Na tarde do outro dia, novamente o empresário generoso informou que o Souza não comparecera ao trabalho. Dr. Alcides, indignado, foi ao encontro do desempregado.

“- Dr. Alcides, hoje o sol está muito quente e, também, trabalhar amassando concreto é um serviço muito duro...”

Cabisbaixo, o médico atencioso procurou o seu amigo empresário para se desculpar ante o inesperado.

“- Agradeço muito por ter aberto as portas de sua empresa para o Souza, mas, infelizmente, ele não correspondeu. Na verdade, não adianta ajudar a quem não quer ser ajudado.

- Adianta, sim, Dr. Alcides, pois aqueles que desejam ser ajudados, por si mesmos, já abrem muitas portas. Nós temos que insistir em ajudar realmente a quem não quer ser ajudado, pois é preciso despertá-los para o dinamismo da vida.”

*

Ficamos a refletir na grande sabedoria do empresário. Sem dúvida, precisamos insistir em ajudar quem ainda não despertou para a realidade da vida, pois os que já acordaram deram os primeiros passos na direção de um futuro melhor.

Ante essa notável lição, compreendemos com mais convicção os valiosos ensinamentos de Jesus: “Os sãos não têm necessidade de médico, mas os doentes”.

O bem está ao alcance de todos

“E tendo chegado uma pobre viúva, lançou duas pequenas moedas, que importavam um real. E, convocando seus discípulos, lhes disse: Na verdade vos digo que mais deitou esta pobre viúva do que todos os outros que deitaram no gazofilácio. Porque todos os outros deitaram do que tinham na sua abundância; porém esta deitou da sua mesma indulgência tudo o que tinha, e tudo o que lhe restava para seu sustento.” (Marcos, XII: 41-44).

É um grande equívoco acreditar que temos necessidade de recursos financeiros e materiais para a feitura do bem, como também é um grande engano pensar que para desenvolvermos a solidariedade se tornam indispensáveis as posturas de fama, prestígio, influência social e poder.

A fraternidade é um notável sentimento que reside na mente das criaturas virtuosas, e que tem o seu tempero definido na intimidade dos corações altruístas que conseguem amar, respeitar e se sensibilizar por todos os irmãos de jornada, distribuindo bondade, indistintamente.

O bem não é medido pelo tamanho ou influência da ação que se pratica, mas sim pelo resultado positivo que produz. Pequenos ou grandes gestos de solidariedade contribuem da mesma forma para a implantação da paz e da felicidade entre os homens.

Ricos e pobres, fortes e fracos, poderosos e humildes, famosos e desconhecidos, todos somos convidados pela Providência Divina a fazer o máximo de bem possível, pois que nenhuma criatura em sã consciência e total lucidez de raciocínio desejará viver fora dos princípios da verdadeira fraternidade.

Dessa forma, não será nada difícil compreender que todas as nossas ações, atitudes e comportamentos deverão ter como meta a concretização do bem geral.

Quotidianamente, ao nosso redor, surge uma quantidade imensa de valiosas oportunidades de sermos úteis, de semear gentilezas, compreensão, tolerância, respeito, paciência e ternura.

Crianças carentes estendem suas mãos, no silêncio, implorando carinho e atenção que sirvam de estímulos para suas jornadas iniciantes.

Adolescentes e jovens, ante seus momentos de conflitos e indecisões, próprios da idade, esperam pelos exemplos de dignidade que precisam nascer das atitudes conscientes e maduras dos adultos.

Pais desesperados ante a carência material em que vivem, por não conseguirem atender convenientemente às necessidades dos filhinhos, acreditam na sensibilidade daqueles que podem ajudá-los a superar os momentos tormentosos.

Idosos desprovidos de um lar que possa abrigá-los convenientemente, no estágio avançado de suas vidas, anseiam por corações amigos que venham em suas direções para diminuir suas incertezas e padecimentos.

Doentes sem recursos financeiros, acomodados em leitos de dor, experimentam atroz desventuras, na ânsia de receber o amparo daqueles que conseguem entender os seus dramas íntimos.

Desventurados de toda ordem enxameiam o meio social em que mourejam, esperando que o sol da bondade venha aquecer-lhes os corações machucados, apontando-lhes novos caminhos de esperança e realizações.

Como vemos, a necessidade do bem surge em todos os quadrantes da nossa vida social, e, obviamente, jamais podemos pensar em manter os nossos braços cruzados. É indispensável agir com urgência.

Saiamos, portanto, do nosso casulo e nos empenhemos em ajudar a construir uma sociedade mais justa, fraterna e humana, não importando em que posição estamos, vivendo no âmbito da fraternidade e da solidariedade – virtudes que conseguirão, no tempo, implantar o reino de paz e a felicidade no coração dos homens.

Reflitamos...

A constante proteção divina

“Nunca te deixarei, nem te desampararei.” (Paulo, Hebreus, 13:5.)

Vivemos num mundo de expiações e provas, onde o mal ainda é maior que o bem. Isso, obviamente, não é novidade para ninguém, no entanto, não podemos nos esquecer de que cada criatura está no estágio evolutivo que construiu, contando sempre com a constante proteção divina.

Quando Paulo de Tarso sentenciou: “Nunca te deixarei, nem te desampararei”, estava informando que os recursos e mecanismos necessários para a nossa prosperidade espiritual sempre estiveram e estão à nossa inteira disposição. Utilizá-los com mais ou menos intensidade sempre foi uma deliberação exclusivamente nossa, dentro do livre-arbítrio de cada um.

Sendo criados por Deus, na simplicidade e na ignorância, mas com destino à perfeição, sempre tivemos a estrada aberta à nossa frente esperando pela nossa vontade e esforço em trilhá-la na direção da felicidade que nos aguarda mais adiante.

Somos hoje o que fizemos de nós ao longo do tempo, mas temos plenas condições de ser melhores se desejarmos. Então, por certo, dentro da lógica divina, cada um receberá de acordo com as suas obras, no contexto fiel da lei do mérito.

O teor dos sábios e oportunos ensinamentos evangélicos nos aponta para uma vida atrelada aos preceitos morais, onde todas as metas e propostas humanas devam se dirigir para a edificação do bem-estar dos homens, pois Jesus Cristo, o modelo e guia da humanidade, ensinou que devemos “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos”. (Marcos, 12:33). Qualquer outra direção que deliberarmos seguir será, sem dúvida, a contramão do bom senso.

E, diante do quadro aflitivo e desolador em que está mergulhada a humanidade, não é difícil compreender que ainda não entendemos a verdadeira mensagem cristã, mesmo estando ela clara e evidente diante dos nossos olhos e raciocínios.

O egoísmo e o orgulho continuam sendo nossos companheiros no cotidiano, quando nos achamos no direito de ter mais que os outros e ser melhores do que aqueles que caminham conosco. Estas terríveis e nefastas chagas, que enraizaram nos corações humanos, têm impedido

que vejamos no próximo um irmão de jornada que também tem sonhos e aspira pela paz.

E não conseguindo ainda, ou não querendo plantar a alegria e a felicidade nos corações alheios, pela lei de causa e efeito, também não temos tais benesses em nossos corações, daí, portanto, decorrer o nosso sofrimento e as nossas decepções.

“Ama o teu próximo como a ti mesmo”, por que não amamos? “Faça ao seu irmão o que deseja para você mesmo”, por que, então, não fazemos? “Perdoe não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes”, por que não perdoamos? “Se baterem de um lado da sua face, ofereça também a outra”, por que não oferecemos? “Se pedirem sua capa, dê também sua túnica”, por que não damos? “Se alguém te pedir que caminhes mil passos com ele, caminha dois mil”, por que não caminhamos? “Se alguém quer ser o primeiro, seja o último de todos e o servidor de todos” por que não somos?

A chave que tem plenas condições de abrir a porta para que encontremos o equilíbrio, serenidade e estabilidade moral está nas mãos de Jesus. Procurá-la em outras direções será retardar o nosso progresso espiritual e adiar o momento do nosso triunfo sobre a inferioridade que ainda nos domina.

Não existem culpados pelo que ainda somos. Ninguém tem o poder de impedir a nossa ascensão espiritual. Tudo depende exclusivamente da nossa perseverança e determinação em superar obstáculos e barreiras, para seguir em busca dos nossos ideais de progresso e prosperidade.

A providência divina está à nossa inteira disposição, com todo o seu cabedal de dispositivos. Usá-la com mais ou menos proveito é atribuição própria de cada um.

Reflitamos...

Os valorosos benefícios da doação

“A vida não reclama o teu sacrifício integral, em favor dos outros, mas, a benefício de ti mesmo, não desdenhes fazer alguma coisa na extensão da felicidade comum.” (Emmanuel, no livro “Fonte Viva”, psicografia de Francisco C. Xavier, item 28.)

Fazer uma doação é quando nos dispomos de alguma coisa, de um bem material, e o entregamos de forma definitiva a alguém que tem necessidade dele.

Já o doar-se é o gesto de nos doarmos, isto é, de oferecer o nosso tempo, trabalho, ideal, alegria, esperança, em favor de uma causa nobre ou de pessoas carentes que caminham conosco, pois, como afirma o Espírito Emmanuel, devemos praticar a caridade do suor.

Em ambas as situações, os maiores beneficiados somos nós mesmos, pois que dentro da lei de ação e reação ou de causa e efeito, colheremos sempre os reflexos decorrentes das ações praticadas.

Dentro do sábio contexto desta lei da natureza, a criatura que encontra disposição para servir será sempre servida. Quem ama é amado, quem socorre é socorrido, quem protege é protegido, quem aplaude é aplaudido, quem é educado recebe educação, quem respeita é respeitado, quem abençoa é abençoado. Da mesma forma, e, pela mesma lei, quem agride é agredido, quem calunia é caluniado, quem maltrata é maltratado, quem ofende é ofendido, enfim, quem pratica o mal recebe a maldade. Paulo de Tarso, o fiel e dedicado divulgador das imprescindíveis lições de Jesus Cristo, afirmou: “cada um colherá aquilo que tiver semeado” (Paulo, Gálatas, 6, 8).

Sabendo disso, age com prudência e bom senso aquele que vive e pratica o bem e, por certo, atua com pouca inteligência a criatura que ainda descuida e vivencia o mal.

Como as justas e sábias leis de Deus nos concedem o livre-arbítrio, obviamente, cada um tem o direito e a liberdade de seguir os seus dias pela vida da forma que melhor lhe aprouver. Somos livres para escolher, mas, fatalmente, colheremos as consequências naturais das escolhas feitas.

Sendo assim, melhor e mais acertado será refletir demoradamente na qualidade das ações que estamos deliberando no cotidiano, pois que

somos os construtores de nossa paz e felicidade, ou os artífices de nossos sofrimentos e decepções.

Fazendo doações ou nos doando, estaremos construindo a pilastra forte que sustentará a base da prosperidade espiritual que nos permitirá deixar o mundo íntimo das imperfeições e defeitos que ainda nos mantêm em estado de inferioridade moral, para permitir o nosso acesso às regiões evolutivas de maior graduação, onde lograremos usufruir mais serenidade e conforto.

Evidentemente, os tempos estão chegados para que despertemos a consciência e percebamos que, até o momento, diante de tantas dores e sofrimentos, decepções e amarguras, caminhamos na contramão da lógica e da razão. Importa, então, mudar o rumo da nossa vida, direcionando as nossas metas e objetivos para uma existência mais espiritualizada e menos material.

Ao nosso redor, bem perto de nós, existe uma infinidade de oportunidades e mecanismos que, se bem observados, poderão de imediato nos assegurar amplas possibilidades para a mudança da direção que temos seguido até agora.

E como a proposta das leis divinas é promover a felicidade e o bem-estar das criaturas, procuremos atuar, decididamente, de forma a contribuir para que tal empreitada seja atingida.

Existem crianças pobres precisando de recursos de sobrevivência, mães desesperadas pela escassez de alimento no lar, chefes de família desempregados, jovens trilhando por vielas sombrias e perigosas, casais vivendo em conflitos, lares desestruturados, criaturas chafurdadas nos vícios, doentes implorando socorro, depressivos de mãos estendidas, criminosos arrependidos esperando novas oportunidades, desesperados e desiludidos vivendo na indiferença e muito mais.

Ante o quadro visível de angústias e aflições que se descortina à nossa frente, é preciso ter "olhos de ver" e "ouvidos de ouvir", para que saibamos como fazer as nossas doações e nos doarmos também.

Meditemos...

Que mensagem estamos transmitindo?

“Quando plantares a alegria de viver nos corações que te cercam, em breve as flores e os frutos da tua sementeira te enriquecerão o caminho.” (Emmanuel, no livro “Fonte Viva”, item 73, psicografia de Francisco C. Xavier.)

Se temos a capacidade de observar os outros, vislumbrando a forma como vivem, os hábitos que sustentam e os exemplos que divulgam com suas ações, é obvio que os outros também retêm amplas possibilidades de registrar a nossa rota existencial. Daí ser natural nos preocuparmos com o tipo de mensagem que estamos transmitindo aos nossos irmãos de caminhada.

Frequentemente imploramos por um mundo melhor, mais fraterno e humano, idealizando o dia em que possamos viver num oásis de paz e numa ilha de felicidade plena.

Sonhamos usufruir a harmonia e a serenidade no reduto abençoado da família, onde cada membro da nossa afetividade se destaque como um doador de esperanças e alegrias.

Imaginamos a convivência social despida do egoísmo e do orgulho, da ganância e da sovinice, onde o afortunado possa socorrer o carente de recursos financeiros, o saudável venha prestar auxílio ao doente, o forte amparar o fraco e o mais dotado intelectualmente declinar atenções ao de poucas possibilidades mentais.

Pensamos na sublimidade de desfrutarmos de uma ambiência repleta de respeito e dignidade, honradez e altruísmo, com a valorização dos sentimentos de gratidão e desprendimento, onde os seres humanos sejam mais importantes e maiores que os valores puramente materiais.

Tudo isso idealizamos, sendo muito lógico, oportuno e natural esse nosso desejo, no entanto. não podemos prescindir do questionamento: Para que esse mundo imaginado se torne realidade, de que forma estamos contribuindo? Que mensagem estamos transmitindo?

As pessoas que nos observam, no cotidiano, estão conseguindo identificar algum valor real em nossas ações?

Conseguimos conviver pacificamente com o nosso próximo, cultivando a educação e a fraternidade, o respeito e a compreensão?

Já nos comovemos com as dores e aflições que torturam tantos corações maternos diante da escassez de alimento e a fome angustiante dos filhinhos?

Temos coragem de abrir mão de horas de lazer para nos dedicarmos a trabalhos voluntários em prol de crianças, adolescentes e jovens que necessitam de rumos seguros para suas vidas iniciantes?

Em nossos compromissos e afazeres profissionais, temos sido honestos, leais e preocupados em não causar prejuízos a ninguém e nem em levar vantagens descabidas?

No contexto da família, diante do cônjuge e dos filhos que a Providência Divina nos confiou, conseguimos dimensionar o tamanho da responsabilidade que pesa sobre nossos ombros, quanto à condução dos rumos desta célula importante da sociedade?

É preciso refletir...

Pouco adiantará sonhar com um mundo melhor se no âmbito das nossas ações não estivermos dando a nossa quota indispensável de contribuição. Não basta que os outros façam o que é devido e necessário, nós precisamos fazer também.

Então, antes de lamentarmos a atual estrutura social que nos acolhe, melhor será analisar se ela não está assim por nossa culpa também.

Pensemos nisso...

A fonte divina

“Nunca te deixarei e nem te desampararei.” (Paulo, Hebreus, 13:5)

Na vida, estamos situados na posição evolutiva decorrente dos nossos esforços e empenho empreendidos ao longo dos quarenta mil anos fazendo uso da razão, conforme nos informou André Luiz, no livro “Libertação”, capítulo I, psicografado por Francisco Cândido Xavier.

Não somos melhores e ainda não conseguimos avançar mais na senda do progresso espiritual por nossa própria deliberação. A Justiça Divina, no contexto da sua imensurável fonte de amor, sempre se apresentou com fartura de oportunidades em nosso favor, no entanto, o aproveitamento das chances oferecidas sempre dependeu de nossa boa vontade e interesse em fazer uso adequado do tempo.

Dessa forma, somos o que somos porque assim quisemos ser. Verdaderamente, somos herdeiros de nós mesmos, tendo o mérito pelas conquistas efetuadas e a culpa pelos fracassos conhecidos. “E o meu Deus suprirá todas as vossas necessidades...” (Paulo, Filipenses, 4:19).

Observemos uma fonte a jorrar água abundante e cristalina ficando à disposição daqueles que têm sede. Se nos dirigirmos a ela conduzindo um copo, não conseguiremos apanhar mais que um copo de água límpida. Se levamos uma jarra, carregaremos conosco um pouco mais de água e, se nos apresentarmos levando um balde, teremos a oportunidade de reter uma quantidade bem maior desse precioso líquido.

Obviamente, cada um colherá na fonte a quantidade de água proporcional ao recipiente conduzido, embora ela continue a jorrar abundantemente.

Assim também acontece com a Providência Divina, sempre a oferecer uma quantidade imensa de recursos que permanecem à disposição de todos nós. Dependendo do recipiente da nossa maturidade espiritual, consciência evolutiva e vontade de avançar pela estrada do progresso, poderemos aproveitar mais ou menos tais disponibilidades divinas.

Ainda não podemos olvidar que nada cairá do “céu” de forma gratuita, mas que tudo, dentro das sábias e perfeitas leis de Deus, obedecerá às leis do mérito. A cada um segundo as suas obras, conforme sentenciou Jesus (Jesus, Mateus, 16.27), então, não resta qualquer dúvida: quem não

se esforçar, não se dedicar e não se interessar por dias melhores, certamente, não os terá.

Então, descruzemos os braços e estendamos as mãos para a realização do trabalho gratificante da sementeira, pois que, no tempo certo, abarrotaremos o celeiro das nossas conquistas com os frutos saudáveis do labor empreendido.

Basta um olhar de observação ao nosso redor e logo identificaremos inúmeras oportunidades para vivenciar as imprescindíveis lições de Jesus Cristo: "Amarás ao Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo". (Jesus, Mateus, 22: 37)

Qualquer outro caminho que deliberarmos seguir, por certo, não nos conduzirá a nenhum lugar seguro. Disso já temos uma quantidade imensa de constatações, pois que ao longo desses anos todos temos trilhado outras estradas e, até agora, o que encontramos foram dores, aflições, decepções, amarguras e remorsos.

Paulo de Tarso, no âmbito da sua reconhecida sabedoria, nos advertiu que será preciso e urgente que "matemos o homem velho que existe dentro de nós, para que nasça o homem novo" (Paulo - Colossenses, 3). Assim, informou o Apóstolo dos Gentios que não podemos adiar mais a decisão de erradicar o egoísmo e o orgulho dos nossos corações, substituindo-os pela fraternidade, solidariedade e o imenso amor pelo próximo.

Não será difícil concluir, então, que, se desejamos uma vida de paz e serenidade, não existe outro caminho que não seja o de plantar a felicidade nos corações alheios.

A fonte divina continua a jorrar as águas cristalinas da sabedoria e do amor. Apenas precisamos aumentar o recipiente do nosso interesse em aproveitá-las.

Reflitamos...

Alfredo e a força de vontade

“A perseverança é a base da vitória. Não olvides que ceifarás, mais tarde, em tua lavoura de amor e luz, mas só alcançarás a divina colheita se caminhares para diante, entre o suor e a confiança, sem nunca desfaleceres.” (Emmanuel, Livro “Fonte Viva”, item 124 – Psicografia de Francisco C. Xavier.)

Ávido por obter informações sobre espiritualidade e tomar contato com as sábias e valiosas lições do Cristo, Alfredo deliberou procurar uma instituição espírita que pudesse, pelas suas atividades no bem, satisfazer a sua expectativa e curiosidade.

Logo nos primeiros dias, estando vinculado a grupos de estudos, entendeu a necessidade de seguir além das letras e dos ensinamentos, na realização de tarefas que pudessem se prestar a servir aos mais necessitados, como bem ensinou e exemplificou Jesus.

Em contato com os companheiros mais antigos da instituição, conheceu as atividades assistenciais que ali eram desenvolvidas no socorro, dentro do possível, aos irmãos em penúria e em dificuldades.

Com detalhes, inteirou-se da “Campanha do Quilo” ou “Campanha Auta de Souza”, como é conhecido popularmente esse trabalho, que trata da distribuição de saquinhos nas residências por grupos de trabalhadores das instituições, geralmente num sábado, ficando para a semana seguinte a coleta dos alimentos que formarão as cestas básicas que serão oferecidas às famílias carentes.

Percebeu que não poderia participar do grupo de voluntários que realizam a “Campanha”, pois, sendo dono de um pequeno empreendimento comercial, aos sábados de lá não poderia sair, pois que as portas de seu estabelecimento precisavam permanecer abertas para a obtenção de recursos financeiros necessários à manutenção de sua numerosa família.

Mas desejava ardentemente cooperar para a diminuição das dores e do sofrimento alheio.

Pensou, meditou, refletiu, buscou Jesus em preces, e, movido por uma grande e decisiva força de vontade, encontrou a solução para também se prestar a servir aos irmãos do caminho que experimentam sorte inferior à sua.

Sob a coordenação da "Campanha do Quilo" da entidade onde milita, apanha os saquinhos e, no final de seu expediente de trabalho, ou em suas horas de descanso, procura os vizinhos, os moradores do seu quarteirão, do bairro, e, uma vez por mês, faz a coleta dos gêneros alimentícios que lhes são ofertados. Quando o grupo da citada "Campanha" chega à instituição espírita para a formação das cestas básicas, que são oferecidas às famílias em penúria, lá encontra o Alfredo com o material coletado, ajudando a "engordar" a quantidade de alimentos que são entregues aos necessitados.

Impedido por compromissos profissionais e obrigações familiares, não conseguia estar junto ao grupo de trabalho, mas nem por isso deixava de trabalhar em favor do próximo. A força do seu ideal e a perseverança no bem fizeram com que superasse os obstáculos para poder servir em nome do Cristo.

Tem profundo significado o adágio popular: "Querer é Poder". Realmente, quem quer com determinação e labora com convicção suplanta todas as barreiras e vence todas as dificuldades, ainda mais quando se coloca ao lado de Jesus para ajudar aos "pequeninos do caminho".

Lembranças de nossos mortos

“Os Espíritos são sensíveis à saudade dos que os amavam na Terra? – Muito mais do que podeis julgar. Essas lembranças aumentam-lhes a felicidade, se não são felizes, e se são infelizes, servem-lhes de alívio.” (Pergunta 320, de “O Livro dos Espíritos” – Allan Kardec.)

A morte, como é entendida pela maioria dos homens da Terra, verdadeiramente não existe. Apenas o corpo termina, uma vez que as suas forças orgânicas se extinguem, mas nós, em Espírito, somos eternos. Deixamos a matéria física e seguimos nossa vida, rumo à eternidade.

Assim, a separação das pessoas que amamos e que nos amam, ao deixarmos o corpo, é momentânea, breve, pois um dia novamente nos reuniremos na Pátria Espiritual, onde desfrutaremos da vida em abundância.

Os laços de amor, de simpatia e de afinidade não se rompem com a desencarnação. Seguem conosco, pois que continuamos vivos, apenas existindo em dimensões diferentes, mas muito vivos.

Dessa forma, a saudade que sentimos dos seres que partiram pelo veículo da desencarnação, sem dúvida, pelos canais do pensamento chega até eles. E da mesma forma eles também pensam em nós, vibram com as nossas verdadeiras vitórias e podem sofrer com os nossos fracassos.

Então, ao recordarmos um ente querido que hoje mora na espiritualidade, não o façamos com tristeza, lamentação e desespero. É muito natural a saudade, mas podemos envolvê-lo com a certeza de que caminha rumo ao futuro e que continua a trabalhar pelo seu progresso.

Nossos pensamentos de equilíbrio, fé e esperança chegam para eles como bálsamos de consolo e incentivo para as lutas que travam. Quando sentem que na Terra seguimos confiantes e determinados, na plena convicção de que também vivem e progredem, eles se tranquilizam e encontram melhores condições de crescimento espiritual.

Sabendo disso, será sempre interessante que evitemos recordá-los em comportamentos e atitudes fúnebres, tétricas, cerimoniosas, como se estivessem guardados em sepulcros ou isolados em cemitérios. Eles não estão ali, onde jazem seus despojos. Já demandaram outras paragens e se recolheram em abrigos espirituais próprios para cada um.

Gostam imensamente de ser lembrados, mas de forma alegre, otimista e equilibrada.

Assim sendo, cultivemos o hábito de orar por eles diariamente, quando nos recolhemos para as nossas preces, enviando-lhes pensamentos de esperança e certeza dos nossos reencontros futuros.

Procuremos recordar os seus exemplos de grandeza espiritual e façamos o maior esforço para abafar os comportamentos infelizes que, porventura, tiveram, para que não os façamos sofrer ainda mais com aquilo que já os marcaram.

A flor que eles gostam de receber é a flor do sorriso e da compreensão das Leis de Deus, sem revolta, sem desespero, sem lamentação, mas com muita confiança no Pai Celestial que tudo faz pela nossa felicidade.

Portanto, para lembrar os nossos "mortos", não serão necessários locais determinados, gestos decorados, comportamentos ensaiados, posicionamentos físicos tradicionais; não, nada disso, apenas o nosso pensamento, a qualquer hora, em qualquer lugar, de preferência repleto de amor e recheado do desejo de que sejam felizes onde estão.

Hoje ou amanhã, quando Deus o permitir, novamente estaremos com eles, porque a morte, verdadeiramente, não existe.

O significado da reencarnação

"Qual a finalidade da reencarnação? – Expição, melhoramento progressivo da humanidade. Sem isso, onde estaria a justiça?". (Questão 167, de "O Livro dos Espíritos" - Allan Kardec.)

A reencarnação, isto é, o retorno do Espírito em um novo corpo para mais uma existência na Terra, não se caracteriza como prerrogativa dos espíritos ou daqueles que têm plena consciência das vidas sucessivas. É lei inquestionável da Providência Divina e que açambarca todos os filhos de Deus.

Criados que fomos, pelo Pai Celestial, simples e ignorantes, com a proposta de alcançarmos a perfeição, vamos paulatinamente, mediante os esforços que empreendemos e obviamente com a colaboração das leis universais, atingindo os nossos objetivos.

Mas como atingir os píncaros do conhecimento, da bondade, do amor, da humildade e de todas as qualidades indispensáveis ao sólido estado de perfeição em uma só existência aqui neste planeta?

Obviamente, tal empreitada seria humanamente impossível. Daí o sábio Código Divino ter instituído as reencarnações, que nada mais são do que etapas de trabalho e aprendizado, a exemplo de um educandário que ano a ano promove os seus educandos para as séries posteriores.

Em cada série o aluno se aperfeiçoa em determinadas matérias, assim o Espírito, na sua longa jornada de progresso, em cada reencarnação se aprimora em certos aspectos da sua vida.

Em realidade o processo reencarnatório tem duas nítidas metas: oferecer ao Espírito reencarnante a possibilidade de viver novas e oportunas experiências, e também vivenciar chances de redimir e reparar os equívocos e erros do passado.

Numa reencarnação, zelosos, podemos aproveitar devidamente a pauta de trabalho apresentada, avançando rumo ao progresso, como também, descuidados, perder as oportunidades oferecidas, caindo na vala sombria dos enganos e acarretando sérios prejuízos para a nossa caminhada.

Sendo as leis de Deus de imenso amor e sábia justiça, jamais de punições e castigos, outra vez se apresentam oferecendo novas

oportunidades para que refaçamos o nosso caminho e encetemos outras direções para as nossas vidas.

Um pai amoroso, consciente e responsável, jamais fecha a porta do arrependimento aos seus filhos e nem se compraz em vê-los sofrer, e, ao invés de definir a sorte deles após alguns anos de enganos, se esmera em estender as mãos aos rebentos desajustados, objetivando reerguê-los para uma caminhada digna, honrada e feliz.

A reencarnação não é um castigo, mas sim um imenso campo de labor e de estudos que, se aproveitado devidamente, abre notórias e incalculáveis possibilidades de ascensão espiritual a todos nós que sonhamos com a paz verdadeira e com a felicidade definitiva.

Portanto, não se trata de uma realidade para ser ou não ser acreditada, mas sim de uma lei natural que, no contexto de uma lógica nítida, esclarece as diferenças existentes entre as criaturas humanas.

Por que uns sofrem mais que outros? Por que uns são mais saudáveis que outros? Por que uns vivem mais felizes que outros? Seria Deus caprichoso e injusto? Se vivêssemos uma única existência na Terra e se a nossa sorte fosse definida após esta existência, a conclusão, obviamente, seria essa: um Deus parcial, indiferente e descuidado.

No entanto, tudo fica muito claro, muito evidente e totalmente compreensível quando entendemos o processo reencarnatório, em que, mediante sucessivas reencarnações, aos poucos vamos edificando a estrutura da nossa perfeição. Então, escorados por essa insofismável realidade, vemos um Deus de amor, de oportunidades, um Pai fraterno e sumamente justo, permitindo que cada filho faça o seu próprio caminho, sob o amparo de suas abençoadas mãos.

Reflitamos.

Carregar a nossa cruz

"Ele salvou a muitos e a si mesmo não pôde salvar." (Mateus, 27:42)

Observando, historicamente, a trajetória de Jesus pelo mundo, pela ótica terrena, identificamos imenso fracasso do Mestre, pois que Ele acabara condenado pelas autoridades da época à pena de morte, tendo sido crucificado publicamente.

No entanto, afirmara o próprio Cristo: "Eu venci o mundo" (Jesus - João, 16:33), deixando bem nítido que ele havia cumprido integralmente a sua valiosa e indispensável missão: a de trazer o evangelho aos homens, apresentando à humanidade um novo e promissor roteiro de vida, que, se devidamente seguido, será capaz de assegurar a paz e a felicidade a cada criatura.

Em realidade, somos Espíritos eternos e temos como proposta definitiva: chegar à perfeição e, para tanto, o foco de nossas vitórias deverá ser direcionado para as conquistas de valores morais íntimos, esses que nos assegurarão maturidade espiritual e plena conscientização das nossas reais finalidades na vida.

Muitos vencem no mundo, mas acabam derrotados espiritualmente. Conhecem a glória, a fama, o prestígio, o poder, a fortuna no convívio social em que se situam, mas, intimamente, carregam vulcões de sofrimento e ardem em labaredas de torturas e confusões mentais, dentro de um contexto de inenarráveis perturbações.

"Vencer no mundo" é bem diferente de "vencer o mundo". Na primeira situação encontramos vitórias materiais, aqui na Terra, na segunda, nós as temos espiritualmente. E como a nossa verdadeira vida é a espiritual, pois que a permanência na Terra é curta e passageira, não temos dificuldades em concluir para qual direção precisamos apontar o rumo de nossas ações, procedimentos e atitudes.

Obviamente, ninguém está impedido de desfrutar uma vida material de conforto e comodidade, tendo obtido recurso para isso com honestidade. O equívoco se dá quando menosprezamos os valores espirituais, pois que esses são definitivos, eternos, enquanto os materiais são efêmeros e passageiros. Mas sempre que utilizamos os recursos da matéria dentro de um contexto de equilíbrio, eles podem nos ajudar a progredir espiritualmente.

Na vida tudo é uma questão de bom senso e maturidade. Com tantas informações na atualidade, não podemos ignorar o que somos, de onde viemos e para onde vamos. Somente tendo uma ampla consciência de eternidade é que teremos plenas possibilidades de traçar metas e objetivos que nos garantirão progresso e prosperidade reais.

Assim, no mínimo, utilizemos as mesmas forças, o mesmo ímpeto e os mesmos interesses que declinamos às buscas materiais, também, às conquistas espirituais, para que não nos mergulhemos mais tarde nas águas turvas do arrependimento e do remorso.

Estudemos, com afinco e zelo, as ciências terrenas, buscando o máximo de conhecimento nas escolas, livros e compêndios, mas não olvidemos a necessidade de conhecer, detalhadamente, as ciências espirituais, pois que somos compostos de duas naturezas: a física e a espiritual, e o equilíbrio da nossa vida somente o alcançaremos, integralmente, quando essas duas naturezas estiverem devidamente ajustadas.

Sendo Jesus Cristo o modelo a ser seguido, aprendamos com ele a também vencer o mundo, superando os defeitos que ainda insistem em nos fazer infelizes e adquirindo as virtudes que nos elevarão a patamares de bem-estar e tranquilidade.

Reflitamos...

O despertar da consciência

“Desperta, tu que dormes! Levanta-te dentre os mortos e o Cristo te iluminará”. (Paulo, Efésios, 5:14)

Um dia, na espiritualidade, analisando o nosso passado, tomamos ciência da quantidade de equívocos e tropeços cometidos ao longo do tempo, e, vislumbrando as possibilidades de vivenciar a paz e a felicidade no futuro, nos sentimos motivados a redimir tais enganos. Para tanto, recorreremos aos préstimos de valorosos benfeitores espirituais solicitando novas oportunidades, mediante nosso retorno à Terra em novo processo reencarnatório.

E aqui estamos com amplas condições de corrigir o que não fizemos direito e com uma gama imensa de chances de realizar novas experiências. Ao nosso redor, quotidianamente, pululam oportunidades de toda ordem, a fim de que saíamos da condição inferior em que ainda estamos, indo em busca de uma postura de maior elevação moral e espiritual.

A família que nos acolhe se caracteriza como um vasto campo de trabalho e de aprendizado, para que aprendamos a domar as nossas más tendências e, ao mesmo tempo, ir desenvolvendo a paciência, a compreensão e a fraternidade.

No âmbito do trabalho profissional que desenvolvemos, com muita frequência convivemos com criaturas que não pensam como nós, o que possibilita a nossa interação com as diferenças decorrentes do modo de vida de cada uma delas, aprendendo a tolerar e a respeitar as pessoas como elas são e não como gostaríamos que elas fossem.

E, dentro de todo esse contexto social em que mourejamos, aos poucos vamos aprendendo que não existe uma única pessoa detentora de plenas faculdades mentais e lucidez de raciocínio que não deseje ser feliz e viver serenamente. Isso nos leva à conclusão de que todas as ações, atos e procedimentos que desencadeamos deverão ter por meta e objetivo o bem-estar daqueles que seguem conosco pela vida.

Da mesma forma que desejamos a paz, os outros também anseiam por ela.

Então, é indispensável refletir se realmente fazemos uso da presente reencarnação conforme planejamos um dia na espiritualidade, ou se,

porventura, debruçados em novos equívocos, fantasias e ilusões, não estamos repetindo os erros de outrora e, com isso, perdendo mais uma vez a oportunidade de prosperidade espiritual.

Nossa vida segue dentro dos padrões da dignidade, nobreza, honradez e decência?

Temos feito todos os esforços possíveis para que em momento algum causemos sofrimento e dor aos irmãos do caminho, conforme preceituam as valiosas e indispensáveis lições de Jesus?

Nas refregas diárias combatemos, com força e vigor, o egoísmo e o orgulho, que insistem em empanar o brilho da nossa existência e escurecer nossas propostas de redenção e aprimoramento?

Nos momentos difíceis e angustiantes temos mantido o equilíbrio, a perseverança e, acima de tudo, a fé na Providência Divina, que disponibiliza imensos recursos e mecanismos para que avancemos corajosamente na direção do progresso?

Não esqueçamos: um dia na espiritualidade, esperançosos, pedimos o aval dos benfeitores amigos para retornar à vida física. E quando saímos de lá tínhamos perfeitas informações de que nada seria fácil. Portanto, agora, não valem o desânimo, o abatimento, a tristeza ou o inconformismo.

Deus a ninguém desampara, e afirma Jesus que "batendo à porta ela se abrirá". Assim, oportuno será meditar, maduramente, observando se realmente estamos aproveitando a chance reencarnatória que temos em mãos. Fomos nós que a pedimos.

Reflitamos...

Aprender com Jesus Cristo

"Jesus é para o homem o tipo de perfeição moral a que pode aspirar a humanidade na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei..." (Comentário de Allan Kardec, na questão 625, de "O Livro dos Espíritos".)

A criatura humana, no contexto da sua intelectualidade e postura social, sempre estará numa posição intermediária, em algumas situações ensinando e em outras aprendendo. Imprescindível, então, que, ao buscar conhecimentos, o faça tendo como referência modelos de dignidade, honradez e sublimidade.

Na Terra, em realidade, o modelo seguro a ser seguido é, sem dúvida, Jesus Cristo, que há mais de dois mil anos nos apresentou o Seu Evangelho recheado de notáveis e imprescindíveis lições. Viver longe das informações que Ele nos trouxe ou divergir delas será andar na contramão da lógica.

Ao nascer numa modesta manjedoura, em Belém, Jesus chegou à Terra portando a mensagem da humildade e da simplicidade, pois que poderia, se desejasse, ter nascido na Grécia, que na época era o berço da cultura mundial. Preferiu o ambiente bucólico e pacato da Palestina, seguindo uma vida descomplicada e sem ostentações.

Suas lições foram apresentadas ao povo em ambientes livres, nas ruas, na natureza, evidenciando a importância da essência dos ensinamentos e não o local e a forma como eles eram informados, combatendo, assim, o personalismo e a necessidade de templos suntuosos.

Esteve sempre em contato com as pessoas, no meio do povo, deixando clara a lição da iniciativa e da boa vontade, saindo em socorro dos necessitados sem esperar que eles O procurassem. Seus braços abertos acolhiam os carentes de toda ordem, dispensando aparatos e regalias.

Quando disse que era preciso "dar a César o que era de César e a Deus o que era de Deus" (Jesus – Mateus, 22:21), lecionou a disciplina e a obediência aos que o assediavam, evitando exaltar o povo em movimentos de rebeldia e tumultos, proclamando com isso a serenidade e a paz.

No episódio da "multiplicação dos pães" (Jesus-João 6:1-14), para alimentar a população faminta que o cercava, deixou nítida a lição da

responsabilidade pelo trabalho que Lhe competia, não delegando a ninguém a tarefa que entendeu ser Sua, pois que os discípulos sugeriram, na oportunidade, que o povo fosse dispensado para buscar alimento.

Dizendo a Pedro que era preciso "perdoar setenta vezes sete vezes" (Jesus – Mateus, 18:22), falou da importância e do valor da fraternidade e da tolerância, destacando um manual de boa convivência como base para que as criaturas pudessem construir um ambiente de saúde mental e física.

Quando destacou a lição "buscai e achareis" (Jesus – Mateus, VII: 7-11), apresentou à humanidade a lei do esforço e da perseverança, alavancas indispensáveis para a implantação do progresso e da prosperidade entre os homens. Sem a força do trabalho no mundo, o caos se instala.

Apresentando a necessidade do "vigiai e orai" (Jesus – Mateus, 26:41), aconselhou os homens a cuidarem do pensamento, da área mental, nascedouro das ideias que ao se concretizarem produzirão fatos e acontecimentos que movimentarão a vida social do planeta. Dependendo do teor e do conteúdo mental que criarmos, viveremos num mundo equilibrado ou não.

Ao comentar que "quando dás esmola, não saiba tua mão esquerda o que faz a direita" (Jesus - Mateus, 6:3), apresentou a caridade desinteressada, desprendida, onde será preciso servir indistintamente, socorrer sem exigir nada em troca e dar sem esperar receber, ou seja, amar sem apresentar quaisquer condições.

Dizendo que os "sãos não precisam de médico" (Jesus – Mateus, 9:12), deixou bem claro que aqueles que nos procuram com as mãos estendidas e corações dilacerados são aqueles que precisam de socorro e atendimento, e a eles jamais podemos negar qualquer auxílio.

Portanto, se a lâmpada do esclarecimento e maturidade já espalha luz em nosso âmago, e se já conseguimos, mesmo que seja um pouco, entender as lições imorredouras de Jesus Cristo, O tomemos como modelo e guia e saiamos a vivenciar, quotidianamente, suas notáveis e preciosas lições, pois, à medida que difundimos a paz e a serenidade entre as criaturas que nos rodeiam, também perpetuaremos essas virtudes em nosso coração.

Qualquer caminho ou direção que seguirmos, distante de Jesus, será andar na contramão da lógica. Pensemos nisso...

Maria Antônia e o valor da prece

“Pela prece, o homem chama para si o concurso dos bons Espíritos, que vêm sustentá-lo nas suas boas resoluções e inspirar-lhe bons pensamentos.”
(O Evangelho segundo o Espiritismo - Cap. XXVII – Item 11 – Allan Kardec.)

Maria Antônia sofria, há muito tempo, de terríveis dores de cabeça. Havia percorrido médicos e hospitais buscando encontrar o tratamento adequado para o mal que a afligia.

As dores eram tão intensas e frequentes que dificultavam a realização das tarefas domésticas, pois as crises, via de regra, a prostravam ao leito enquanto os serviços da casa aguardavam.

Naquele dia, a dor de cabeça estava insuportável. Doía tanto que se refletia em todo o corpo. Recolhida na penumbra do seu quarto, não lhe restava outra alternativa senão esperar, pois que nem sempre os analgésicos devolviam-lhe a normalidade.

Maria Antônia, que registrava acentuada sensibilidade mediúnica, começou a perceber que era envolvida por uma névoa esbranquiçada, como uma fumaça clara e tênue que girava ao redor do seu corpo. Curiosa, fixou-se no fenômeno, pois sabia que estava vendo o desenrolar dos acontecimentos pela visão espiritual, e, surpresa, observou que a branda névoa que penetrava o seu quarto perdia-se na distância.

Percebeu que a dor começava a ceder e um grande alívio a dominava, confortando-a.

Fixou ainda mais sua observação no fenômeno que se desenrolava ao seu redor e vislumbrou, ao longe, a figura de um homem recostado ao tronco de uma árvore, desfrutando a plácida sombra do enorme vegetal, enquanto repousava, cobrindo o rosto com um chapéu. Dele emanava a bruma que a circundava, afastando-lhe, aos poucos, a imensa dor que estava sentindo.

Não teve qualquer dúvida. Tratava-se do senhor José Francisco, amigo de sua família, homem fraterno e solidário que, aproveitando o pequeno repouso após o almoço, enquanto aguardava a reinício das tarefas na lavoura, endereçava a ela uma prece, pois conhecia os padecimentos que as dores de cabeça lhe proporcionavam.

Decorridos mais alguns instantes, Maria Antônia nada mais sentia. A dor terrível havia desaparecido e, disposta, retomava os afazeres do lar.

Em conversa com um amigo, relatou-lhe o acontecimento e este, na primeira oportunidade, abordou o senhor José Francisco, de forma discreta, sem mencionar o fato. Ficou sabendo que ele tinha o hábito de, após o almoço, enquanto aguardava o retorno ao trabalho, endereçar preces às pessoas que sofriam, carregando o coração de votos de melhora e restabelecimento da saúde.

*

Se a prece com sinceridade foi capaz de aliviar uma forte dor de cabeça, pode, sem dúvida, fazer muito mais.

Foi por isso que Jesus sentenciou: "Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: Transporta-te daqui para ali, e ela se transportaria, e nada vos seria impossível" (Jesus - Lucas, 17:6).

A prece está à nossa disposição, como recurso de grande valor, apenas ainda não descobrimos como fazer uso desse poderoso mecanismo, acessível a todos a qualquer momento e em qualquer situação.

Meditemos.

Dores ocultas

“Nas grandes calamidades, a caridade se manifesta, e veem-se generosos impulsos para reparar os desastres; mas, ao lado desses desastres gerais, há milhares de desastres particulares que passam despercebidos, de pessoas que jazem sobre um catre sem se lamentarem.” (O Evangelho segundo o Espiritismo – Cap. XIII – item 4 – Allan Kardec.)

Tornar realidade a vida de paz e tranquilidade que queremos é trabalho para todos nós. No entanto, a criatura humana, acreditando estar oferecendo a sua cota de contribuição para que o mundo melhore, se arvora na condição de fazer julgamento da vida alheia. Nessa preocupação enganosa, acaba deixando de fazer o que lhe compete para exigir que os outros façam aquilo que lhe caberia realizar.

Quando tal situação passa a comandar os destinos humanos, imediatamente se instala a confusão e a desordem. Em realidade, o que estamos a presenciar, no momento, no seio da coletividade, é o produto do comodismo e da inércia, uma vez que sempre queremos que os outros trabalhem, enquanto, de braços cruzados, observamos de longe o quadro social a derramar problemas e preocupações que acabam por nos atingir também.

É preciso reagir quando a poltrona da inércia nos convida ao descanso imerecido, em detrimento do serviço que nos aguarda a execução.

É preciso não aceitar a anestesia do comodismo que entorpece os nossos sentimentos e impede que avancemos na existência, adquirindo valores enobrecidos.

É preciso que evitemos a flor enganosa das ilusões, pois um dia suas pétalas murcharão e os sonhos vazios e inatingíveis nos farão infelizes e amargurados.

É preciso despistar, com energia e firmeza, a presença da palavra desprovida de essência moral, uma vez que nos abre as portas largas para as quedas espetaculosas e a falência da dignidade.

É preciso fugir dos apelos insistentes das viciações que abocanham nossa saúde física e mental, além de roubar valiosas oportunidades de servir a quem nos estende as mãos.

É preciso evitar que declinemos preocupações com assuntos que aos outros pertencem, e lancemo-nos a verificar o que realmente devemos fazer no bem, para a nossa ascensão espiritual.

É preciso observar que aos poucos, descuidados, vamos morrendo com o peso do desânimo, enquanto vicejam ao nosso redor múltiplas possibilidades de socorrer os que sofrem.

Saiamos sim, encorajados, a procurar pelos infortúnios ocultos e pelas dores silenciosas que atrofiam corações e aniquilam aspirações, a fim de que façamos a esperança brotar.

Lancemo-nos, sim, a espargir cultura e lições onde a ignorância faz morada e ceifa oportunidades, grassando a tristeza aos irmãos do caminho.

E nunca nos esqueçamos de que o infortúnio oculto se instala no casebre, mas também lança seus tentáculos na mansão. Na choupana, com mais frequência, denomina-se fome, nudez, doença, desemprego; já na casa mais aquinhoadamente, é patenteado como desuniões conjugais, dramas morais, toxicomanias, doenças incuráveis, ilusões e outros. Mas, de qualquer modo, está sempre a requisitar providências.

Vejamos, então, como servir, objetivando que a luz da paz possa dissipar a escuridão do sofrimento, clareando os caminhos dos homens para que a felicidade envolva a todos.

Nem tudo nos convém

“Todas as coisas são lícitas, mas nem tudo convém.” (Paulo, Coríntios, Capítulo 10, Versículo 23.)

A sábia palavra evangélica, há séculos, vem advertindo e orientando a humanidade quanto ao que é oportuno e valioso, informando, com presteza, tudo aquilo que prejudica nossa caminhada em direção à felicidade.

Paulo, o grande mensageiro da Boa Nova, sempre atento na defesa dos reais interesses da vida, procurando manter os cristãos em alerta, ensinou naquela época, e, por consequência, nos ensinou também, a verificar se o que estamos fazendo é bom.

Isso, evidentemente, em razão do nosso progresso espiritual, pois que na Terra, nesta existência, estamos vivendo apenas uma etapa da nossa vida real, já que existíamos antes do nascimento físico e continuaremos a viver depois da morte. Portanto, somos eternos, em Espírito, e não no corpo material. Assim, as coisas do Espírito devem ter prioridade sobre as do corpo perecível.

E a advertência: “Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm” merece de todos nós profundas reflexões.

Manter conversaçoão no seio social em que vivemos é lícito, no entanto, descambar para comentários levianos, críticas infundadas e falatórios inoportunos não convém, pois que nos coloca na condição de fofoqueiros ou maledicentes.

Fazer uso de bebidas alcoólicas é lícito para qualquer um, mas não precisamos de grandes discursos para informar que isso não convém, pois a ciência já demonstrou, por pesquisas de alto nível, as consequências danosas do álcool no organismo, além da degradação moral.

É lícito à criatura humana usar fumo ou outros tóxicos, mas qualquer pessoa de bom senso sabe, com relação à nossa saúde física e mental, não convém manter tais viciações.

O sexo é lícito para qualquer ser humano, para a perpetuação da espécie e o equilíbrio das energias, mas o abuso sexual e a sua utilização de forma desequilibrada e imoral não convêm, pois com sentimentos não se brinca sem graves prejuízos.

Cruzar os braços ante o serviço por fazer é lícito, o que evidentemente não nos convém, porque, por meio do trabalho, além da dignidade, mantemos nossa vida na Terra sem pesar para a economia popular.

A alimentação que oferece ao corpo os elementos de sustentação é lícita, mas a gula – ou abuso alimentar – não convém, uma vez que sobrecarrega nossa máquina orgânica de atividades extras, comprometendo seu funcionamento.

O descanso, para todos, é lícito, uma vez que restaura as nossas forças orgânicas e mentais, mas o excesso de horas ociosas não convém porque temos tarefas importantes a realizar visando ao nosso crescimento espiritual, como: visitar um doente, socorrer um necessitado, amparar uma criança e muito mais.

Assim, é imperioso analisar o que realmente é lícito e aquilo que convém, uma vez que nossa vida por aqui é apenas uma etapa da vida total.

Seria interessante ter o futuro revelado?

"O futuro pode ser revelado ao homem? – Em princípio, o futuro lhe é oculto e só em casos raros e excepcionais Deus lhe permite a sua revelação." (Questão 868, de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec.)

Vivendo aqui na Terra, no atual estágio evolutivo em que nos encontramos, não é nada fácil administrar o presente, com toda a sua complexidade. Imaginemos ter ainda o acréscimo de revelações do que nos ocorrerá nos dias do futuro? Por certo, seria uma sobrecarga de emoções, expectativas e ansiedades que pesariam sobre os nossos ombros, com sérias e preocupantes consequências para a nossa vida mental.

Por isso as sábias e prudentes leis divinas nos posicionam os limites da vida presente, permitindo, somente em casos raríssimos, que o véu do futuro seja levantado.

Tendo essa consciência, será inútil, ou mesmo pouco proveitosa, qualquer tentativa de vislumbrar o que nos espera no porvir. Mais sensato e lógico é viver bem cada oportunidade que Deus nos concede hoje. Assim, desaconselhável será procurar por quem possa nos informar sobre o amanhã. Primeiro, pela inutilidade dessas possíveis informações, segundo, pelo risco que se corre de se ser enganado por criaturas desprovidas de honestidade, ou mesmo por ignorância.

E temos tanto o que fazer no presente, em busca do atendimento aos nossos deveres e compromissos da reencarnação em curso, que, se realmente aproveitarmos o manancial de recursos que a Providência Divina disponibiliza em nosso favor, não restará tempo para divagações ou procura por aquilo que se realizará em outras oportunidades.

Sabemos, com plena clareza, mediante as abundantes informações que nos são passadas pelos Espíritos benfeitores, que colhemos hoje os frutos das sementes que plantamos ontem, e isso nos leva a concluir que ceifaremos amanhã de acordo com a semeadura de hoje. Assim, vivendo no bem e cultivando sempre o bem, não teremos qualquer dúvida de que o futuro será bom.

Melhor, então, e bem mais racional, é que cuidemos devidamente do presente, dando atenções e declinando responsabilidades com os nossos deveres de agora, que não são poucos.

Se conhecêssemos o futuro, por certo negligenciaríamos o presente, com prejuízos incalculáveis. Não teríamos a mesma liberdade e a iniciativa de agora, pois que seríamos dominados pelas emoções do que iria ou não acontecer.

Nada sabendo sobre os dias do futuro, seguimos a nossa vida no presente dentro da normalidade, empreendendo esforços e laborando firmemente em busca do nosso crescimento espiritual.

Melhor será, então, que utilizemos o nosso tempo, e o nosso desejo de saber o que nos está reservado para o tempo que ainda não chegou, em atividades e realizações no momento, executando o programa de trabalho e aprimoramento que traçamos.

Estudemos mais, trabalhemos mais, sirvamos mais, amemos mais...

Ao nosso redor pululam oportunidades para que ajudemos a construir um mundo melhor, partindo da melhoria de nós mesmos.

E, se não é conveniente que tenhamos o nosso futuro revelado, será conveniente que nos ocupemos no presente com total interesse e dedicação ao próximo. Dessa forma, contribuímos decididamente para que o futuro de todos seja, no momento certo, uma realização plena de serenidade e paz.

A vida de hoje tem sua base no passado e, da forma que conduzirmos a nossa existência agora, estaremos projetando o futuro. Vivamos, então, de tal maneira dentro dos preceitos evangélicos que, mesmo sem ter o nosso futuro revelado, saibamos que ele, pela lei de causa e efeito, ação e reação, será repleto de alegrias e infindáveis realizações.

Reflitamos...

Jesus Cristo: o modelo a ser seguido

“Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo? – Vede Jesus. (Questão 625, de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec.)

Sendo Jesus Cristo o guia e o modelo a ser seguido por nós, o que estamos esperando para agir desta forma? Tudo o que deliberarmos fazer de diferente dessa valiosa observação, por certo, nos colocará na contramão da lógica e da razão, e, por consequência, nos trará o reflexo da desobediência e da indisciplina em forma de reveses, dores e decepções.

Obviamente, a escolha será sempre nossa, pois que o livre-arbítrio é uma Lei Divina, onde cada qual vive de conformidade com o que pensa, mas o bom senso nos recomenda observar a maneira como decidimos a nossa jornada terrena, pois que ninguém, em sã consciência e perfeita lucidez de raciocínio, deseja sofrer.

Contrariar as profundas e sábias lições de Jesus é, incontestavelmente, uma forma de semear espinhos que nos proporcionarão colheitas fartas de arranhões e ferimentos.

Sugere o Mestre, objetivando a construção de uma saudável vida social, que aprendamos a compreender as pessoas como elas são, despidos de egoísmo, preconceito ou exclusividades, pois que, de nossa parte, também temos necessidade de que nos entendam como somos.

Orienta que, diante de conflitos, rugas ou pugnas, façamos uso do perdão e da tolerância, pois que dificilmente, no estágio em que vivemos, conseguiremos nos relacionar com os outros sem causar algum tipo de mágoa, ressentimento ou coisa que valha.

Pede que estendamos as mãos àqueles que seguem vivendo em situação de penúria, aliviando-lhes os padecimentos e torturas, pois nenhum de nós sabe como será o nosso dia amanhã.

Informa que devemos amar ao nosso próximo como a nós mesmos, assim ensinando que os mais fortes precisam amparar os mais fracos, os mais poderosos socorrer os menos influentes, e os mais ricos não ignorar aqueles que vivem na pobreza.

Propõe que a mão esquerda não saiba o que faz a direita, ministrando as lições da humildade e da simplicidade, e, ao mesmo tempo, condenando o orgulho, que nos faz pensar ser melhores que os outros.

Anuncia que quem socorrer os "pequeninos" de toda ordem é a Ele mesmo que está a servir, pois que a Sua maior alegria é ver o bem sendo espalhado em todas as direções e o mal sufocado pelos nossos esforços.

Ampara Maria Madalena, a jovem que se prostituía; conversa com Nicodemos, o orgulhoso doutor da lei; e hospeda-se na casa de Zaqueu, o cobrador de impostos, tido como de má vida, sem apresentar nenhuma censura ou reprimenda, acolhendo-os com carinho e ternura, propiciando a transformação deles, no tempo, sem qualquer acusação ou violência.

Diante da multidão faminta de esclarecimentos e gêneros alimentícios, falou da Boa Nova, mas não se esquivou do dever de alimentá-la também, multiplicando pães e peixes, socorrendo conjuntamente o coração e o estômago.

Dependurado injustamente numa cruz, vítima da incompreensão e da ignorância humana, ainda teve forças para rogar a Deus que perdoasse a humanidade, pois que, em suma, não tinha ela noção do que estava fazendo.

Como podemos observar, nitidamente, nada é mais novo e moderno do que as imprescindíveis lições de Jesus Cristo, que já são por demais conhecidas, mas tão pouco praticadas.

Ou seguimos Jesus, o modelo e guia da humanidade, ou nos preparamos para longas temporadas de dissabores e infortúnios. A escolha é de cada um.

Meditemos.

Amor e sabedoria

"Em verdade vos digo: os que carregam seus fardos e assistem os seus irmãos são os meus bem-amados." (Espírito da Verdade, em "O Evangelho segundo o Espiritismo", item 6, capítulo VI.)

O amor é o sublime sentimento que está no topo de uma escada cujos degraus são constituídos pela compreensão, companheirismo, paciência, resignação, tolerância e fraternidade. Somente conseguirá vivenciá-lo, em sua plenitude, quem tiver a coragem, a determinação e a sabedoria de transpor cada degrau desta ascensão, tendo a consciência plena dos compensadores esforços que deverá empreender.

O amor é dotado de essência divina, desenvolvendo e prosperando nos corações daqueles que já entenderam que a vida vai muito além da sua presença física na Terra.

É sábio quem já conseguiu compreender que a paz que sonha e a felicidade que busca serão conquistadas a partir do momento em que se dispuser a servir os irmãos do caminho. Plantando a alegria e a esperança nos corações alheios, por reflexo, tais benesses florescerão também no seu.

Em realidade, ninguém conseguirá viver satisfatoriamente no egoísmo e no isolamento. Somos seres gregários e, como tal, jamais podemos olvidar a necessidade da vida em sociedade, onde o que sabe mais precisa ajudar o menos dotado intelectualmente, o mais forte deve amparar o debilitado, o mais rico não pode esquecer os menos aquinhoados com recursos materiais, e assim por diante.

O amor e a sabedoria, as duas asas que nos permitirão voar em direção à evolução espiritual, meta proposta a todos nós pelas Leis Divinas, necessitarão estar em equilíbrio. Pela sabedoria, teremos ampla consciência dos nossos deveres e obrigações como filhos de Deus, perante a família universal, e, pelo amor, entenderemos a urgente e imprescindível razão de trabalharmos arduamente pela humanização social.

Se até o presente momento ainda não logramos viver, aqui na Terra, no âmbito do clima de serenidade desejado, obviamente é porque persistimos em seguir na contramão da lógica e do bom senso, significando entender a nossa preferência em afrontar as orientações

claras que há muito tempo nos foram passadas por Jesus Cristo: "amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (João, 15:12).

Aquele que já consegue se sensibilizar pelos dramas e tormentos que incendeiam a vida do próximo, e se propõe dentro do possível e mediante suas possibilidades a prestar-lhe algum tipo de socorro, demonstra que a sabedoria e o amor, mesmo que ainda em estado latente, moram nas entranhas do seu coração.

E no mundo não existem palavras capazes de exprimir os valiosos sentimentos do amor vivido e a serena sensação de paz que exala dos corações altruístas e generosos. Somente quem ama consegue sentir, e não há como transferir tal experiência. Cada um somente poderá conhecê-la se aprender a amar.

Ao nosso redor, todos os dias, a Providência Divina nos coloca uma gama enorme de possibilidades para que desenvolvamos a sabedoria e o amor. Basta que observemos atentamente as circunstâncias que se destacam.

Um filho solicitando atenção, um familiar carecendo de amparo, um vizinho vivendo na solidão, um amigo passando por dificuldades financeiras momentâneas, um desempregado implorando por trabalho, uma mãe desesperada por não ter alimentação a oferecer aos filhinhos, um jovem desorientado, uma criança sem lar, um idoso vivendo ao relento, um estudante sem condições de arcar com as despesas da escola, um adulto entregue a viciações tóxicas... O campo para que vivamos com sabedoria e amor é vasto. Aproveitar as oportunidades deflagradas é uma decisão que cabe a nós, somente.

Sabedoria e amor...

Reflitamos...

Não é saudável julgar o próximo

"Não julgueis, para não serdes julgados. Porque, com o juízo com que julgardes, sereis julgados, e com a medida com que medirdes, vós sereis medidos." (Jesus – Mateus, 7:1 a 3)

Certamente, agiríamos bem melhor e com muito mais maturidade se observássemos os nossos defeitos, com a firme proposta de eliminá-los, ao invés de procurar pelas falhas alheias.

É conduta equivocada dos homens destacar as imperfeições que ainda maculam as criaturas, quando sabemos perfeitamente que a maioria ainda vive dando demonstrações de conduta em desacordo com os preceitos da moralidade.

Em verdade, o que ganhamos ou quais benefícios somamos quando julgamos o comportamento dos outros? Gostamos quando alguém faz alguma crítica quanto ao nosso modo de vida?

Pela lógica e diante do bom senso, podemos identificar os desequilíbrios que ferem os nossos irmãos de caminhada. Isso quando carregamos o saudável propósito de ajudá-los, dentro do possível, sem alarde.

De outra forma, bem mais útil será utilizar as forças que ostentamos para sondar o nosso íntimo à procura dos pontos desajustados, tendo em vista a urgente necessidade de saná-los. Somente alcançaremos a perfeição a que estamos destinados, dentro das Leis Divinas, quando superarmos as mazelas que nos prendem aos círculos inferiores da vida.

Então, aprendamos com Jesus, "que bem sabia o que existia no homem" (Jesus - João, 2:25) e, mesmo assim, trabalhou arduamente para a edificação de um mundo melhor a partir do incentivo à melhoria de cada criatura.

O Cristo acolheu amorosamente Maria Madalena, a jovem que se prostituía na época, apontando-lhe, com a Sua autoridade moral, um novo roteiro de vida, que ela aceitou, dignificando o resto de sua existência na Terra.

Não abandonou Pedro, mesmo depois de tê-Lo negado por três vezes, depositando no valoroso discípulo a tarefa de ajudá-Lo na implantação do Evangelho entre os homens.

Aceitou conversar com Nicodemos, o doutor da lei, nas sombras da noite, porque aquela autoridade não queria ser vista por populares, em contato com Jesus, temendo por sua reputação. Incentivou-o à renovação e à tomada de nova postura diante das oportunidades da vida.

Hospedou-se na casa de Zaqueu, o publicano cobrador de impostos, tido como homem de má vida, mesmo ante a incompreensão daqueles que O seguiam. Despertou Zaqueu para a aquisição de valores nobres.

Como podemos observar, Jesus não julgava ninguém, apenas servia. Identificava em cada criatura um imenso campo de trabalho e saía, resoluto, a laborar.

Como cristãos que somos, tendo o Mestre como nosso guia e modelo, o que estamos esperando para segui-LO? Obviamente, não poderemos fazer como Ele fez, mas não estamos impedidos de realizar tarefas menores, de conformidade com as nossas condições evolutivas.

Assim, ao invés de julgamentos, críticas ou observações vazias quanto ao comportamento alheio, procuremos uma forma de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, mais fraterna e mais humana, tomando cada irmão nosso como alguém que também aspira pela paz e pela felicidade, mesmo que no momento esteja ainda caminhando na contramão do progresso moral, pois que amanhã tudo poderá ser bem diferente.

Não julguemos os outros, julguemos a nós mesmos e procuremos, com determinação e coragem, detectar nossas falhas, empreendendo esforços e sacrifícios para saná-las.

Reflitamos...

Evitemos guardar mágoas e ressentimentos

"Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete." (Jesus - Mateus, 18:21,22)

Mágoas e ressentimentos guardados em nosso âmago atuam como ácidos corroendo a essência das nossas emoções, com graves repercussões também em nossa constituição física.

A ciência médica já há muito detectou que os desequilíbrios sentimentais que descuidadamente ainda carregamos, somatizados em nossa constituição orgânica, são geradores de uma infinidade de distúrbios, nem sempre de fácil solução.

Na base dessas doenças emocionais, quase sempre estão: a raiva, o ódio, a irritação, o inconformismo, a mágoa e o ressentimento – defeitos que ainda possuímos e que precisam ser erradicados com urgência, se desejarmos desfrutar de uma vida de equilíbrio e saúde.

Jesus Cristo, profundo conhecedor da natureza humana, desejando nos orientar com segurança, apontou à humanidade o roteiro para uma vida saudável quando ensinou a Pedro, simbolicamente, que será preciso perdoar não sete vezes, mas setenta vezes sete, isto é, perdoar sempre, infinitamente.

É por demais conhecida a complexidade das relações humanas. Somos criaturas diferentes umas das outras. Segundo o Espírito André Luiz, no livro "Libertação", no capítulo I, psicografia de Francisco Cândido Xavier, nós estamos usando a razão há quarenta mil anos.

No percurso desses milênios, tivemos a liberdade de decidir, deliberar, escolher caminhos, com independência. Isto obviamente permitiu que cada um de nós construísse o seu patrimônio de experiências, cada um à sua maneira, daí as diferenças pessoais existentes.

Saber viver no contexto dessas diferenças, eis o grande desafio.

E como não existem criaturas iguais no Universo, com urgência, precisamos saber compreender as pessoas como elas são, para que elas também nos compreendam como somos. Quando conseguirmos tal proeza, por certo teremos encontrado o caminho da serenidade.

Não será uma tarefa fácil, como não está sendo, mas é indispensável o empreendimento de grandes cotas de esforços, sacrifícios e renúncias pessoais, para que os sentimentos da mágoa, do ódio e outros, definitivamente, desapareçam do nosso coração.

Sabendo disso, nos empenhemos ao máximo visando exercitar o perdão, a compreensão e a tolerância para com aqueles que, possivelmente, nos ofenderam ou nos causaram quaisquer aborrecimentos ou venham a causar. Não vale a pena abrigar, no íntimo, tais sentimentos pestilentos. Em realidade, os maiores prejudicados somos nós mesmos.

Se as criaturas com quem nos relacionamos, desavisadas, ainda pactuam com a inferioridade, lançando dardos ferinos, isso é problema exclusivamente delas. De nossa parte, façamos o contrário: emitamos vibrações de equilíbrio e de serenidade, mesmo sabendo não ser nada fácil, pois agindo assim, sem dúvida, neutralizaremos os raios desequilibrados que poderiam nos atingir.

Como podemos concluir, ao ensinar o uso contínuo do perdão, Jesus Cristo, dentro da sua imensa sabedoria, informou a todos nós, por intermédio do apóstolo Pedro, a forma correta e eficaz da convivência social, para que tenhamos uma vida saudável, tanto emocional como fisicamente.

Portanto, perdoar não se trata tão somente de um apontamento especulativo, religioso, moral, mas de um conselho profundo que assegura o nosso bem-estar.

Reflitamos...

A guerra que cultivamos todos os dias

“A guerra desaparecerá um dia da face da Terra? – Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Então, todos os povos serão irmãos.” (Questão 743, de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.)

Equivocadamente, pensamos que a guerra se configura apenas em conflitos bélicos entre as nações, onde os povos, fazendo uso de armamento pesado e de alta tecnologia, se lançam uns contra os outros, movidos por interesses de toda ordem, em verdadeiras carnificinas.

Sem dúvida, essa é uma guerra ostensiva que chama a atenção pela agressividade exacerbada, pelos prejuízos visíveis e pelo sofrimento profundo que causa às pessoas, mas outras formas de guerra existem que provocam imensos malefícios à humanidade e que nem sempre são vistas com indignação.

Guerreamos quando cultivamos no pensamento a ideia de ferir alguém ou de prejudicar de alguma forma o semelhante, mesmo que não materializemos o nosso desejo, pois que criamos ao nosso redor um campo vibratório de natureza inferior, capaz de emitir energia pestilenta, que tanto machuca nosso oponente quanto a nós mesmos.

Guerreamos quando atuamos em nossas atividades profissionais fazendo terrorismo contra os nossos concorrentes, entendendo que o sucesso deva ser somente nosso e que aos demais restam apenas derrotas e fracassos.

Guerreamos quando agimos no meio social em que militamos como peça destoante do equilíbrio e da sensatez, espalhando confusões, intrigas e malquerenças, contribuindo para a formação de ambientes desajustados e infelizes.

Guerreamos quando dentro do lar não sabemos conviver com os demais familiares, semeando a discórdia, a agressividade, a falta de educação, ou plantando o medo e a insegurança em nome do respeito.

Guerreamos quando não conseguimos identificar, no irmão de caminhada, alguém que também deseja viver em paz e que segue sua vida procurando pela felicidade.

Guerreamos quando alimentamos, descuidadamente, o egoísmo e o orgulho em nosso coração, essas terríveis chagas que tantos males e dissabores têm provocado em nosso meio social, fazendo correrem imensos rios de lágrimas e nascerem enormes montanhas de dor no contexto social em que vivemos.

Guerreamos quando acreditamos ser melhores e mais importantes que os outros, e que somente os nossos direitos devam prevalecer, custe o que custar.

Guerreamos quando entendemos que temos direitos a privilégios e deferências especiais, a destaques e honrarias, pois que nesse momento estaremos subindo em pedestais ilusórios, restando a outros a condição de bajuladores ou admiradores.

Como podemos observar, a guerra é muito mais ampla e nefasta do que aparenta.

Um avião de bombardeio, um míssil poderoso e um canhão de longo alcance fazem verdadeiro arraso, destruindo, matando, mutilando, liquidando com as esperanças de tantas criaturas. Mas ações de desequilíbrio, insensatez, indiferença e descaso para com os semelhantes também promovem tragédias de mesma intensidade no seio das coletividades humanas.

Por certo, quando entendermos o que nos ensinam as valiosas e inesquecíveis lições de Jesus Cristo, compreenderemos que somos filhos do mesmo Pai Celestial e que todos nós carregamos na intimidade os mesmos desejos de felicidade e vontade de desfrutar uma vida em paz, o que somente alcançaremos quando "amarmos uns aos outros", trabalhando para que não existam guerras de espécie alguma.

Nesse dia, então, concluiremos que a nossa serenidade só será possível quando todas as criaturas estiverem serenas.

Reflitamos...

A presença constante da proteção divina

“Qual a missão do Espírito protetor? – A de um pai para com os filhos: conduzir o seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com os seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, sustentar sua coragem nas provas da vida.” (Questão 491, de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.)

Filhos de Deus como somos, e sendo o Pai Celestial extremamente justo e bom, é natural e lógico que providenciaria todos os recursos, possibilidades e instrumentos visando ao nosso progresso e prosperidade espiritual.

Obviamente, ninguém está sozinho, mesmo que estejamos, momentaneamente, caminhando na solidão pelas estradas difíceis da Terra. Aos olhos do mundo físico podemos estar em abandono, mas, definitivamente, ante os olhares abençoados de Deus, seguimos observados atentamente, tendo ao nosso dispor, mediante nossos desejos e esforços, todos os mecanismos capazes de nos assegurarem a assistência de que necessitamos.

Toda criatura, indistintamente, recebe a proteção de um Espírito protetor, que ombreia sua jornada na condição de um grande amigo e auxiliar. Ele, certamente, não realizará o serviço que nos pertence, não executará as nossas tarefas e nem nos desincumbirá das missões que nos foram confiadas, mas estará sempre presente em nossas vidas, prestando todo tipo de apoio, socorro e ajuda de que precisarmos.

Nisso vemos quanto a Providência Divina zela por cada um de nós, e nos remete a refletir sobre a nossa importância no contexto humano em que vivemos. Quase sempre, por descuido ou mesmo por descaso, não conseguimos identificar nosso valor e influência no âmbito em que mourejamos.

Daí concluirmos sobre a necessidade premente de valorizar a presente existência aqui na Terra, dando destaque aos reais valores – aqueles que nos fazem homens de bem, que nos aproximam da divindade, que nos promovem a paz e a felicidade que tanto desejamos.

Tendo notícias dessa imensa consideração de Deus para com todos os seus filhos, fica ainda mais evidente a necessidade que temos de conhecer os nossos defeitos, pois eles nos mantêm ainda atrelados à imperfeição.

Busquemos eliminá-los, já que não podemos ignorar a urgente necessidade de empreender grandes e incontáveis esforços na aquisição de virtudes que nos elevem na direção da sublimidade.

Até por uma questão de gratidão e reconhecimento, não podemos decepcionar o nosso Espírito protetor e muito menos a Deus, pelo zelo, carinho e atenção que nos dedicam.

Portanto, ao invés de ficarmos, muitas vezes, lamentando os acontecimentos da vida, procuremos a lógica e a razão de tudo e, de imediato, encontraremos as mãos divinas estendidas em nossa direção.

Obviamente, se temos a liberdade para agir conforme a nossa vontade, podemos também escolher aceitar ou não o socorro do nosso Espírito protetor. Ele, na condição de um pai espiritual, orienta, ampara e ajuda. Nós aceitamos, ou não.

Como podemos perfeitamente perceber, a Providência Divina nos colocou no lugar certo, junto daqueles que precisam estar conosco, dotou-nos de obrigações e responsabilidades que nos são importantes, apontou-nos um roteiro de progresso e ainda nos presenteou com a proteção constante desse amigo espiritual.

Assim, devidamente munidos e abastecidos com o ferramental necessário, só nos resta seguir, firmes e determinados, rumo à evolução espiritual que nos assegurará, no futuro, a serenidade que queremos.

Pensem nisso...

Morre o corpo, prossegue a vida

“Em que se transforma a alma no instante da morte? – Volta a ser Espírito, ou seja, retorna ao mundo dos Espíritos, que ela havia deixado temporariamente.” (Questão 149, de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.)

Somos Espíritos eternos que, momentaneamente, possuímos um corpo físico. Esse veículo carnal teve um começo quando reencarnamos aqui na Terra e, obviamente, terá um fim quando deixarmos a presente existência para voltar ao mundo espiritual, de onde partimos um dia carregando no íntimo inúmeras propostas de progresso e aprimoramento.

O que a morte é capaz de fazer, pelas leis naturais da matéria, é ceifar a vitalidade desse corpo físico que utilizamos, jamais tendo qualquer atuação sobre a nossa vida, que é imortal e definitiva.

No momento em que tomarmos absoluta consciência dessa incontestável realidade, por certo a humanidade caminhará sob a rota de novas perspectivas e esperanças, pois que não mais viverá preocupada com a brevidade da vida na Terra, uma vez que terá a eternidade diante dos olhos.

A pressa, o apego exagerado à matéria, a ganância em desfrutar de tudo rapidamente, a busca desesperada por posições de destaque, de mando, de poder, de fama, e o medo da velhice, por certo, não terão o mesmo peso de agora, haja vista a certeza de que os milênios nos esperam e, dentro do tempo, lograremos realizar nossos sonhos e metas com mais equilíbrio e serenidade.

E mais ajustados ainda seremos à medida que nos conscientizamos de que somos absolutamente livres para viver como desejamos, construindo com mais rapidez a nossa paz, ou ainda caminhando entre vacilações, no contexto das nossas dores e angústias.

Somos, em realidade, hoje, o que fizemos de nós ao longo do tempo. Aquele que se esforçou mais, que aproveitou mais as oportunidades que teve, sob o comando das sábias lições da dignidade, honradez e sublimidade, logrou encontrar um patamar de alegria e realizações. Quem viveu na contramão desse caminho, naturalmente amarga as decepções e os equívocos que, descuidadamente, cultivou.

Tendo a eternidade pela frente e a responsabilidade de construir a vida que queremos desfrutar, será preciso apenas observar ao nosso redor e

fazer uso dos recursos e mecanismos que as sábias leis de Deus colocam à nossa disposição, sem atropelos, ansiedades e precipitações.

Dentro da vida, na busca pela perfeição a que estamos destinados – onde lograremos desfrutar a paz que sonhamos e a felicidade que queremos –, ainda teremos muitos nascimentos e mortes físicas aqui na Terra, nos vários e sucessivos processos reencarnatórios que nos aguardam.

O importante é lembrar que ninguém poderá impedir a nossa escalada de progresso e evolução espiritual. O código divino que rege as diretrizes da humanidade dispõe de todos os recursos a nosso favor, bastando que cada um faça uso desses mecanismos, conforme seus interesses.

Compreendendo, pela lógica e evidência da razão, que a morte do corpo físico se caracteriza apenas como o encerramento de uma etapa de trabalho na Terra, e que a vida prossegue pela eternidade afora, sem dúvida viveremos com mais serenidade para edificar os dias do futuro.

Temos um corpo material que morre e uma vida espiritual imortal.
Reflitamos...

Como seremos recebidos no mundo espiritual?

“A alma, ao deixar os despojos materiais, vê imediatamente os parentes e amigos que a precederam no mundo dos Espíritos? – Imediatamente, nem sempre; pois, como já dissemos, é-lhe necessário algum tempo para reconhecer o seu estado e sacudir o véu material.” (Questão 286, de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.)

A desencarnação, ou a morte do corpo físico, obviamente gera uma transformação em nossa vida, pois que deixamos a existência material para adentrar o mundo imaterial, ou seja, saímos da Terra e seguimos para o mundo dos Espíritos.

Como em qualquer outra situação, necessário se faz a devida adequação à nova realidade. Mesmo na Terra, quando necessitamos promover alguma mudança significativa em nossa vida, precisamos de um certo tempo para a acomodação das alterações feitas.

Morrer para o mundo físico e renascer para a vida espiritual, na sequência lógica da vida eterna, também requer um período de ajuste e acertos, mesmo que a mudança seja apenas de estado vibratório, onde continuamos alimentando nossos sonhos, ideais e metas de prosperidade e progresso.

Lembremos que inúmeros parentes e amigos já deixaram este mundo e eles também continuam vivos, seguindo a normalidade de suas vidas e, como tinham afinidades conosco, certamente se preocupam em nos ajudar na grande travessia, quando chegar o momento da nossa transição. Sem dúvida, tudo farão para nos receber bem na nova morada. No entanto, será preciso levar em consideração o fator merecimento, pois que nas sábias e justas leis divinas não existem privilégios. Cada criatura terá de volta o reflexo daquilo que fez.

Embora o amor e o carinho dos nossos entes amados, eles só poderão fazer, por nós, o que deliberar a lei do merecimento, daí a importância em se saber viver convenientemente aqui na Terra, conduzindo nossos dias pelas infalíveis regras e orientações do Evangelho de Jesus.

Quanto mais conseguirmos exemplificar, no cotidiano, as notáveis e necessárias lições do Cristo, mais agradável, aconchegante e calorosa será a nossa recepção na vida espiritual. Ignorar a importância desses ensinamentos e seguir na contramão do que é razoável, justo e

equilibrado. Será programar decepções, arrependimentos e remorsos para os dias do futuro.

Sabendo disso, não basta traçar um roteiro de vida voltado somente para a existência terrena, pois que ela é muito curta. Jamais poderemos olvidar que os comportamentos, as ações e as atitudes desencadeadas neste mundo repercutirão em nossa vida onde estivermos.

O bem ou o mal que realizamos hoje, sem sombra de dúvida, pela lei de ação e reação, serão nossos companheiros de amanhã.

Portanto, não será difícil concluir, pelo que estamos fazendo agora, qual deverá ser a nossa recepção no mundo espiritual quando formos convidados a deixar a vida na Terra.

Mas, como ainda estamos por aqui, obviamente temos tempo. Se não podemos voltar ao passado para fazer um novo começo, temos plenas condições de modificar o nosso presente, dentro de princípios de dignidade, honradez e sublimidade, projetando um futuro alvissareiro.

Que a vida não acaba com a morte do corpo, não resta dúvida alguma. O que precisamos decidir é de que forma desejamos viver no mundo espiritual: junto daqueles que amamos e que também nos amam, ou relegados a situações desconfortáveis.

Ignorância não podemos alegar, pois que nunca recebemos tantos esclarecimentos e informações como na atualidade. A decisão, obviamente, é totalmente nossa.

Reflitamos...

Atributos de Deus

“Que é Deus? – Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.” (Questão 01, de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.)

Não podendo ainda ter uma ideia completa sobre Deus, devido à nossa pequena condição evolutiva. Resta-nos a possibilidade de perceber alguns de seus inúmeros atributos, o que é o suficiente, no momento, para compreendermos a justiça e o amor das leis universais.

Dentro do código divino, instituído pelo Pai Celestial, fica evidente que não existe espaço para punições e castigos às criaturas, ante os erros cometidos, mas, sim, sempre novas oportunidades de reparação, no âmbito da justiça e do amor.

Sabendo que cada ação carrega consigo uma reação da mesma natureza, não será difícil a conclusão de que colhemos a safra decorrente das sementes que livremente plantamos. Boas sementes, colheitas satisfatórias; sementes ruins, produção de má qualidade. Obviamente, será preciso saber o que plantar.

Dessa forma, temos o mérito das conquistas edificantes e a responsabilidade pelos fracassos verificados. Deus, dentro da sua sabedoria, criou as estruturas do Universo para nos garantir plenas condições de vida saudável. Viver no equilíbrio ou seguir pelas vielas dos desajustes é, obviamente, um problema nosso.

“Deus é eterno. Se ele tivesse tido um começo, teria saído do nada, ou, então, teria sido criado por um ser anterior. É assim que, pouco a pouco, remontamos ao infinito e à eternidade.

Deus é imutável. Se Ele estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam estabilidade.

Deus é imaterial, quer dizer, sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria, pois, de outra forma, Ele não seria imutável, estando sujeito às transformações da matéria.

Deus é único. Se houvesse muitos Deuses, não haveria unidade de vistas nem de poder na organização do Universo.

Deus é todo-poderoso, porque é único. Se não tivesse o poder soberano, haveria alguma coisa mais poderosa ou tão poderosa quanto

Ele, e assim não teria feito todas as coisas. E aquelas que Ele não tivesse feito seriam obras de um outro deus.

Deus é soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas menores como nas maiores coisas, e essa sabedoria não nos permite duvidar da sua justiça e nem da sua bondade.” (Questão 13, de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.)

Em realidade, o pouco que conseguimos saber sobre Deus, nosso Pai Celestial, basta para que tenhamos certeza absoluta de que tudo ao redor conspira em nosso favor e nos dá plenas condições para efetuarmos o progresso espiritual que nos está proposto.

Obviamente, se ainda seguimos as trilhas do mundo mergulhados em ações e comportamentos que diferem do que nos ensina o Criador, a deliberação é uma escolha nossa, proporcionando, é claro, os reveses e as dores que, no momento, povoam o nosso âmagô.

Caso queiramos dar outro rumo à vida, pautando nossos dias com comportamentos de equilíbrio e bom senso, tomemos Jesus como modelo, que junto de nós é, sem dúvida alguma, o legítimo representante de Deus na Terra.

Embora toda a estrutura divina ao nosso inteiro dispor, cada um de nós tem o livre-arbítrio para decidir como deseja viver, aceitando a lógica e a evidência das lições evangélicas, ou ignorando-as.

Pelos atributos de Deus que conhecemos, por certo, quando um filho Seu estiver cansado de andar sem rumo, carregado de decepções e angústias, Ele estará de braços abertos para acolhê-lo, com renovadas oportunidades de redenção e aprimoramento.

Reflitamos...

Ter fé é diferente de crer

“Hoje, não mais cogito de crer, pois sei.” (Humberto de Campos, no livro “Boa Nova”, psicografia de Francisco Cândido Xavier.)

A fé é a absoluta confiança que depositamos em uma determinada ideia e não se admite dúvidas. É ter a certeza de que tudo o que Deus faz está certo. Já a crença é a ideia que formamos ou conhecimento que temos sobre determinada situação que pode sofrer alteração.

Um dia a humanidade acreditou que a Terra era o centro do Universo, que só existia o sistema solar, mas as novas descobertas da Astronomia determinaram a mudança dessa crença.

No contexto dos relatos evangélicos podemos exemplificar o que realmente é ter fé e o que é simplesmente crer.

No Evangelho de Lucas (XXII, 54-62), nos deparamos com a afirmativa de Jesus a Pedro, dizendo que o discípulo o negaria três vezes antes que o galo cantasse. E, realmente, o fato se confirmou, pois assim que Jesus foi preso, em três oportunidades, naquela noite tenebrosa, criaturas apontaram Pedro como seguidor do Cristo e, nas três vezes, o discípulo afirmou que não o conhecia.

Pedro seguia Jesus, mas ainda não havia adquirido a fé para sacrificar-se pelo Cristo. Mas tarde, sim, em outras oportunidades, deu plenas provas da sua fé em Jesus.

Já em Atos, 9:1-6, encontramos a narrativa do episódio onde Saulo, o doutor da lei, estando a caminho de Damasco, em perseguição aos Cristãos, com ordem governamental, deparou-se com Jesus. Um clarão imenso tirou-lhe a visão e o fez cair da sua montaria sobre a areia do deserto, momento em que ouviu a voz do Mestre a lhe perguntar: “Saulo, Saulo, por que me persegues?”.

Desse momento em diante não mais vacilou ou teve qualquer dúvida. Orientado pelo Mestre, adentrou a cidade de Damasco em busca de socorro, e, posteriormente, passou bom tempo no deserto meditando sobre o acontecimento, lendo os pergaminhos que guardavam as lições de Jesus.

Determinado e convicto, deixou sua vida de conforto e abundância e, mesmo ante a incompreensão de amigos e familiares mais íntimos, passou

a seguir Jesus, divulgando os ensinamentos dele até o fim de seus dias na Terra, em Roma, quando foi condenado à morte.

Pedro acreditava em Jesus, mas não tinha a verdadeira fé para promover a total reformulação da sua vida, com base no que o Cristo trazia consigo. Já Paulo foi bem diferente: não acreditava em Jesus, mas teve fé o suficiente para tomar direção totalmente oposta àquela que seguia, assim que teve a felicidade de se encontrar com o Cristo.

No livro "O Consolador", Emmanuel, por intermédio da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, informa que crer diz respeito à crença, enquanto a fé é inspiração divina. Diferentemente da simples crença, a fé desperta todos os instintos nobres que encaminham o homem para o bem e, como tal, é a base da regeneração".

Ainda entre as narrativas dos apóstolos sobre a vida de Jesus, encontramos em Mateus, 8:5-13, o relato sobre um Centurião de Roma que procura pelo Mestre, buscando a cura para um dos seus soldados que permanecia no quartel. Quando Jesus se propôs a visitar o doente, o Centurião afirmou que não era preciso, pois que Jesus dali mesmo poderia curá-lo. Então, Jesus o fez, dizendo: "nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé".

Outro momento que se caracteriza nos Evangelhos, como demonstração plena de fé, foi quando Jesus, cercado pela multidão, foi tocado por uma mulher que sofria de uma hemorragia há mais de doze anos, ficando, a partir daquele instante, totalmente curada. (Marcos, 5:25 a 34.) Obviamente que aquela senhora possuía muito mais que crença em Jesus. Possuía fé.

Cabe, então, refletir se já conseguimos conquistar a fé ou se ainda permanecemos apenas na crença.

Pensemos nisso.

O limite do necessário

“A Natureza não traçou o limite do necessário em nossa própria organização? – Sim, mas o homem é insaciável. A Natureza traçou o limite de suas necessidades na sua organização, mas os vícios alteraram a sua constituição e criaram para ele necessidades artificiais.” (Questão 716, de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.)

Por certo, nada será suficiente para aquele que acredita ser sempre pouco o necessário.

A natureza, no contexto das suas sábias leis, definiu com acerto as linhas do equilíbrio, e a inteligência humana tem plena capacidade de discernir entre aquilo que é certo e o que não é devido. Resta, portanto, ao homem, ter o interesse e o desejo de viver em consonância com tais assertivas.

As necessidades artificiais que vão sendo criadas pela sociedade acabam por complicar, sobremaneira, a vida da população terrena. O Planeta, sem dúvida, possui todos os recursos e mecanismos capazes de garantir, com segurança, a vida de todos os habitantes, nos variados aspectos, no entanto, o que vemos hoje, diante da valorização do supérfluo, é uma corrida desenfreada na alimentação do egoísmo, que tantos males proporciona no seio das coletividades.

Não nos basta o necessário, que quase sempre todos possuem, queremos vorazmente contar com aquilo que é supérfluo, e, então, erigimos um sistema de vida na Terra, onde a dor, o sofrimento e as decepções caminham ombreando conosco, como consequências dos nossos desmandos.

Assim, é possível identificar que poucos possuem muito, e em seus cofres guardam o excesso. Por outro lado, muitos possuem pouco, vivendo na carência geral dentro do contexto de uma desequilibrada distribuição de rendas.

Possuir uma camisa que nos protege o corpo é pouco, queremos uma camisa da moda, de preferência que tenha etiqueta de marca famosa, para que possamos desfilarmos com ela pelos caminhos sociais.

Possuir um carro que nos permite a locomoção para distâncias maiores não é suficiente, uma vez que o nosso ego alimenta o desejo de contar

com os préstimos de um carro novo que nos ofereça uma certa posição de prestígio.

Contar com a alimentação suficiente não nos satisfaz, pois que carregamos no íntimo a vontade imensa de desfrutar de mesa farta, recheada de iguarias, para o deleite do nosso apetite insaciável.

Uma casa que nos abrigue das intempéries e que nos sirva de ninho doméstico, quase sempre, não atende aos nossos anseios, pois que carregamos no âmago a proposta de possuir um imóvel requintado que, de preferência, nos ajude a ser vistos sobre um pedestal econômico.

É muito lógico que, dentro do livre-arbítrio, cada um de nós tem o direito de escolher como deseja viver, no entanto, será sempre oportuno refletir se as nossas escolhas nos convêm.

Observando os caminhos da história da humanidade, vamos encontrar aqueles que laboraram, determinadamente, para progresso e evolução social, sempre preocupados com as boas ideias e grandes ideais, no entanto, pouco afeitos às conquistas de bens materiais. Valorizaram sempre o necessário, e dispensaram o supérfluo.

O maior dentre eles foi Jesus. Possuía uma túnica e um par de sandálias, no entanto, foi capaz de mudar, para melhor, o destino da humanidade. Exemplificou o uso dos valores reais, aqueles que permitem ao homem sair da inferioridade para a angelitude, condição que lhe garante a paz e a felicidade. Em momento algum se prendeu a ilusões, fantasias e falsidades.

Observemos, então, enquanto é tempo, como estamos conduzindo os nossos dias: pelas trilhas do necessário ou pelas vielas enganosas do supérfluo?

Reflitamos...

Somos o que fazemos de nós

“O homem tem livre-arbítrio nos seus atos? – Pois se tem a liberdade de pensar, tem a de agir. Sem o livre-arbítrio, o homem seria uma máquina.” (Questão 843, de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.)

Cada criatura é herdeira de si mesma.

Criados por Deus, na simplicidade e na ignorância, cada um de nós tem a liberdade de fazer o seu próprio caminho, escolhendo e decidindo a forma e a maneira que deseja viver.

Assim, estamos hoje na condição evolutiva a que conseguimos chegar, mediante os esforços que empreendemos até o momento. Não fomos além por livre decisão nossa, sendo detentores de algumas virtudes e ainda donos de uma gama incomensurável de defeitos a serem corrigidos.

Fazendo um balanço geral da nossa vida, podemos perceber, nitidamente, que temos muito mais a conquistar do que já conquistamos, pois que os dias de serenidade que sempre almejamos ainda não chegaram. Vivemos tempos de dores e aflições, de angústias e inseguranças, o que bem reflete o estado de insatisfação e inferioridade que segue conosco, nascedouro da ambiência infeliz que nos envolve.

Em realidade não somos criaturas acabadas, mas sim seres que rumam à perfeição, conforme as determinações do sábio código divino que possibilita a cada um chegar à meta proposta quando bem entender.

Sabendo disso e convictos de que os recursos estão disponíveis ao nosso redor, será interessante não perder mais tempo, partindo imediatamente na direção da paz que queremos e da felicidade que tanto sonhamos.

Nada, obviamente, nos será oferecido de forma gratuita, mas tudo nos chegará às mãos na proporção do nosso empenho e dedicação em progredir.

Paulo de Tarso nos ensinou que “será preciso que matemos o homem velho que ainda habita dentro de nós, permitindo o nascimento de um homem novo” (Paulo - Efésios, 4:17-32). Esse “homem velho”, até o momento, ainda não conseguiu a vida de sublimidade e equilíbrio que buscamos. Assim, indispensável refletir, maduramente, sobre o surgimento desse “homem novo”, atrelado aos verdadeiros princípios da moralidade,

dignidade e honradez, e que realmente tenha interesse em conviver com a solidariedade, fraternidade e justiça, no âmbito social em que vivemos.

Indispensável e sumamente importante nunca olvidar que somos o que fizemos de nós até agora. Temos, portanto, os méritos das vitórias alcançadas ao longo do tempo, e, obviamente, a responsabilidade pelos fracassos que surgiram em nosso caminho.

Somos o que somos mediante as escolhas e as deliberações que livremente fizemos. Em momento algum fomos constrangidos ou impedidos de realizar alguma coisa contra a nossa vontade. As Leis Divinas sempre atuaram na defesa dos nossos interesses e anseios. Por certo, ante o quadro sofrível que vivemos, podemos concluir que nossa maturidade insipiente foi a responsável pelas desditas da atualidade.

Mas continuamos livres, e, se não é possível modificar o nosso passado, sem dúvidas, temos plenas condições de alterar o presente, projetando um futuro promissor.

As notáveis lições de Jesus Cristo há dois mil anos estão conosco. "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vai ao Pai, senão por mim." (Jesus - João, 14:6). Este, certamente, é o roteiro. Qualquer outra direção a seguir será, incontestavelmente, a direção do equívoco.

Reflitamos...

- Fim -